

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Raquel Valente de Oliveira

**ELEMENTOS PARA A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO A
PARTIR DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A LINGUAGEM CORPORAL DOS
JOGADORES DE VOLEIBOL**

Santa Maria, RS
2019

Raquel Valente de Oliveira

**ELEMENTOS PARA A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO A PARTIR DA
PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A LINGUAGEM CORPORAL DOS JOGADORES DE
VOLEIBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação Física**.

Orientador: Prof. Dr. João Francisco Magno Ribas

Santa Maria, RS
2019

Oliveira, Raquel Valente de
ELEMENTOS PARA A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO A PARTIR
DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A LINGUAGEM CORPORAL DOS
JOGADORES DE VOLEIBOL / Raquel Valente de Oliveira.- 2019.
169 p.; 30 cm

Orientador: João Francisco Magno Ribas
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de
Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2019

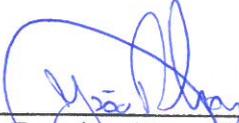
1. Educação Física 2. Esportes Coletivos 3. Praxiologia
Motriz 4. Voleibol 5. Levantamento I. Ribas, João Francisco
Magno II. Título.

Raquel Valente de Oliveira

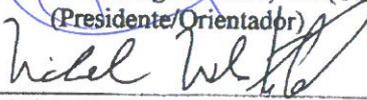
**ELEMENTOS PARA A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO A PARTIR DA
PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A LINGUAGEM CORPORAL DOS JOGADORES DE
VOLEIBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

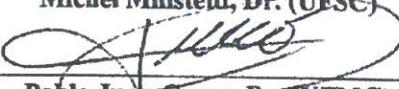
Aprovado em 01 de julho de 2019:



João Francisco Magno Ribas, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Michel Milistetd, Dr. (UFSC)



Pablo Juan Greco, Dr. (UFMG)



Antonio Guilherme Schmitz Filho, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação aos meus pais, Terezinha Odete Valente Oliveira e Jader da Silva Oliveira, que sempre me incentivaram nos estudos e em minhas decisões profissionais, e a minha irmã Rosélia Valente Oliveira, por todo amor e cumplicidade.

AGRADECIMENTOS

A realização e conclusão dessa dissertação contou com o apoio e incentivo de várias pessoas especiais e, por isso, quero agradecer-las profundamente por estarem ao meu lado nessa caminhada:

Primeiramente, agradeço a Deus que nos momentos mais difíceis dessa etapa esteve presente em minha vida, me protegendo e dando forças para vencer e seguir fervorosamente essa jornada.

A minha mãe, Terezinha Odete Valente Oliveira, meu pai, Jader da Silva Oliveira, e minha irmã, Rosélia Valente Oliveira, meus alicerces. Sem eles não seria possível chegar até aqui e me tornar a pessoa que sou hoje. Agradeço de coração por todo amor e carinho que me deram ao longo desse percurso e de minha vida. Por sempre me mostrarem o caminho do bem e de Deus e por me incentivarem a lutar por meus objetivos. Amo muito vocês!

Ao Bruno Minuzzi Lanes, meu namorado, por estar ao meu lado durante todo o período do mestrado e, anteriormente a isso, da graduação. Por todo apoio e ajuda nos momentos mais difíceis, me dando força para alcançar o objetivo que almejo profissionalmente. Pelo amor e carinho dado todos os dias. Por ser essa pessoa tão maravilhosa que não mede esforços para estar ao meu lado. Por todos os momentos de alegrias e celebração da vida. Te amo.

Ao meu orientador, professor João Francisco Magno Ribas, pela confiança depositada durante todo o mestrado e parte da graduação. Por todos os ensinamentos profissionais e pessoais. Pelo incentivo e dedicação com seus alunos.

A todos os membros do Grupo de Pesquisa no qual faço parte, o GEP – Brasil, pelos ensinamentos, cumplicidade, momentos de aprendizagem em reuniões e discussões científicas. Pela amizade durante todo o período que estivemos juntos no Grupo e fora dele.

A todos os professores da graduação e do mestrado, bem como aos membros da banca, pelos ensinamentos, pelas contribuições e por todo o conhecimento compartilhado.

A Universidade Federal de Santa Maria, pelo acolhimento e oportunidade de formação em uma das melhores universidades do país, pública e de qualidade. Serei grata e levarei em meu coração todos os momentos vividos nessa universidade que significa muito em minha vida.

Obrigada a todos!

“Não se pode falar de educação sem amor”.

(Paulo Freire)

RESUMO

ELEMENTOS PARA A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO A PARTIR DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A LINGUAGEM CORPORAL DOS JOGADORES DE VOLEIBOL

AUTORA: Raquel Valente de Oliveira
ORIENTADOR: João Francisco Magno Ribas

O Voleibol, enquanto prática motriz de grande relevância social e cultural, apresenta-se como um esporte coletivo em que seus jogadores realizam leituras constantes, análises e interpretações, tanto de companheiros quanto de adversários, para, posteriormente, se antecipar e tomar a melhor decisão no jogo. Como área de conhecimento que visa analisar a lógica interna de todas as práticas motrizes que constituem o campo da Educação Física, tem-se a Praxiologia Motriz. Dentre um dos conceitos oriundos dessa teoria científica, destaca-se o Praxema, objeto de estudo desta pesquisa, no qual se configura como um significativo conhecimento referente à linguagem e expressão corporal dos jogadores, apresentando-se como um elemento fundamental para o participante atuar, realizar a leitura dos demais jogadores e interpretá-los. A partir disso, essa pesquisa objetivou sistematizar os elementos relativos à linguagem corporal dos jogadores de Voleibol que orientam a Leitura Praxêmica e a tomada de decisão do Levantador, fundamentado nas interações de cooperação e oposição estabelecidas no jogo. Para isso, realizou-se uma pesquisa teórica, na qual foram utilizados artigos, livros, teses e dissertações que têm como temática principal o Voleibol e a leitura de jogo, selecionados em cinco fontes de pesquisas: Portal de Periódicos CAPES/MEC; Revistas Brasileiras da área da Educação Física; Acervo da Biblioteca do Centro de Educação Física da Instituição; Acervo do Grupo de Pesquisa; Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES. Para a delimitação dessas produções científicas selecionou-se, de acordo com seu título e resumo, aquelas publicadas entre os anos de 2000 a 2018 e no idioma português. Os estudos selecionados foram interpretados a partir da Análise de Conteúdo temático-categorial. Como resultados obtidos, os elementos não Praxêmicos mais apontados pelos estudos analisados que orientam a leitura de jogo do Levantador foram: Tipo de Saque (saque); Qualidade do Passe (recepção); Posição dos Atacantes (ataque); Composição do Bloqueio (bloqueio); Qualidade da Cobertura, Trajetória da Bola, Posição dos Jogadores da Cobertura, Características dos Jogadores da Cobertura, Velocidade da Bola (cobertura); Posição dos Defensores (defesa adversária); Qualidade da Defesa (defesa da equipe); Situações de Jogo (elementos gerais); Tipo de Levantamento (próprio levantador). Já os elementos Praxêmicos mais mencionados pelas produções científicas analisadas que norteiam a Leitura Praxêmica do Levantador foram: Salto (saque); Posicionamento de Mãos/Braços, Flexão de Joelhos, Deslocamento dos Passadores (recepção); Movimentação dos Atacantes (ataque); Deslocamento dos Bloqueadores (bloqueio); Deslocamento dos Defensores (defesa adversária); Posicionamento de Mãos/Braços, Flexão de Joelhos, Deslocamento dos Defensores (defesa da equipe); Deslocamento/Movimentação dos Jogadores (elementos gerais); Salto (próprio levantador). Fundamentado nos resultados desta pesquisa, é possível afirmar que os elementos sistematizados – não Praxêmicos e Praxêmicos – se complementam no contexto do jogo de Voleibol, orientando a leitura e a tomada de decisão do Levantador durante as mais variadas situações pelas quais ele é responsável no momento do Levantamento.

Palavras-chave: Praxema. Levantamento. Leitura de Jogo. Tomada de Decisão. Praxiologia Motriz.

RESUMEN

ELEMENTOS PARA EL LECTURA DE JUEGO EN EL LEVANTAMIENTO DESDE EL PRAXIOLOGÍA MOTRIZ: EL LENGUAJE DEL CUERPO DE LOS JUGADORES DE VOLEIBOL

AUTOR: Raquel Valente de Oliveira
DIRECTRICES: João Francisco Magno Ribas

El Voleibol, como motor practica de gran relevancia social y cultural, se presenta como un deporte colectivo en el que sus jugadores realizan constantes lecturas, análisis e interpretaciones, tanto de compañeros como de oponentes, para anticipar y tomar la mejor decisión. Como área de conocimiento que tiene como objetivo analizar la lógica interna de todas las prácticas motrices que constituyen el campo de la Educación Física, tenemos la Praxiología Motriz. Entre uno de los conceptos derivados de esta teoría científica, destacamos Praxema, el objeto de estudio de esta investigación, en el cual se configura como un conocimiento significativo con respecto al lenguaje y la expresión corporal de los jugadores, presentándose como un elemento fundamental para que el participante actúe, leer a los otros jugadores e interpretarlos. A partir de esto, esta investigación tuvo como objetivo sistematizar los elementos relacionados con el lenguaje corporal de los jugadores de Voleibol que guían la Lectura Praxémica y la toma de decisiones del Levantador, según las interacciones de cooperación y oposición establecidas en el juego. Para ello, se realizó una investigación teórica, en la que se utilizaron artículos, libros, tesis y disertaciones que tienen como tema principal el Voleibol y la lectura de juegos, seleccionados en cinco fuentes de investigación: Portal de Periódicas CAPES/MEC; Revistas Brasileñas en el área de Educación Física; Colección de la Biblioteca del Centro de Educación Física de la Institución; Colección del Grupo de Investigación; Catálogo de Tesis y Disertaciones - CAPES. Para la delimitación de estas producciones científicas, según su título y resumen, se seleccionaron las publicadas entre los años 2000 a 2018 y en lengua portuguesa. Los estudios seleccionados fueron interpretados a partir del Análisis de Contenido temático-categorial. Según los resultados obtenidos, los elementos no Praxémicos más señalados por los estudios analizados que guían el lectura de juego del Levantador fueron: Tipo de Saque (saque); Calidad del Pase (recepción); Posición de los Atacantes (ataque); Composición de Bloqueo (bloqueo); Calidad de Cobertura, Trayectoria de la Pelota, Posición de los Jugadores en la Cobertura, Características de los Jugadores en la Cobertura, Velocidad de la Pelota (cobertura); Posición de los Defensores (defensa contraria); Calidad de Defensa (defensa del equipo); Situaciones de juego (elementos generales); Tipo de Levantamiento (levantador propio). Los elementos Praxémicos más mencionados por las producciones científicas analizadas que guían la Lectura Praxémica del Levantador fueron: Salto (saque); Posicionamiento Mano/Brazo, Flexión de la Rodilla, Desplazamiento del Pasajero (recepción); Movimiento de los Atacantes (ataque); Desplazamiento de los Bloqueadores (bloqueo); Desplazamiento de los Defensores (defensa opuesta); Posicionamiento Mano/Brazo, Flexión de Rodilla, Desplazamiento del Defensor (defensa del equipo); Desplazamiento/Movimiento de Jugadores (elementos generales); Salto (propio levantador). Sobre la base de los resultados de esta investigación, es posible afirmar que los elementos sistematizados - no Praxémicos y Praxémicos - se complementan entre sí en el contexto del juego de Voleibol, orientando al lectura y la toma de decisiones del Levantador en las situaciones más variadas de las que es responsable en este momento de el Levantamiento.

Palabras clave: Praxema. Levantamiento. Lectura de Juego. Toma de Decisión. Praxiología Motriz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Levantamento e suas interações motrizes.....	14
Figura 2 – Estrutura do Praxema.....	16
Figura 3 – Modelo Pendular da tomada de decisão.....	38
Figura 4 – Sistema de Classificação CAI.....	44
Figura 5 – Comunicação Práxica.....	48
Figura 6 – Manifestação de Praxemas no Levantamento do Voleibol.....	55
Figura 7 – Manifestação de Praxemas no ataque do Voleibol.....	57
Figura 8 – Momentos do Voleibol e suas interações motrizes.....	68
Figura 9 – Interação motriz do Levantamento com o saque.....	78
Figura 10 – Interação motriz do Levantamento com a recepção.....	82
Figura 11 – Interação motriz do Levantamento com o ataque.....	87
Figura 12 – Interação motriz do Levantamento com o bloqueio.....	92
Figura 13 – Interação motriz do Levantamento com a cobertura.....	96
Figura 14 – Interação motriz do Levantamento com a defesa adversária.....	99
Figura 15 – Interação motriz do Levantamento com a defesa da equipe.....	102
Figura 16 – Salto: saque em suspensão e saque em apoio.....	122
Figura 17 – Tipos de Lançamento da Bola.....	124
Figura 18 – Movimento do Braço Dominante do sacador: saque por cima e saque por baixo.....	126
Figura 19 – Posição do Corpo em Relação à Bola: saque por cima e saque por baixo.....	127
Figura 20 – Deslocamento do Sacador e direção da bola.....	128
Figura 21 – Posicionamento de Mãos e Braços nas ações motrizes da recepção.....	131
Figura 22 – Atuação dos passadores - membros inferiores.....	131
Figura 23 – Posição de Expectativa na recepção.....	132
Figura 24 – Passadas (corrida) de Preparação e Salto no ataque.....	135
Figura 25 – Deslocamento dos Bloqueadores – passadas de preparação para o bloqueio.....	139
Figura 26 – Posicionamento dos Braços Sobre a Rede: bloqueio defensivo e bloqueio ofensivo..	141
Figura 27 – Flexão de Joelhos e Cotovelos (posição de expectativa).....	142
Figura 28 – Jogador da cobertura.....	144
Figura 29 – Defesa adversária.....	146
Figura 30 – Defesa da equipe.....	148
Figura 31 – Salto: Levantamento em suspensão e Levantamento em apoio.....	152
Figura 32 – Movimento das Mãos/Braços: largada de segunda e Levantamento com uma das mãos.....	153
Figura 33 – Movimento do Tronco, Movimento da Cabeça, Movimento dos Punhos e Projeção do Quadril.....	155
Figura 34 – Parte Inferior do Corpo – membros inferiores.....	155
Figura 35 – Ação Motriz: toque e manchete.....	156
Figura 36 – Alinhamento dos Braços: Levantamento lateral.....	157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de artigos encontrados no Portal de Periódicos CAPES/MEC.....	25
Gráfico 2 – Número de artigos encontrados em Portais <i>online</i> das Revistas Nacionais da área de Educação Física.....	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes de pesquisa e número de estudos selecionados.....	28
Quadro 2 – Papeis e Subpapeis do Voleibol.....	61
Quadro 3 – Número de estudos utilizados na pesquisa.....	72
Quadro 4 – Estudos que apresentam elementos não Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.....	74
Quadro 5 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao saque.....	79
Quadro 6 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à recepção.....	83
Quadro 7 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao ataque.....	87
Quadro 8 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao bloqueio.....	92
Quadro 9 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à cobertura.....	96
Quadro 10 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à defesa adversária.....	99
Quadro 11 – Relação recepção, cobertura e defesa.....	102
Quadro 12 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à defesa da equipe.....	103
Quadro 13 – Elementos gerais que orientam a leitura de jogo do Levantador.....	106
Quadro 14 – Elementos que orientam a leitura de jogo dos demais jogadores em relação ao próprio Levantador.....	112
Quadro 15 – Estudos que apresentam elementos Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.....	117
Quadro 16 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao saque..	120
Quadro 17 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à recepção.....	129
Quadro 18 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao ataque.	133
Quadro 19 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao bloqueio.....	137
Quadro 20 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à defesa adversária.....	145
Quadro 21 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à defesa da equipe.....	147
Quadro 22 – Elementos gerais que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador.....	149
Quadro 23 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica dos demais jogadores em relação ao próprio Levantador.....	150

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
1.1.	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	18
2.	OBJETIVO GERAL	21
2.1.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
3.	METODOLOGIA	23
4.	LEITURA DE JOGO E TOMADA DE DECISÃO: ELEMENTOS TÁTICOS À PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DO ESPORTE	31
4.1.	LEITURA DE JOGO E TOMADA DE DECISÃO	33
5.	PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A TEORIA DE JOGOS E ESPORTES	41
5.1.	COMUNICAÇÃO PRÁXICA.....	47
6.	PRAXEMA: A LINGUAGEM EXPRESSA PELO CORPO	51
7.	O VOLEIBOL SOB AS LENTES DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ	59
7.1.	MOMENTOS DO JOGO DE VOLEIBOL	64
8.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	71
8.1.	ELEMENTOS NÃO PRAXÊMICOS QUE ORIENTAM A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO	73
8.1.1	Saque.....	77
8.1.2	Recepção	81
8.1.3	Ataque.....	86
8.1.4	Bloqueio	91
8.1.5	Cobertura	95
8.1.6	Defesa Adversária.....	98
8.1.7	Defesa da Equipe	101
8.1.8	Elementos Gerais	106
8.1.9	Próprio Levantador.....	111
8.2.	ELEMENTOS PRAXÊMICOS QUE ORIENTAM A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO	115
8.2.1	Saque.....	120
8.2.2	Recepção	129
8.2.3	Ataque.....	133
8.2.4	Bloqueio	137
8.2.5	Cobertura	143
8.2.6	Defesa Adversária.....	144
8.2.7	Defesa da Equipe	146
8.2.8	Elementos Gerais	148
8.2.9	Próprio Levantador.....	150
9.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
	REFERÊNCIAS	163

1. INTRODUÇÃO

O esporte se apresenta como uma das manifestações culturais mais difundidas na sociedade, em que se manifesta em diferentes contextos, como no lazer, no ambiente escolar, no alto rendimento, na prevenção da saúde, na recuperação e reabilitação. (GRECO; BENDA, 1998). Pimentel, Galatti e Paes (2010) corroboram com isso ao descrever que, atualmente, o esporte configura-se como um fenômeno globalizado e motivador de eventos internacionalmente reconhecidos, cenário de manifestações políticas e de poder, envolvendo grupos específicos em acontecimentos locais.

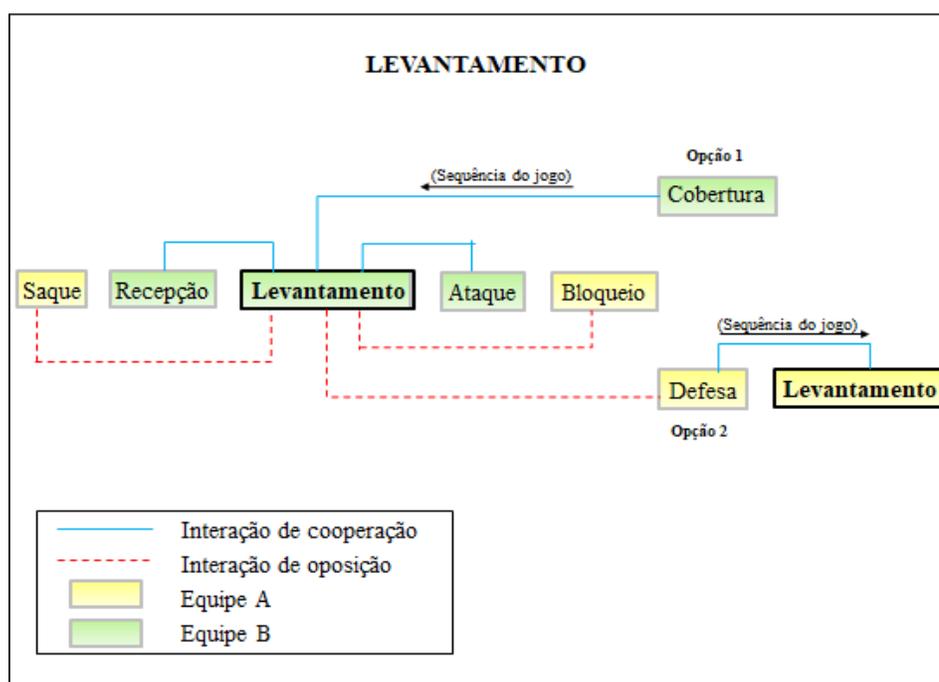
Como uma das manifestações esportivas presentes no contexto brasileiro, posteriormente ao futebol, o Voleibol configura-se como o segundo esporte coletivo mais praticado no Brasil (BRASIL, 2013), em diferentes âmbitos de ensino, seja ele formal ou informal. Ele se apresenta como um esporte dinâmico, pois as ações realizadas durante o jogo não podem ser individualizadas, o que impossibilita que seus jogadores executem sucessivos toques na bola. Além da eminente necessidade de cooperar no jogo, esse aspecto dinâmico também é dado a partir da restrição quanto à habilidade motora que essa modalidade esportiva concede – o “rebater” como forma de atuar durante o jogo, o que inviabiliza seus jogadores de reterem a bola para si e monopolizá-la. (FAGUNDES et al., 2017).

Como uma área de conhecimento que visa analisar a lógica interna de todas as práticas motrizes que constituem o campo da Educação Física, assim como o Voleibol, tem-se a Praxiologia Motriz. Ela se caracteriza como uma teoria científica referente a jogos e esportes, dispondo de instrumentos que objetivam analisar seu funcionamento e descrever os elementos essenciais de cada prática motriz, caracterizando-a de acordo com seu regulamento. (PARLEBAS, 2001).

Fundamentado nos conhecimentos da Praxiologia Motriz, constata-se, como representado na Figura 1, que o Levantamento é o momento do Voleibol que mais estabelece interações motrizes durante o jogo, tanto de cooperação quanto de oposição. Portanto, o jogador responsável por atuar nesse momento deve atentar-se a diferentes aspectos relacionados aos adversários (oposição) e a sua própria equipe (cooperação), com o intuito de tomar a melhor decisão alicerçado em uma gama de informações do ambiente. (RIBAS, 2014). Sendo assim, para a sistematização desta pesquisa, optou-se pelo momento do Levantamento justamente pela sua complexidade e pelo alto número de interações que o mesmo possui no jogo, o que amplia as possibilidades de aplicação e a

abrangência deste estudo no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol. De acordo com Fröhner (2012), o Levantador exerce uma das funções mais complexas do jogo ao considerar as interações que o mesmo estabelece durante a partida, bem como os elementos que precisa ler e interpretar para desempenhar com eficiência sua função de organizador das ações ofensivas da equipe.

Figura 1 – Levantamento e suas interações motrizes.¹



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Para que o êxito nas situações seja alcançado, torna-se imprescindível que o Levantador realize, constantemente, a leitura de diferentes elementos do jogo, como as ações motrizes de companheiros (jogadores da recepção, do ataque, da cobertura e da defesa da equipe) e de adversários (jogadores do saque, do bloqueio e da defesa adversária). (RIBAS, 2014). Alicerçado na percepção e leitura desses elementos, o Levantador é capaz de optar pelas melhores decisões durante o jogo, dependendo de suas possibilidades e das permissões ou proibições que as regras da modalidade impõem.

¹ A figura na íntegra, com todas as interações motrizes presentes no jogo, encontra-se na página 68.

É importante destacar que nem sempre o jogador responsável por atuar no momento do Levantamento será o Levantador da equipe. Em sistemas de jogo como o 4x2 e o 5x1, por exemplo, em que há a especialização dos jogadores por função, o Levantador configura-se como o jogador responsável por atuar sempre que possível nesse momento do jogo. No entanto, há situações em que outro jogador, como os atacantes ou até mesmo o líbero, precisa intervir no Levantamento, geralmente quando o Levantador não consegue chegar a tempo de exercer sua função. Mediante tais situações, destaca-se que para a realização da sistematização deste estudo, foi estabelecido que ao fazer referência ao momento do Levantamento, automaticamente se está fazendo menção ao jogador responsável por desempenhar a função de Levantador.

Como alguns dos elementos emergentes do contexto esportivo do Voleibol que orientam a leitura de jogo do Levantador, tem-se os espaços vazios da quadra, posicionamento de companheiros e adversários, combinações de jogadas, trajetória e velocidade da bola e características físicas dos jogadores. (RIBAS, 2014). Para a sistematização proposta por esta pesquisa, tais elementos, quando oriundos do contexto esportivo ou do conhecimento prévio dos jogadores, são denominados de *elementos não Praxêmicos*. Além desses, pode-se ainda citar aqueles que se manifestam, especificamente, pela *linguagem e movimentação corporal* de quem atua, que, segundo a Praxiologia Motriz, são chamados de Praxemas, cujos elementos são denominados na sistematização de *elementos Praxêmicos*.

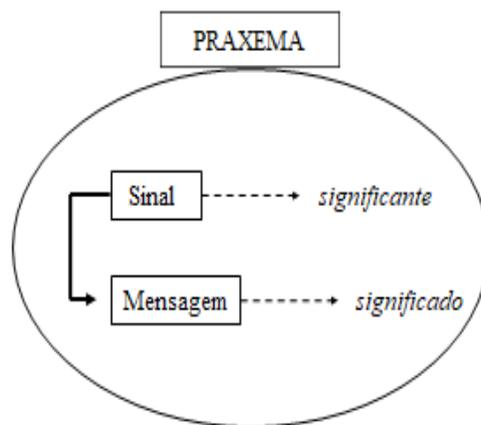
Sendo assim, o Praxema é um dos conceitos oriundos da Praxiologia Motriz referente à leitura de jogo, no qual se caracteriza como um significativo conhecimento relativo à *linguagem corporal* dos jogadores. De acordo com Oliveira, Ribas e Gomes-da-Silva (2018), o Praxema, juntamente com sua devida Leitura Praxêmica, se faz fundamental para o participante atuar, realizar a leitura das intenções e ações dos demais jogadores, interpretá-los e tomar decisões acerca dessas informações emitidas corporalmente. Indo ao encontro da sistematização proposta, por elementos Praxêmicos entende-se a *sequência de movimentos* realizados durante o jogo, ou seja, *seguimentos corporais* que no seu conjunto compõem o Praxema, sendo este a linguagem do corpo em sua totalidade.

De acordo com Parlebas (2001), criador da Praxiologia Motriz, o Praxema define-se como a “conduta motriz² de um jogador interpretada como um signo, cujo significante é o comportamento

² A conduta motriz define-se pelas características internas do indivíduo que atua em determinada prática motriz, carregada de significados, que leva por traz um sentido e uma intenção. Cada jogador possui uma maneira única e

observável e cujo significado é o projeto tático correspondente ao dito comportamento, tal e como é percebido”. (PARLEBAS, 2001, p. 349). Para melhor compreensão, o autor ainda exemplifica essa definição a partir da modalidade do basquetebol, destacando que em uma determinada situação em que a equipe está com a posse da bola e um de seus jogadores se desloca pela lateral da quadra, essa imagem da ação representa o *significante* de um signo, provinda da orientação e movimentação corporal do jogador enquanto ele se desloca por determinado espaço da quadra. Seu companheiro que está com a bola poderá interpretar esse signo como a solicitação de um passe, representando o *significado* da ação do jogador. Portanto, o “significante” representa o sinal que é vinculado a uma mensagem, cuja mensagem é o “significado” da ação que foi realizada. A associação desses dois elementos, do *significante* (sinal) do jogador e do *significado* de sua ação (mensagem), corresponde ao Praxema. (PARLEBAS, 2001).

Figura 2 - Estrutura do Praxema.



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir do exposto acima, constata-se que quando o jogador de determinada prática motriz atua no jogo por meio de ações, o mesmo emite mensagens (sinais) sobre sua intencionalidade e sua tomada de decisão. Essa mensagem é manifestada através de seu *comportamento observável*, sendo passível de decodificação e interpretação por parte dos demais jogadores que, por sua vez, realizam a chamada Leitura Praxêmica. Esse comportamento observável corresponde à linguagem

singular de interpretar e realizar as ações motrizes durante o jogo, tendo suas características distintas dos demais jogadores. (PARLEBAS, 2001).

corporal do jogador, chamada também de linguagem “não verbal”, uma vez que por meio da expressão corporal, o jogador pode se comunicar com os demais, através de “signos corporais”. Portanto, o Praxema se expressa pela *linguagem corporal* que representa uma mensagem referente às ações motrizes do jogo (LAGARDERA; LAVEGA, 2003), estando diretamente relacionado ao processo de tomada de decisão, ao indicar qual ação será realizada pelo jogador.

Os sinais suscetíveis de entrar na constituição dos praxemas são muito numerosos: posição dos apoios, orientação da cabeça e dos diferentes segmentos, troca de direção, aceleração, modo de ocupar o espaço, distâncias, braço “armado” e corrida... É o protagonista que atribui o valor do praxema a uma sequência comportamental observada. O signo praxêmico dá origem a uma decodificação subjetiva que pode variar consideravelmente [...]. Por outro lado, esta capacidade de decodificação e antecipação é o que fundamenta a qualidade das decisões e das intervenções táticas dos jogadores. (PARLEBAS, 2001, p. 349-350).

No Voleibol, a observação detalhada dos praticantes é algo muito importante para o contexto do jogo e para a leitura como um todo, pois é a partir dela que os sinais e os Praxemas são identificados durante a partida. (PARLEBAS, 2001). A identificação dos Praxemas é um processo complexo que exige alto grau de decodificação por parte de quem objetiva lê-los e interpretá-los. Como alguns dos fatores que dizem respeito à manifestação dos Praxemas e que influenciam em sua identificação e decodificação, pode-se destacar: as características do jogador, sua maneira própria de realizar as ações durante o jogo, ou seja, sua conduta motriz, seu posicionamento em quadra, suas possibilidades de ações, as diferentes situações do jogo e a relação do jogador com o ambiente da prática. Mesmo o Praxema sendo expresso pelo comportamento corporal de quem está atuando, o mesmo tem influência significativa do ambiente/contexto da prática.

No que diz respeito ao Levantamento, momento do jogo em que se detém a sistematização proposta por esta pesquisa, pode-se afirmar que são muitos os elementos que norteiam a leitura de jogo e a tomada de decisão do participante que nele atuar: alguns relacionados às características peculiares daqueles com quem ele interage (conhecimento prévio) e aquelas informações fruto do próprio contexto do jogo. No entanto, tendo em vista que *o corpo de quem atua diz muito sobre suas ações e intenções*, acredita-se que os elementos expressos pela movimentação e linguagem corporal também são fundamentais para a leitura desse jogador e para seu processo de tomada de decisão. Com isso, torna-se necessário que o Levantador realize a Leitura Praxêmica tanto de companheiros quanto de adversários nas diferentes situações do jogo.

A partir deste exposto, tem-se como problemática da pesquisa: quais são os elementos relativos à linguagem corporal dos jogadores de Voleibol que orientam a Leitura Praxêmica e a tomada de decisão do Levantador no momento do Levantamento? Com essa sistematização pretende-se auxiliar profissionais da área, desde professores de Educação Física escolar até treinadores do alto rendimento, a desenvolverem com seus alunos ou atletas os elementos e as informações relevantes oriundas do contexto do jogo que norteiam seus processos cognitivos, tornando-os sujeitos mais autônomos perante a lógica interna do Voleibol e as situações-problema que ocorrem constantemente. Esses conhecimentos certamente contribuem para a organização da prática pedagógica desses profissionais e para a melhor compreensão do funcionamento do Voleibol por parte de seus alunos, sendo essa a pretensão da referida pesquisa.

1.1. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

O Voleibol caracteriza-se como um dos esportes coletivos mais praticados na sociedade, seja com um caráter competitivo ou lúdico, no ambiente escolar ou no alto rendimento. Mesmo com a existência de teorias e estudos que abordem conhecimentos referentes ao ensino do Voleibol, carece-se ainda de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas acerca dessa prática motriz que contribuam para seu processo de ensino. Desse modo, a busca por conhecimentos científicos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dessa modalidade esportiva torna-se cada vez maior.

Constata-se, por meio da literatura nacional e internacional, que ao fazer referência ao Voleibol, aborda-se sobre diversos conhecimentos inerentes a essa prática e oriundos do jogo, como suas ações técnico-táticas, os métodos de ensinamentos dos esportes, os processos cognitivos envolvidos, a validação e aplicação de instrumentos de mensuração, dentre outros. No entanto, outros conhecimentos como os Praxemas também são notoriamente essenciais para o jogo, tendo em vista os processos comunicativos e contracomunicativos estabelecidos entre os jogadores e sua atuação no contexto esportivo. Verifica-se ainda que quase não há pesquisas acerca do Praxema, tão pouco relativo ao Voleibol, sendo insuficientemente abordado em pesquisas científicas da área, considerando sua importância sobre os processos de leitura de jogo, antecipação e tomada de decisão. (OLIVEIRA; RIBAS; GOMES-DA-SILVA, 2018). Assim, identifica-se a necessidade de

estudos que apresentem proposições e sistematizações de conhecimentos que possam auxiliar no ensino do Voleibol, em seus mais diferentes contextos de inserção.

A partir deste panorama, a presente pesquisa justifica-se na medida em que busca uma fundamentação teórica consistente em relação ao ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol e aos elementos e informações oriundas do contexto do jogo que norteiam a leitura e a tomada de decisão de seus participantes, fundamentado nos conhecimentos da Praxiologia Motriz. No que diz respeito à Praxiologia Motriz, ressalta-se sua relevância neste estudo como teoria base, pois a mesma proporciona a alunos e atletas, bem como professores e treinadores, a compreensão do funcionamento das mais variadas práticas motrizes. Seus conhecimentos possibilitam o entendimento de toda estrutura e lógica interna do Voleibol, desde a classificação perante um esporte coletivo, até suas interações motrizes, os processos táticos de leitura de jogo e tomada de decisão e a descrição dos elementos fundamentais que a caracterizam.

Diante disso, destaca-se que o Voleibol, assim como os demais esportes coletivos, carece ainda de aprofundamento teórico que dê embasamento ao trabalho do profissional envolvido, superando o ensino tecnicista que ainda prevalece em alguns processos de ensino. Nesse sentido, a Praxiologia Motriz vem com o objetivo de contribuir para superar o ensino analítico e dicotômico dos esportes, trazendo conhecimentos consistentes, tanto para a melhor atuação dos profissionais, quanto para o melhor entendimento de alunos e atletas acerca da lógica interna da prática motriz em questão.

Mediante o ensino tecnicista que ainda persiste em alguns âmbitos esportivos, pretende-se com essa pesquisa fornecer os profissionais da área uma proposta de sistematização referente a diversos conhecimentos que devem ser enfatizados e contemplados no processo de ensino do Voleibol. Defende-se que além do aluno realizar corretamente o gesto técnico das ações de jogo, instigar o desenvolvimento de seus processos cognitivos e dos elementos táticos do jogo também são de suma importância para a atuação do aprendiz durante o ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol. Por essa razão, incluir tais objetivos e procedimentos em sua prática pedagógica torna-se fundamental para o trabalho do professor ou treinador envolvido, no que diz respeito a seu campo prático de atuação. Sendo assim, a pretensão desta pesquisa é dar suporte a esse profissional mediante a sistematização acerca dos elementos/informações que precisam ser consideradas pelos alunos/atletas nos distintos momentos do jogo que compõem a dinâmica do Voleibol, especialmente no Levantamento. Tais elementos/informações, sejam elas provenientes da

linguagem e movimentação corporal dos jogadores ou do próprio contexto esportivo, podem auxiliá-los em sua atuação no que tange, principalmente, à percepção dos sinais relevantes do jogo, à realização da leitura adequada de tais sinais e, baseado em todas essas informações provindas da lógica interna do Voleibol, tomar a decisão técnico-tática mais adequada para o jogo.

2. OBJETIVO GERAL

- Sistematizar os elementos relativos à linguagem corporal dos jogadores de Voleibol que orientam a Leitura Praxêmica e a tomada de decisão do Levantador, fundamentado nas interações de cooperação e oposição estabelecidas no jogo.

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever os conceitos de Leitura de Jogo e Tomada de Decisão, com base na literatura da área e alicerçado nos conhecimentos da Pedagogia do Esporte;
- Dissertar sobre a Praxiologia Motriz e seus principais conceitos, destacando o Praxema como um de seus conhecimentos que norteiam os processos de Leitura de Jogo e Tomada de Decisão;
- Apresentar e discutir a lógica interna do Voleibol, os momentos do jogo e as interações motrizes de cooperação e oposição estabelecidas entre eles, a partir da Praxiologia Motriz;
- Sistematizar os elementos Praxêmicos e não Praxêmicos, identificados na produção científica da área, que orientam a leitura de jogo do Levantador, considerando as interações motrizes estabelecidas com os demais jogadores do Voleibol.

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos do estudo, realizou-se uma pesquisa teórica, pois foram utilizadas obras, como livros, capítulos de livros e artigos científicos, materiais que contribuíram para o levantamento do referencial teórico da pesquisa e para a construção da sistematização proposta. De acordo com Demo (2009, p. 35), a pesquisa teórica é “orientada para a (re)construção de teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes”. Ainda segundo o autor, a pesquisa teórica implica no rigor conceitual, argumentação diversificada, capacidade explicativa, desempenho lógico e análise apurada da literatura. Quanto ao nível da pesquisa, o estudo caracteriza-se por ser de cunho exploratório, pois tem como objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (GIL, 2008, p. 27). Isso justifica-se a medida em que o Praxema é um tema pouco abordado pelas pesquisas científicas da área, tornando-se necessário realizar um aprofundamento teórico consistente em relação ao mesmo, para ser primeiramente esclarecido e suficientemente explorado.

Na busca pela delimitação do referencial teórico, empregaram-se os critérios propostos por Salvador (1986), sendo eles: parâmetro temático, principais fontes, parâmetro linguístico e parâmetro cronológico. Em relação ao parâmetro temático e às principais fontes, foram consideradas obras bibliográficas que discorrem sobre o Praxema/Leitura Praxêmica nas mais diferentes práticas motrizes, além de obras acerca da Pedagogia do Esporte, da leitura de jogo, da tomada de decisão, do Voleibol, da Praxiologia Motriz e alguns de seus conhecimentos, como o Sistema de Classificação CAI, os Universais Ludomotores, a Comunicação Práxica, os Papeis e Subpapeis Sociomotores e as interações motrizes. Para cada uma das temáticas abordadas, pode-se citar os principais autores/obras que embasaram essa pesquisa: Quando referente à Pedagogia do Esporte – Larissa Galatti e colaboradores; leitura de jogo e tomada de decisão – Pablo Greco; Praxiologia Motriz e seus conhecimentos – Pierre Parlebas e a obra “Juegos, deporte y sociedad. Léxico de Praxiología Motriz”, como a referência base para esse estudo ao se tratar dessa teoria científica, além dos autores Francisco Lagardera e Pere Lavega, com a obra “Introducción a la Praxiología Motriz” e João Ribas acerca do Voleibol e da Praxiologia Motriz, com a obra “Praxiologia Motriz e Voleibol: elementos para o trabalho pedagógico”.

Considerando o parâmetro linguístico, selecionou-se e analisou-se principalmente obras da literatura nacional, além de obras em espanhol por serem bases teóricas clássicas referentes à Praxiologia Motriz e seus conhecimentos. Já em relação ao parâmetro cronológico, não se delimitou o referencial teórico por meio de um recorte temporal, para não perder informações essenciais contribuintes para o desenvolvimento da pesquisa.

Portanto, para a realização deste estudo, o mesmo foi dividido em dois momentos. No primeiro momento realizou-se a construção do referencial teórico da pesquisa, buscando sua organização conceitual acerca das temáticas: leitura de jogo e tomada de decisão; Praxiologia Motriz e conceitos afins com o tema da pesquisa; Praxema; Voleibol sob as lentes da Praxiologia Motriz, cada uma com seu respectivo capítulo. Já no segundo momento, como resultados da pesquisa, sistematizou-se sua parte propositiva referente aos elementos Praxêmicos e não Praxêmicos que orientam a leitura de jogo do Levantador, balizada pelas interações motrizes que são estabelecidas no Voleibol.

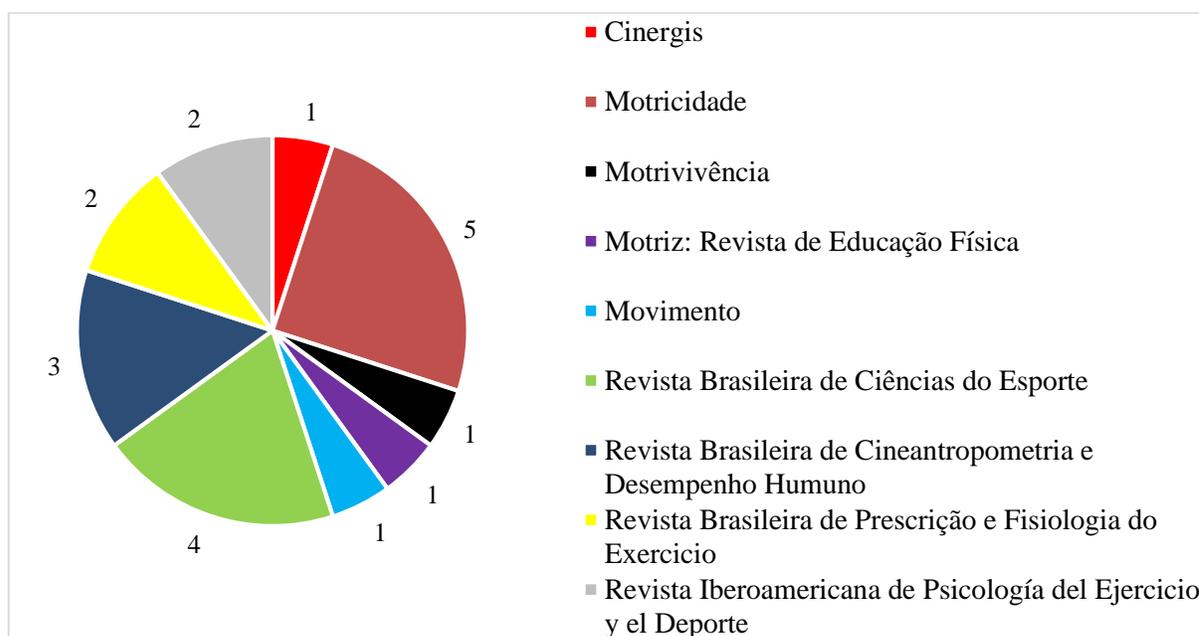
Para esta sistematização, selecionou-se artigos científicos, livros, dissertações e teses que têm como temática principal o Voleibol e a leitura de jogo. Para a busca de tais materiais, a primeira fonte de pesquisa utilizada foi a Plataforma online do Portal de Periódicos CAPES/MEC. Nela, foram delimitados os estudos publicados entre os anos 2000 a 2018³, pelo fato de que as modificações mais significativas e recentes nas regras do Voleibol ocorreram em 1998, com a introdução do líbero, e em 2000, com a implantação do rally point system. (MATIAS; GRECO, 2011a). Além da definição do período de publicação, também se delimitou a busca ao termo “Voleibol” e apenas aqueles trabalhos dispostos em português. No que tange ao idioma de publicação, optou-se em restringir a busca aos artigos publicados em português devido ao grande número de materiais encontrados, não somente no Portal de Periódicos CAPES/MEC, mas também nas outras fontes de pesquisa. Ao contemplar artigos em outros idiomas, como inglês e espanhol, se tornaria inviável realizar posteriormente a leitura e a interpretação de todo o material coletado.

Com isso, ao consultar a Plataforma online do Portal de Periódicos CAPES/MEC foram encontrados 323 resultados, sendo 320 artigos, dois livros e um recurso textual. Desse total de 323, selecionou-se, previamente, de acordo com o título e o resumo dos trabalhos, **20 artigos** que vão ao encontro do objetivo da sistematização desta pesquisa, nos quais foram lidos na íntegra. Quanto ao

³ A seleção foi feita até o final do ano de 2018 (31 de dezembro), pelo fato de que a análise dos referidos estudos selecionados teve início em janeiro de 2019.

critério de exclusão, tanto no Portal de Periódicos CAPES/MEC quanto nas demais fontes de pesquisa, foram excluídos aqueles estudos que possuíam um caráter mais fisiológico, biológico, histórico, antropológico, dentre outros, identificados mediante seus respectivos resumos. Abaixo, dispõe-se do Gráfico 1 que representa os 20 artigos selecionados na Plataforma online do Portal de Periódicos CAPES/MEC com suas respectivas revistas científicas.

Gráfico 1 – Número de artigos encontrados no Portal de Periódicos CAPES/MEC.



Fonte: Elaborado pela autora.

No sentido de complementar a busca do Portal de Periódicos CAPES⁴, ainda foram consultados os portais *online* de 11 das principais Revistas Nacionais da área da Educação Física que possuem pertinência no campo acadêmico e que contemplam, em seu escopo, a temática Esporte, sem delimitá-los quanto ao Qualis Capes: Motricidade; Motrivivência; Motriz: Revista de Educação Física; Movimento; Pensar a Prática; Revista Brasileira de Ciência e Movimento; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Revista da Educação Física; Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte; Revista Mineira de

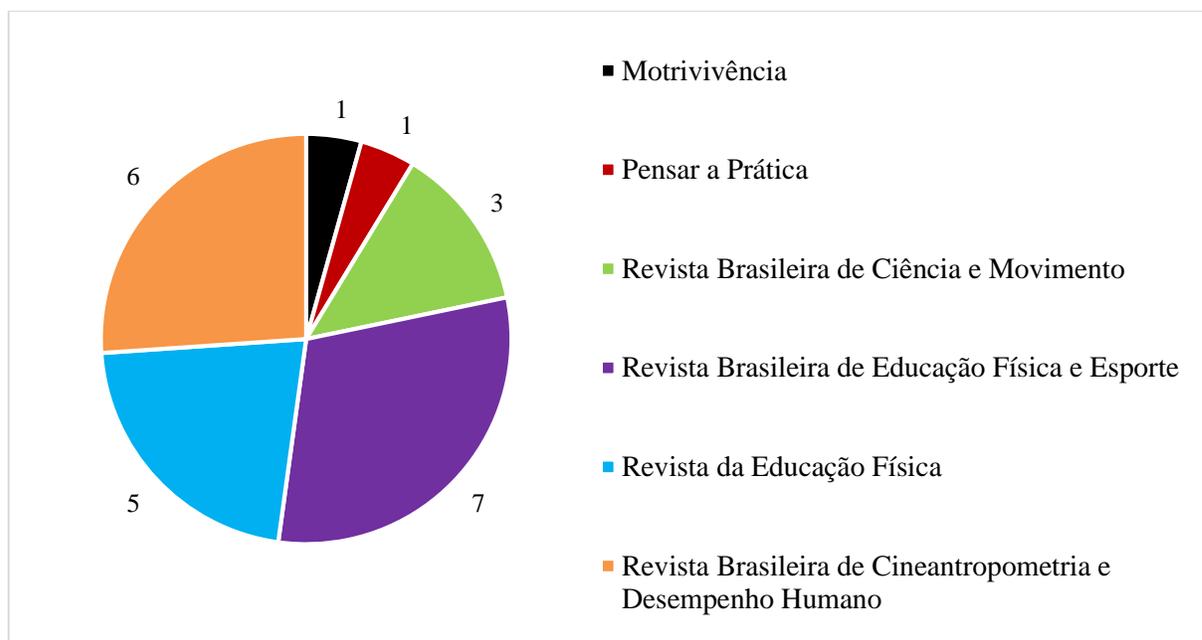
⁴ Se teve a intenção de complementar a busca no Portal de Periódicos CAPES, ao incluir pontuais Revistas da área da Educação Física, ao se perceber que esse Portal apresentou certa imprecisão quanto aos artigos científicos que tratam da temática Voleibol.

Educação Física. No entanto, desses periódicos, houveram dois em que seu acesso online não estava disponível e, por essa razão, não foi possível realizar a pesquisa e considerá-las para este estudo: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte e Revista Mineira de Educação Física.

Para a referida busca, também se utilizou do descritor “Voleibol” e aqueles publicados entre o período de 2000 a 2018, onde a seleção foi feita a partir do título e da leitura do resumo dos manuscritos. Por conseguinte, das nove revistas consultadas, além dos artigos que já haviam sido selecionados anteriormente no Portal de Periódicos CAPES e, portanto, iriam se repetir, ainda foram encontrados *17 novos artigos* em cinco revistas: Motrivivência; Pensar a Prática; Revista Brasileira de Ciência e Movimento; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Revista da Educação Física.

Além das nove revistas descritas acima, também foram consultados, com os mesmos critérios de seleção quanto ao termo de busca e período de publicação, três periódicos que tiveram seus artigos selecionados no Portal de Periódicos CAPES/MEC, mesmo tendo um caráter mais direcionado à saúde, atividade física e aspectos biológicos: Cinergis; Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano; Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício. Nelas, foram selecionados *seis novos artigos*, todos publicados na Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano. Portanto, nos 12 portais *online* das Revistas Brasileiras da área da Educação Física, foram selecionados, de acordo com o objetivo da sistematização deste estudo, um total de **23 artigos**, conforme o Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 – Número de artigos encontrados em Portais *online* das Revistas Nacionais da área de Educação Física.



Fonte: Elaborado pela autora.

Outra fonte de pesquisa utilizada especificamente para a busca de livros foi o Acervo da Biblioteca do Centro de Educação Física da Instituição que, por sua vez, possui os cursos de graduação e pós-graduação em Educação Física. Para isso, empregou-se o termo “Voleibol” no sistema online da Biblioteca Setorial do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria, onde foram encontradas, inicialmente, 62 obras sobre o referido tema. Optou-se por não delimitar o período e o idioma de publicação, pois isso poderia excluir obras importantes para a sistematização. Em um segundo momento, refinou-se a busca a partir do título das obras, com o intuito de eleger aquelas que provavelmente contribuiriam para a pesquisa, restando um total de **27 livros**. Em seguida, consultou-se presencialmente o sumário desses 27 para selecionar apenas aqueles livros ou alguns capítulos em específico que coincidiam com o objetivo deste estudo, nos quais foram lidos na íntegra.

Além da Biblioteca do Centro de Educação Física da Instituição, ainda se consultou o Acervo do Grupo de Pesquisa, com o intuito de contemplar os livros que não tratam somente do Voleibol, mas de diferentes esportes coletivos, o que, todavia, seria uma busca muito ampla ao se pensar o Acervo anterior. Portanto, fez-se a seleção dessas obras a partir de seu título, elegendo aquelas que continham as palavras “jogos esportivos coletivos”, “esportes coletivos”, “esportes

com rede dividida” ou “Voleibol”. Dessa forma, foram selecionados **sete livros**, quatro sobre Voleibol e três que tratavam também de outras modalidades.

Como última fonte de pesquisa, consultou-se ainda o Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES. Considerando o elevado número de trabalhos presentes nessa plataforma online, também se delimitou àqueles publicados no período de 2000 a 2018, apenas os escritos em português e com o termo de busca “Voleibol”. Foram encontradas 175 dissertações e 30 teses, nas quais foram selecionadas, segundo o título e o resumo, um total de **12 dissertações e 4 teses**. Esses 16 trabalhos foram lidos na íntegra ou somente alguns capítulos pontuais, de acordo com o sumário de cada um.

À mercê deste entendimento, o Quadro 1 elucida as fontes de pesquisa utilizadas com seu respectivo número de estudos pré-selecionados para a elaboração da sistematização proposta por esta pesquisa.

Quadro 1 – Fontes de pesquisa e número de estudos selecionados.

Fontes de Pesquisa	Nº de estudos pré-selecionados
Portal de Periódicos CAPES/MEC	20 artigos
Revistas Nacionais da área da Educação Física	23 artigos
Acervo da Biblioteca do Centro de Educação Física da Instituição	27 livros
Acervo do Grupo de Pesquisa	7 livros
Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES	16 dissertações/teses
Total	93 estudos

Fonte: Elaborado pela autora.

Como explicitado acima, obteve-se um total de 93 estudos que foram pré-selecionados em cinco fontes de pesquisa, com o intuito de, a partir de seus conteúdos, construir um instrumento teórico referente aos *elementos Praxêmicos e não Praxêmicos que orientam a leitura de jogo e a tomada de decisão do Levantador*. Ao selecionar as referidas obras, essas foram lidas, seja na

íntegra (artigos) ou em partes (teses, dissertações e livros), e interpretadas a partir da Análise de Conteúdo temático-categorial. (OLIVEIRA, 2008). A análise de Conteúdo caracteriza-se como uma das formas de análise e tratamento dos dados, conjunto de técnicas para interpretação das obras, um instrumento de pesquisa científica com distintas formas de aplicações, cujos procedimentos utilizados podem variar conforme os objetivos do estudo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994; FRANCO, 2012; SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2010).

Segundo Bardin (2000 apud OLIVEIRA, 2008), a análise de conteúdo possui algumas etapas: a) pré-análise: escolha das obras a serem analisadas; b) exploração do material: recorte e desmembramento do texto, criação e reagrupamento em categorias; c) tratamentos dos resultados e interpretação: colocar em relevo informações fornecidas pela análise realizada anteriormente, podendo apresentar os dados em diagramas, figuras e tabelas. Dentre um dos tipos de análise de conteúdo, tem-se a temático-categorial que utiliza da interpretação ao invés de inferências estatísticas. Ela funciona em etapas, por desmembramento do texto em unidades e em categorias, com o intuito de reagrupá-las de acordo com sua similaridade, após uma minuciosa interpretação dos dados. (FRANCO, 2012).

Com base neste pressuposto, durante a leitura e interpretação detalhada dos 93 estudos selecionados, foram sendo extraídos de seus respectivos textos os elementos provenientes da movimentação corporal dos jogadores – elementos Praxêmicos, bem como aqueles oriundos do contexto do jogo e do conhecimento prévio dos jogadores – elementos não Praxêmicos, sempre quando referentes aos momentos ou jogadores que o Levantamento/Levantador estabelece interação motriz (contra)comunicativa no Voleibol. Mediante a extração desses elementos, os mesmos foram sendo agrupados por categorias e denominados quanto a suas peculiaridades.

Tanto para a sistematização dos elementos Praxêmicos quanto dos não Praxêmicos, estas categorias foram criadas à priori ao agrupamento dos elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador, sendo essas categorias equivalentes aos momentos do jogo de Voleibol: saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio, defesa e cobertura. A criação dessas categorias e o agrupamento dos elementos por momentos do jogo possibilitaram a interpretação criteriosa dos dados obtidos através da leitura dos estudos anteriormente selecionados (artigos, livros/capítulos, dissertações e teses).

Sendo assim, para a apresentação da sistematização, seguiu-se a ordem hipotética do jogo em relação à sequência desses referidos momentos e de suas respectivas interações motrizes:

- 1) Saque (interação de oposição);
- 2) Recepção (interação de cooperação);
- 3) Ataque (interação de cooperação);
- 4) Bloqueio (interação de oposição);
- 5) Cobertura (interação de cooperação);
- 6) Defesa Adversária (interação de oposição);
- 7) Defesa da Equipe (interação de cooperação).

Para cada um dos elementos apontados na sistematização, foi devidamente indicado, conforme as cinco fontes de pesquisa, o número de estudos em que os mesmos foram citados, levando em consideração que um mesmo elemento pode ter sido citado mais de uma vez em uma mesma pesquisa, não sendo novamente contabilizado. Esses dados quantitativos permitem a melhor visualização de quais elementos de cada categoria estão sendo mais e menos enfatizados nas pesquisas científicas brasileiras da área.

Após essa primeira estruturação teórica, ainda foram sistematizados aqueles elementos que não são específicos de um determinado momento ou jogador, ou ainda que não foram devidamente especificados no decorrer do texto dos estudos selecionados, no quais foram denominados de elementos gerais. Por fim, também foram apontados e discutidos aqueles elementos que orientam a leitura de jogo dos demais participantes do Voleibol, ou seja, elementos provenientes do próprio Levantador que podem auxiliar na tomada de decisão daqueles que estabelecem interação comunicativa ou contracomunicativa com o Levantador.

4. LEITURA DE JOGO E TOMADA DE DECISÃO: ELEMENTOS TÁTICOS À PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

Atualmente, o esporte se manifesta na sociedade como um fenômeno sociocultural de grande relevância para a humanidade, com diversificada abrangência, em variados contextos. Bento (1991, p. 17) explicita que o esporte se caracteriza como “um fenômeno sociocultural que representa, promove e disponibiliza formas muito distintas, mas todas especificamente socioculturais e historicamente datadas, de lidar com a corporalidade”. Essa manifestação cultural mostra-se como objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, como da fisiologia, biologia, medicina, pedagogia, antropologia, dentre outras, com sua respectiva especificidade de pesquisa.

Uma das áreas de conhecimento que também se dedica em estudar as práticas esportivas e compreendê-las em sua complexidade é a Pedagogia do Esporte, enquanto disciplina pertencente às Ciências do Esporte. (GALATTI et al., 2014). Essa disciplina aborda os mais variados temas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento de diferentes manifestações esportivas, além de outras temáticas associadas que vão desde a iniciação esportiva até o treinamento de alto rendimento, formação de professores e de treinadores, procedimentos didático-metodológicos, princípios didático-pedagógicos, técnicas de ensino e aspectos técnico-táticos (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013), ou seja, conhecimentos que, de uma forma ou de outra, subsidiam o ensino dos esportes. Sendo assim, a Pedagogia do Esporte também compreende o esporte como um fenômeno social e cultural, com diferentes significados e formas de manifestações. (GALATTI, 2006).

No contexto brasileiro, esta área de conhecimento teve influência de pesquisadores portugueses, como Jorge Bento, Júlio Garganta, Amândio Graça, Isabel Mesquita, José Oliveira e Fernando Tavares, tornando-se objeto de pesquisa de diversos autores brasileiros que passaram a dedicar-se a essa temática, sendo eles: Alcides Scaglia, Juarez Nascimento, Larissa Galatti, Michel Milistetd, Michel Saad, Paulo Montagner, Riller Reverdito, Roberto Paes, dentre outros. Conforme alguns desses pesquisadores, a Pedagogia do Esporte configura-se como uma linha de estudos de diversificada abrangência, na qual relaciona-se ao ato de “organizar, sistematizar, aplicar e avaliar procedimentos pedagógicos adequados para processos de ensino, especialização e treinamento de diversas modalidades esportivas”. (GALATTI et al., 2008, p. 398). Além disso, ela aborda

procedimentos pedagógicos que potencializam o processo de ensino, aprendizagem e treinamento dos esportes, proporcionando possibilidades educacionais, de modo a desenvolver estratégias pedagógicas em seus mais diferentes contextos. Segundo Galatti (2006), no que diz respeito às modalidades coletivas, cabe a Pedagogia do Esporte contemplar princípios pedagógicos com o intuito de formar jogadores inteligentes, capazes de solucionar as diferentes situações-problema que o jogo constantemente impõe.

Corroborando com isso, Bento (1999) e Paes (2001) apontam que a Pedagogia do Esporte atribui às práticas esportivas uma função educativa, visando o desenvolvimento do aluno, de maneira integral, tendo o jogo como o instrumento facilitador desse processo. Bento (1999, p. 31) destaca ainda que a Pedagogia do Esporte

problematiza a ação humana, não na sua abrangência e generalidade, mas restringindo o seu olhar a determinados tipos de ação marcados pelo jogo e pelo empenhamento do movimento e da corporalidade. Mais concretamente amarra-se ao compromisso de analisar, interpretar e compreender as diferentes formas de ação lúdico-esportiva à luz de percepções pedagógicas.

Desse modo, a Pedagogia do Esporte aborda questões que vão além de aspectos metodológicas, avançando em procedimentos pedagógicos, com o intuito de trabalhar com o esporte em sua totalidade. Esse campo científico busca relacionar conhecimentos para observar a realidade da prática esportiva, apontando novas propostas de intervenção pedagógica, potencializando o desenvolvimento das dimensões físicas, cognitiva e afetiva do aluno-atleta, concedendo-lhes uma formação como cidadão através da educação por meio do esporte. (GALATTI, 2006).

No que tange os processos de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes, a Pedagogia do Esporte difunde e defende a concepção de que as práticas esportivas devem ter seu ensino focado no contexto do jogo, visando a compreensão de sua totalidade. Ratificando essa ideia, Moura et al. (2008) destacam que os modelos de ensino devem ser pautados na compreensão do jogo, de modo a ofertar ao aluno ou atleta determinados procedimentos pedagógicos, estruturados a partir de situações-problema. Essa proposta ressalta que as situações-problema possibilita ao aluno a compreensão do jogo e o desenvolvimento de algumas capacidades, como a de ler e interpretar o jogo, antecipar-se e tomar decisões, de modo a saber o que fazer frente à determinadas situações. (MOURA et al., 2008). Essas situações, por sua vez, oportunizam a seus participantes analisarem

os momentos de instabilidade do jogo, solucionar os problemas individuais e coletivos, compreender a complexidade do jogo, além de proporcionar o desenvolvimento de diferentes capacidades, como motora, cognitiva e afetiva dos jogadores. (GALATTI et al., 2008).

Dessa forma, a Pedagogia do Esporte aponta para a utilização de propostas contemporâneas para o ensino dos esportes coletivos, as quais visam a compreensão do jogo com foco em elementos táticos, destacando que o aprendizado da técnica deve se apresentar em função do contexto do jogo. (GALATTI et al., 2014). Portanto, ela vai de encontro aos modelos balizados pelo princípio analítico-sintético que propõe o ensino das modalidades esportivas a partir de exercícios lineares, desenvolvendo as habilidades motoras de forma isolada do âmbito do jogo. Esse modelo visa a repetição de determinadas tarefas em forma de exercícios, sustentado em uma concepção tradicional de ensino que objetiva um padrão de movimento. (GALATTI et al., 2012).

O equívoco dos modelos analíticos para o ensino dos esportes coletivos está na predominância de exercícios que objetivam o desenvolvimento da técnica em detrimento da lógica de jogo, sem considerar elementos determinantes, como a imprevisibilidade e variabilidade das jogadas, a presença de companheiros e adversários, o objetivo do jogo, ou seja, sua lógica de funcionamento, bem como os processos de leitura de jogo e tomada de decisão, elementos táticos essenciais para o jogo. Sendo assim, foi a partir dessas discussões acerca dos modelos e concepções consideradas as mais adequadas para o ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos que se passou a considerar os elementos táticos relativos aos processos de leitura de jogo e tomada de decisão no contexto do jogo, visto sua importância na atuação de seus participantes.

À mercê desse entendimento, estes processos serão aprofundados a seguir, pois configuram-se como conhecimentos fundamentais para o ensino do Voleibol, bem como para a sistematização proposta neste estudo.

4.1. LEITURA DE JOGO E TOMADA DE DECISÃO

Como explicitado anteriormente, a leitura de jogo e a tomada de decisão constituem-se como processos oriundos da lógica do jogo, relacionados a seus aspectos táticos. Atualmente, são muitos os estudos que tratam dessas temáticas, seja a partir da Pedagogia do Esporte ou de outra perspectiva teórica. Partindo do objetivo desse estudo, cuja sistematização diz respeito aos elementos provindos da linguagem corporal dos jogadores de Voleibol que orientam a leitura de

jogo e a tomada de decisão do Levantador, torna-se necessário discorrer, aprofundadamente, sobre ambos elementos táticos.

Sendo assim, pode-se afirmar que o processo de leitura de jogo está subordinado a percepção de mensagens dos jogadores e/ou demais elementos constituintes da lógica do jogo, para processar informações e resolver as situações-problema impostas pelo contexto esportivo. Por isso, a capacidade do jogador em ler o conjunto de situações e seus elementos, interpretá-los e antecipar-se, torna-se um dos processos mais relevantes para sua atuação no jogo. Segundo Greco (2006a), essas capacidades estão relacionadas aos processos cognitivos dos jogadores que englobam um conjunto de informações passíveis de serem processadas. No Voleibol, devido a prevalência de imprevisibilidade e aleatoriedade nas jogadas, a capacidade em ler o comportamento e as mensagens de companheiros e adversários, bem como a leitura e interpretação de suas ações, são capacidades cognitivas de suma importância para o desenvolvimento do jogo. (TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006).

Portanto, é possível afirmar que nos esportes de cooperação e oposição, os processos de leitura de jogo e tomada de decisão apresentam-se como elementos táticos essenciais para estabelecer a comunicação e a contracomunicação motriz entre os jogadores. A exemplo do Voleibol, Matias (2009) salienta que o Levantador, ao realizar a leitura do jogo a partir de processos cognitivos, deve verificar diferentes elementos oriundos desse contexto, como os bloqueadores e defensores da equipe adversária, a qualidade da recepção de sua equipe, a disponibilidade de seus atacantes e, a partir disso, determinar a movimentação do ataque em relação ao bloqueio adversário, tomando a melhor decisão em detrimento desses elementos e opções, mediante a situação imposta. Com isso, a leitura de jogo torna-se fundamental a medida em que dá suporte ao praticante e o possibilita a desenvolver e aprimorar o processo de tomada de decisão durante o jogo. (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

De acordo com Afonso, Garganta e Mesquita (2012), a tomada de decisão, por sua vez, configura-se como um processo complexo que ocorre em situações de elevada pressão temporal. Tomar uma decisão significa elaborar um plano e executar uma resposta, tendo como base a interpretação de informações que são obtidas em situações com inúmeras escolhas. (GRECO, 2006a). Greco (2001) corrobora com isso ao destacar que nos esportes, a tomada de decisão se concretiza por meio da execução de uma habilidade motora que terá relação com o contexto da

prática. Em situações reais de jogo, a realização dos gestos motores implica em uma ação tática que é determinada pela tomada de decisão. (MATIAS; GRECO, 2010).

Nos esportes coletivos, os jogadores estão em um constante processo de tomada de decisão devido, dentre outros aspectos, à incerteza do jogo resultante das interações motrizes estabelecidas entre companheiros e adversários. (JIMÉNEZ JIMÉNEZ, 2011). A tomada de decisão ganha relevância nessas modalidades esportivas, uma vez que o jogador precisa desenvolver princípios táticos e estratégicos em virtude das ações dos demais participantes.

Conforme Greco (2001), considera-se um jogador eficiente aquele que apresenta elevadas capacidades cognitivas, ao possuírem o entendimento de “o que fazer”, “como fazer” e “quando fazer” determinada ação no jogo. Assim, quanto maior for a facilidade do jogador em executar as ações, maior será sua capacidade em eleger uma opção tática, de ler o contexto do jogo como um todo e/ou alguns elementos, bem como de tomar decisões frente à determinadas opções. A eficiência do jogador não está apenas na execução dos gestos técnicos, mas também na capacidade de ler o jogo, compreendê-lo e de tomar decisões. Corroborando com isso, Matias e Greco (2010) afirmam que jogadores que se destacam possuem alta capacidade cognitiva, de perceber certos componentes do jogo, de antecipar-se, de realizar a leitura e de tomar decisões, elementos esses relacionados aos aspectos táticos do jogo.

A partir deste pressuposto, Greco (2006a; 2006b) apresenta duas classes de estruturas que abordam o conhecimento técnico-tático dos jogadores: o Conhecimento Declarativo e o Conhecimento Processual. O Conhecimento Declarativo refere-se aos fatos que podem ser declarados, suscetível de descrição, relativo à capacidade do jogador em descrever/relatar sobre a melhor decisão a ser tomada em determinada situação e o porquê, conhecimento referente ao saber “o que fazer”. Já o Conhecimento Processual diz respeito ao saber “como fazer”, referindo-se à compreensão acerca da realização dos gestos técnicos e de procedimentos motores. Esse conhecimento envolve a capacidade em executar determinadas ações e o grau de habilidade necessário para tal, que com o tempo de atuação acarreta em uma automatização dos movimentos. (GRECO, 2006a, 2006b; MATIAS, 2009; MATIAS; GRECO, 2010).

Estes conhecimentos - Declarativo e Processual - orientam o processo de tomada de decisão, pois essa compreensão por parte dos jogadores viabiliza uma melhor seleção e execução de respostas. (GRECO, 2006b). Para que o jogador atue de forma eficaz no contexto esportivo no qual está inserido, é preciso que ele apresente um comportamento inteligente sobre o que fazer,

quando fazer e como fazer determinadas ações, de modo a possibilitar um melhor entendimento do contexto do jogo. Portanto, a atuação do jogador está diretamente associada a essas classes de estruturas do conhecimento que possibilitam o desenvolvimento de suas capacidades técnico-táticas de forma simultânea, a partir de processos cognitivos.

De acordo com Greco e Benda (1998), nos esportes coletivos, os elementos táticos do jogo são constituídos por processos cognitivos que suscitam em tomadas de decisões. É por meio da cognição que o jogador realiza a leitura de jogo, centrado na seleção de resposta, do mesmo modo que a tomada de decisão envolve processos cognitivos que, por sua vez, refere-se a todos os processos relativos à consciência e ao conhecimento do jogador. (MATIAS; GRECO, 2010). Na perspectiva de Greco (2006a, 2006b), os processos cognitivos são constituídos pela: percepção, atenção, antecipação, memória, pensamento, inteligência e pela tomada de decisão. Esses processos condicionam o desenvolvimento do conhecimento técnico-tático, auxiliando o jogador a executar a melhor ação motriz em diferentes situações do jogo.

Desse modo, a *percepção* refere-se à extração de informações de um determinado meio, situação e/ou de pessoas, a qual permite dar sentido aos acontecimentos. (COSTA; CARDOSO, 2013). Barbanti (2011) advoga que a percepção pode ser compreendida como um processo que possibilita ao indivíduo se tornar consciente dos objetos e das relações que fazem parte de uma modalidade esportiva. Greco (2004) divide a percepção em externa, referente ao espaço, tamanho, formato da quadra e distâncias, e interna que diz respeito às informações da própria pessoa.

No que tange à *atenção*, ela caracteriza-se como um estado intenso e seletivo da percepção. (SAMULSKI, 2002). Segundo Matias e Greco (2010), ela configura-se pela seleção de informações que são relevantes, assumindo um importante papel sob a percepção, pois ela filtra e distingue os diferentes estímulos de uma mesma situação para que apenas os necessários sejam captados pela percepção. No contexto do jogo, a atenção pode ser seletiva, quando centrada em um aspecto específico, ou dividida, quando distribuída por diferentes tarefas. É por meio da atenção que o jogador é capaz de antecipar-se, a partir das informações coletadas, uma vez que ela é a responsável pelo seu nível de capacidade de antecipação. (AFONSO; GARGANTA; MESQUITA, 2012).

A *antecipação*, por sua vez, consiste em perceber e avaliar determinadas situações do jogo para sobressair-se a elas da melhor maneira possível, considerando as experiências anteriores do sujeito. (MATIAS; GRECO, 2010). Conforme Afonso, Garganta e Mesquita (2012), a antecipação

torna-se essencial para a obtenção do resultado almejado pela equipe, pois o jogo requer que seus participantes reajam a determinadas situações com muita rapidez e que se ajustem a tais exigências, com ritmo elevado e com estratégias de antecipação.

A atenção e a antecipação dependem, à priori, da memória. A *memória* é a capacidade de registrar e armazenar informações e experiências, potencializando uma melhor capacidade de tomar decisões, pois quanto melhor for a organização dessas informações cognitivamente, melhor será o desempenho em realizar escolhas durante o jogo. A memória condiciona as respostas aos múltiplos estímulos, de modo que o corpo do jogador irá responder de acordo com determinada memória, operando consciente ou inconscientemente e indicando como o jogador deve agir e executar determinadas ações. (AFONSO; GARGANTA; MESQUITA, 2012). Dessa forma, a memória caracteriza-se por possuir um armazenamento e recuperação de experiências já adquiridas no processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos. (MATIAS; GRECO, 2010).

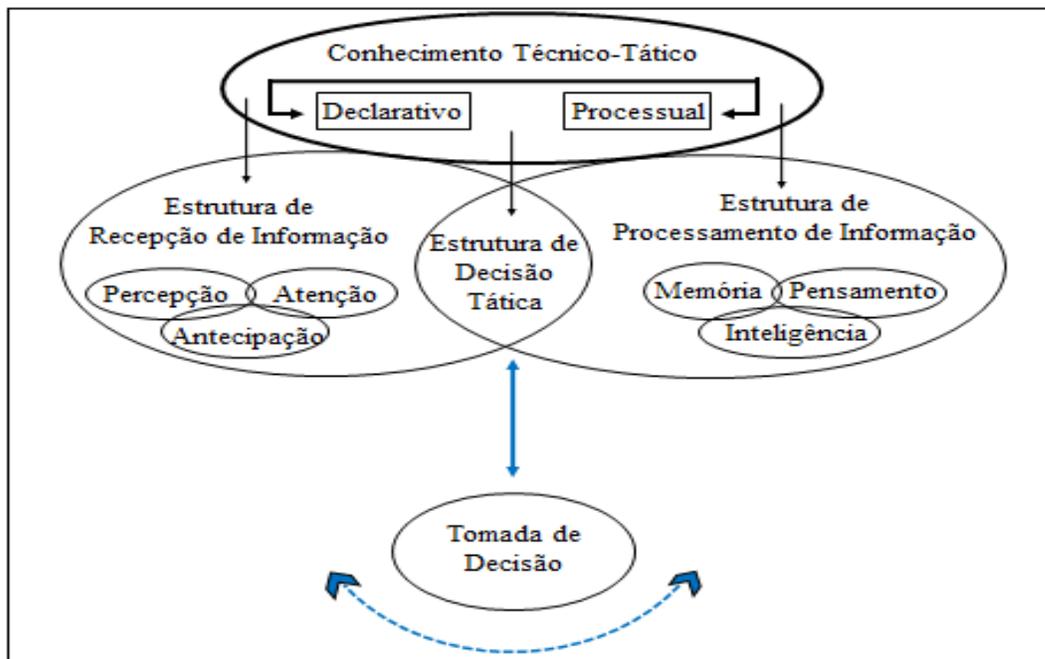
O *pensamento* é um processo cognitivo que almeja auxiliar o jogador na resolução de problemas, a partir de recursos mais adequados, com alternativas pré-definidas. Ele pode estar relacionado à diferentes soluções ainda não definidas, intimamente associado à criatividade do sujeito (pensamento divergente) ou à inteligência do jogador (pensamento convergente). (GRECO, 2006b; MATIAS; GRECO, 2010). No diz respeito à *inteligência*, essa se define pela capacidade mental de resolver os problemas do jogo, raciocinar e compreender algo que emerge desse contexto. (MATIAS; GRECO, 2010). Greco (2006b) afirma que a inteligência tem a função de dar suporte ao jogador mediante novas situações, sustentando-o em sua compreensão.

Por fim, o último processo cognitivo apresentado por Greco (2006a, 2006b) é a *tomada de decisão*, já explicitada anteriormente. Esse elemento tático está intimamente relacionado aos demais processos cognitivos descritos acima, uma vez que a capacidade tática dos jogadores se constitui pela interação de todos eles. Greco e Benda (1998) corroboram com isso ao destacar que a tática se refere às alternativas de decisão, um conjunto de processos psíquico-cognitivo-motor que, com o intuito de cumprir as demandas do jogo, conduzem os jogadores ao processo de tomada de decisão mais adequado. Assim, o desenvolvimento desses processos cognitivos acarretará em uma eficiente elaboração, seleção e execução de respostas, ou seja, uma boa tomada de decisão.

No que tange aos conhecimentos Declarativo e Processual, bem como aos processos cognitivos que permeiam os elementos táticos do jogo, Greco (2006a) apresenta o Modelo

Pendular, no qual consiste em um modelo que visa descrever a relação existente entre o conhecimento técnico-tático e os processos cognitivos associados à tomada de decisão. A estrutura base do processo de tomada de decisão é o Conhecimento técnico-tático, formado pelo Conhecimento Declarativo e Processual. Esse Conhecimento apresenta-se como alicerce para o funcionamento das estruturas que constituem o Modelo Pendular: Estrutura de Recepção de Informação, Estrutura de Processamento de Informação e Estrutura de Decisão Tática.

Figura 3 - Modelo Pendular da tomada de decisão.



Fonte: Adaptada de Greco (2006a, 2006b).

Conforme a Figura 3, a estrutura de Recepção de Informação compreende os processos cognitivos de percepção, atenção e antecipação. Já a estrutura de Processamento de Informação é formada pela memória, pensamento e inteligência. Essas duas estruturas se relacionam com o intuito de dar significado às informações e de formatar o processo de tomada de decisão. Com isso, tem-se a terceira estrutura do Modelo Pendular, a Estrutura de Decisão Tática composto pela tomada de decisão. No entanto, a tomada de decisão não ocorre somente no último momento, ao executar a ação motriz propriamente dita, mas se faz presente em cada uma das estruturas

anteriores, encontrando-se no centro do Modelo justamente para destacar sua importância e a relação com as demais. (GRECO, 2006a, 2006b).

A partir do Modelo Pendular, constata-se que nos esportes coletivos, o processo de tomada de decisão configura-se em decorrência da interação entre as estruturas de Recepção de Informação, de Processamento de Informação e de Decisão Tática que se relacionam de forma simultânea. As informações oriundas desse processo ocorrem de forma paralela, enquanto que suas estruturas se relacionam simultaneamente, o que explica o movimento de pêndulo representado na Figura 3. Constata-se ainda que o conhecimento técnico-tático se concretiza por meio da execução de uma ação motriz no final do processo, após o jogador tomar a decisão mais adequada mediante uma determinada situação-problema, fundamentado por todos os processos cognitivos descritos anteriormente.

A partir deste exposto, entende-se que a leitura de jogo e a tomada de decisão envolvem uma gama de processos cognitivos que, no seu conjunto, objetivam solucionar os problemas impostos pelo jogo através da melhor escolha e decisão a ser tomada. Por intermédio da explanação acerca da estrutura e da constituição desses elementos táticos, elucida-se a importância de ambos para o contexto do jogo e aqueles que nele atuam, assim como para compreender sua relação com o Praxema, uma vez que, segundo Oliveira, Ribas e Gomes-da-Silva (2018, p. 473), “o praxema auxilia ou dificulta a leitura de jogo e a tomada de decisão, dependendo da interação motriz estabelecida entre os jogadores”.

5. PRAXIOLOGIA MOTRIZ: A TEORIA DE JOGOS E ESPORTES

Tendo como pressuposto a origem do termo Praxema/ Leitura Praxêmica, objeto de estudo desta pesquisa, torna-se necessário situar e explicar a Praxiologia Motriz, empregada como matriz conceitual desse estudo. Sendo assim, a Praxiologia Motriz foi idealizada pelo professor francês Pierre Parlebas a mais de 30 anos, com o intuito de construir e sistematizar um conhecimento científico que compreendesse as diferentes práticas motrizes que constituem a área da Educação Física. Conforme a definição de Parlebas (2001, p. 354), a Praxiologia Motriz caracteriza-se pela “Ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento”. Percebendo que essa conceituação utiliza de outros termos da Praxiologia Motriz que precisam ser tratados anteriormente, Lagardera e Lavega (2003) simplificam esse entendimento destacando que ela se apresenta como uma teoria científica que objetiva desvelar a lógica interna de jogos e esportes a partir de suas regras.

No que diz respeito à base teórica da Praxiologia Motriz, Hernández Moreno e Rodrigues Ribas (2004) e Ribas (2014) afirmam que ela está fundamentada no Estruturalismo que, por sua vez, está vinculado às áreas da Sociologia e da Antropologia. Parlebas justifica essa aproximação ao associar os elementos dessas duas áreas de conhecimento ao mundo dos jogos, que se constitui em um âmbito de manifestação social. (RIBAS, 2014). A partir de inspirações de outras áreas como psicologia, matemática, sociologia, antropologia e linguística, Parlebas sistematizou inúmeros conceitos que dão subsídios para se compreender todo o contexto que emerge de uma prática motriz, bem como os instrumentos e saberes necessários para tal. Essa sistematização encontra-se em uma de suas obras, “*Juegos, deporte y sociedad. Léxico de Praxiología Motriz*”, considerada sua mais importante produção acerca da Praxiologia Motriz, na qual reúne todos os conceitos da área. Vale ainda destacar que a Praxiologia Motriz não se configura como uma corrente pedagógica da Educação Física, nem mesmo uma metodologia de ensino, mas sim uma disciplina científica referente à lógica de jogos e esportes.

Partindo do pressuposto de que a Praxiologia Motriz tem como campo de pesquisa as mais variadas práticas motrizes e como objeto de estudo as ações motrizes de tais práticas, Parlebas ainda se remete à Praxiologia Motriz como a Teoria da Ação Motriz. A partir disso, percebe-se a relevância do termo ação motriz frente ao entendimento dessa teoria, uma vez que ela se caracteriza como conceito central e primário. Portanto, Parlebas (2001, p. 41) conceitua a ação motriz como “o

processo de realização das condutas motrizes de um ou vários sujeitos que atuam em determinada situação motriz”. Levando em consideração que a conduta motriz é a maneira particular de cada jogador realizar as ações motrizes do jogo, representando as características próprias do indivíduo dotadas de sentido (LAGARDERA; LAVEGA, 2003), a ação motriz consiste nas possibilidades de realização de movimentos técnico-táticos específicos de cada prática motriz.

A ação motriz está inteiramente relacionada ao sistema de regras que rege a prática, pois é ele que determina a forma como os jogadores poderão atuar e por meio de quais ações motrizes. Exemplificando essa ideia, pode-se afirmar que no momento ataque do Voleibol, o jogador poderá atuar, conforme o regulamento oficial dessa modalidade esportiva, por meio das ações motrizes da cortada, do toque, da manchete ou de outros recursos secundários, conforme as condições que lhes for empregada e considerando o objetivo desse momento ofensivo que é dificultar as ações dos jogadores adversários (bloqueadores e defensores). Conforme Hernández Moreno e Rodrigues Ribas (2004), a ação motriz é um elemento comum, presente em todas as práticas motrizes que, no entanto, se diferencia das demais ações pelo seu objetivo e intencionalidade.

Parlebas compreende toda modalidade esportiva ou lúdica como um sistema praxiológico, no qual possui uma estrutura e uma lógica interna particular, constituída por um conjunto de elementos com distintas características. (PARLEBAS, 2001). De acordo com Lagardera e Lavega (2003), a lógica interna é o modo no qual estão preestabelecidas as ações motrizes de um jogo ou esporte, tornando-se possível, por meio dela, conhecer as interações estabelecidas entre os jogadores e as ações motrizes derivadas do sistema praxiológico. Dentro desse sistema, as ações motrizes podem emergir de quatro possibilidades de interação dos jogadores com demais elementos, descritos por suas regras: relação do jogador com os demais participantes, com o espaço de prática, com o tempo de jogo e com o material utilizado, sendo que esses configuram os quatro pilares da lógica interna. (PARLEBAS, 2001).

Para se compreender um sistema praxiológico é necessário estabelecer uma relação com seu regulamento, seja ele institucionalizado (esportes) ou previamente definido por seus participantes (jogos). As regras do jogo têm por objetivo determinar seu funcionamento no que diz respeito ao espaço, ao material, ao tempo e às interações motrizes estabelecidas com os demais participantes, bem como definir as ações motrizes particulares e oriundas de cada sistema praxiológico. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003). Sendo assim, a lógica interna é tida como a

chave do jogo, pois ela possibilita “conhecer as características de todas as ações motrizes que podem surgir de um sistema praxiológico”. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003, p. 68).

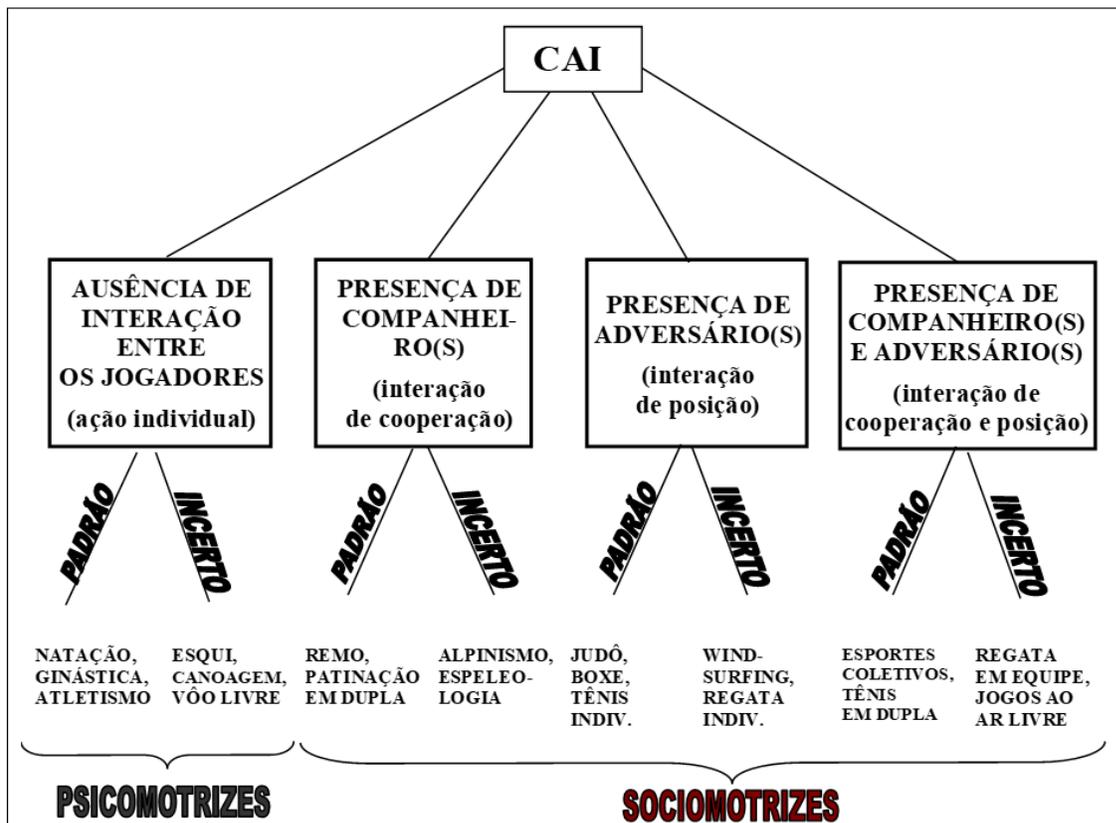
A partir destes conhecimentos relativos à ação motriz, lógica interna e sistema praxiológico, constata-se que a Praxiologia Motriz apresenta conceitos plausíveis em relação às práticas motrizes, tendo por intuito auxiliar em sua compreensão. Para isso, a Teoria da Ação Motriz centra-se em questões que dizem respeito a seu objeto e campo de estudo, terminologias, fundamentos metodológicos, ideologias, classificações e aplicações de seus conhecimentos. (HERNÁNDEZ MORENO; RODRIGUES RIBAS, 2004). Além disso, ela também apresenta instrumentos de análise que objetivam detalhar o universo dos jogos e esportes e ampliar o entendimento de suas lógicas internas. Dentre esses instrumentos destacam-se o Sistema de Classificação CAI e os Universais Ludomotores.

Sistematizado com o objetivo de avançar em relação às classificações até então propostas que, do ponto de vista de Parlebas, não apresentavam plena coerência em seus critérios, o autor elaborou o Sistema de Classificação CAI, no qual consiste na primeira ferramenta para conhecer a lógica interna de um jogo ou esporte. A partir do conceito de lógica interna, o Sistema de Classificação CAI tem como finalidade classificar determinada prática motriz e categorizá-la conforme a presença ou ausência de interação motriz entre seus companheiros de equipe (C) e/ou entre adversários (A) e a relação com o entorno físico, podendo esse ser ou não incerto (I). (PARLEBAS, 1987). Assim, o CAI caracteriza-se como um dos instrumentos de análise que auxilia na organização didática dos conteúdos, possibilitando compreender o funcionamento das diferentes modalidades e suas principais características no que se refere às relações com os demais jogadores e com o meio de realização.

Para a construção do Sistema de Classificação CAI, Parlebas pautou-se no entendimento do jogo como um sistema, considerando sua lógica interna no que diz respeito, principalmente, às relações existentes entre os participantes, podendo ser de cooperação e/ou oposição, e entre o meio de prática, padrão ou incerto. No que tange à existência ou à inexistência de interações motrizes estabelecidas entre os jogadores, evidencia-se quatro grandes grupos: psicomotriz (sem interação); sociomotriz de cooperação (interação de cooperação); sociomotriz de oposição (interação de oposição); sociomotriz de cooperação e oposição (interação de cooperação e oposição simultâneas). Já em relação ao entorno físico, o meio de prática pode ser padrão (estável) ou incerto

(instável), o que dá origem a oito categorias a partir de três critérios iniciais, como ilustrado na Figura 4.

Figura 4 - Sistema de Classificação CAI.



Fonte: Adaptada de Parlebas (1987).

Segundo Parlebas (2001), a interação motriz faz-se presente quando o comportamento motor e as ações de um indivíduo influenciam diretamente na atuação e na execução das ações motrizes de um ou mais jogadores durante a realização de uma tarefa. No que se refere às interações entre os jogadores, no grupo das práticas psicomotrizes enquadram-se aquelas em que seus participantes não estabelecem nenhuma forma de interação com os demais jogadores, nem de cooperação, nem de oposição. Pode-se citar como exemplos de práticas psicomotrizes algumas das provas do atletismo (corrida de 100 metros, salto em altura, salto em distância), além da ginástica, natação e canoagem. Por outro lado, no grupo sociomotriz estão inseridas as práticas que

apresentam algum tipo de interação entre os jogadores, seja ela apenas de cooperação (sociomotriz de cooperação), apenas de oposição (sociomotriz de oposição) ou tanto de cooperação quanto de oposição (sociomotriz de cooperação-oposição).

Nas práticas caracterizadas como sociomotriz de cooperação, a lógica interna é pautada pelas relações de comunicação estabelecidas entre os jogadores por meio de suas ações motrizes, em que há a colaboração entre eles para obter um objetivo comum. O remo em dupla, a ginástica artística, os jogos cooperativos e o frescobol são alguns dos exemplos de práticas sociomotrizes de cooperação. Já em relação às práticas pertencentes ao grupo sociomotriz de oposição, pode-se citar o boxe, o judô, o badminton, o esgrima, o tênis individual e o surfing. Esse grupo caracteriza-se por reunir práticas em que a oposição é a única forma por meio do qual os jogadores podem interagir entre si, cujas ações motrizes são balizadas e pré-definidas em decorrência dessa interação.

Por fim, no grupo das práticas sociomotrizes de cooperação-oposição, os jogadores estabelecem ambas interações simultaneamente, uma vez que as ações motrizes emergentes da lógica interna se concretizam a partir dos processos de comunicação e de contracomunicação. Conforme Lagardera e Lavega (2003), as situações de cooperação e oposição correspondem às práticas equivalentes aos esportes de duelo coletivo, no qual os jogadores dispõem da colaboração de companheiros e da oposição de adversários. Nessas práticas, os jogadores da mesma equipe precisam cooperar para atingir o objetivo do jogo que é comum a todos, em contrapartida, devem opor-se aos adversários, de modo a impedir que esses alcancem tal objetivo. Os principais exemplos desse grupo são o voleibol, o basquetebol, o futsal, o handebol, o futebol e o rugby, modalidades pertencentes aos chamados esportes coletivos, além do tênis em dupla e da regata em equipe.

O último critério destacado pelo Sistema de Classificação CAI é a relação com o entorno físico, sendo ele referente às informações que o participante precisa ler e interpretar do meio no qual a prática se realiza para executar as possíveis ações durante o jogo. Portanto, se não houver a necessidade de realizar a leitura constante do entorno físico, tomar decisões em relação a ele e interagir com suas alterações, ele caracteriza-se como padrão. Por outro lado, quando há a necessidade de leitura e interpretação do meio, para que só assim seja possível atuar no contexto do jogo, o entorno é caracterizado como incerto. (RIBAS, 2014). Tanto as práticas psicomotrizes quanto as sociomotrizes apresentam essas características, conforme a relação com o ambiente da prática, podendo ser classificado como padrão ou incerto.

O outro instrumento de análise proposto pela Praxiologia Motriz são os Universais Ludomotores, caracterizados como “modelos operativos que representam as estruturas básicas de funcionamento de todo jogo esportivo e que contem sua lógica interna”. (PARLEBAS, 2001, p. 463). Por meio desses modelos torna-se possível desvelar e ampliar o entendimento acerca da lógica interna das práticas motrizes. Os Universais constituem-se por sete modelos operacionais, com seus respectivos critérios, sendo eles:

- *Rede de Comunicação Motriz*: esse modelo é relativo às interações motrizes que são estabelecidas entre os jogadores, no qual evidencia as diferentes formas como eles se relacionam entre si, indo ao encontro das possibilidades de interações apontadas pelo Sistema de Classificação CAI.
- *Rede de Interação de Marca*: diz respeito à interação motriz necessária para pontuar em uma determinada prática motriz. Segundo Lagardera e Lavega (2003) a Rede de Interação de Marca pode ser de três tipos: antagônica (êxito a partir da oposição), cooperativa (êxito com base na cooperação) ou mista (resulta da cooperação e da oposição).
- *Sistema de Pontuação*: referente às possíveis formas de pontuação em um jogo ou esporte, podendo ser do tipo: sistema por pontuação limite; sistema por tempo limite; sistema por pontuação e tempo limite; sistema de tempo invertido (por ponto/distância/altura obtida); jogos sem final/tempo estabelecido. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).
- *Papel Sociomotor*: são as funções exercidas no jogo, referente à classe de comportamentos motores associada ao regulamento de um jogo esportivo. (PARLEBAS, 2001).
- *Subpapel Sociomotor*: refere-se às unidades comportamentais e às possibilidades de ação que um sujeito pode realizar em cada papel no jogo. (PARLEBAS, 2001).
- *Gestema*: formas de comunicação entre os jogadores por meio de códigos gestuais.
- *Praxema*: formas de comunicação a partir da linguagem e expressão corporal. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

A partir dos conhecimentos provenientes da Praxiologia Motriz até então apresentados, defende-se a importância dessa teoria para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento de jogos e esportes, uma vez que ela se preocupa em analisar e desvelar a lógica interna dessas práticas motrizes para compreendê-las integralmente. Para isso, ela dispõe de conceitos que dão subsídios tanto para professores e treinadores em seu planejamento e desenvolvimento dos conteúdos, quanto para os alunos e atletas no entendimento teórico-prático das diferentes

manifestações culturais da Educação Física. Ao ter o entendimento da lógica interna de determinada prática motriz, o sujeito poderá atuar melhor e de forma mais autônoma dentro do contexto do jogo, pois sua compreensão sobre a dinâmica de funcionamento dessa manifestação estará otimizada.

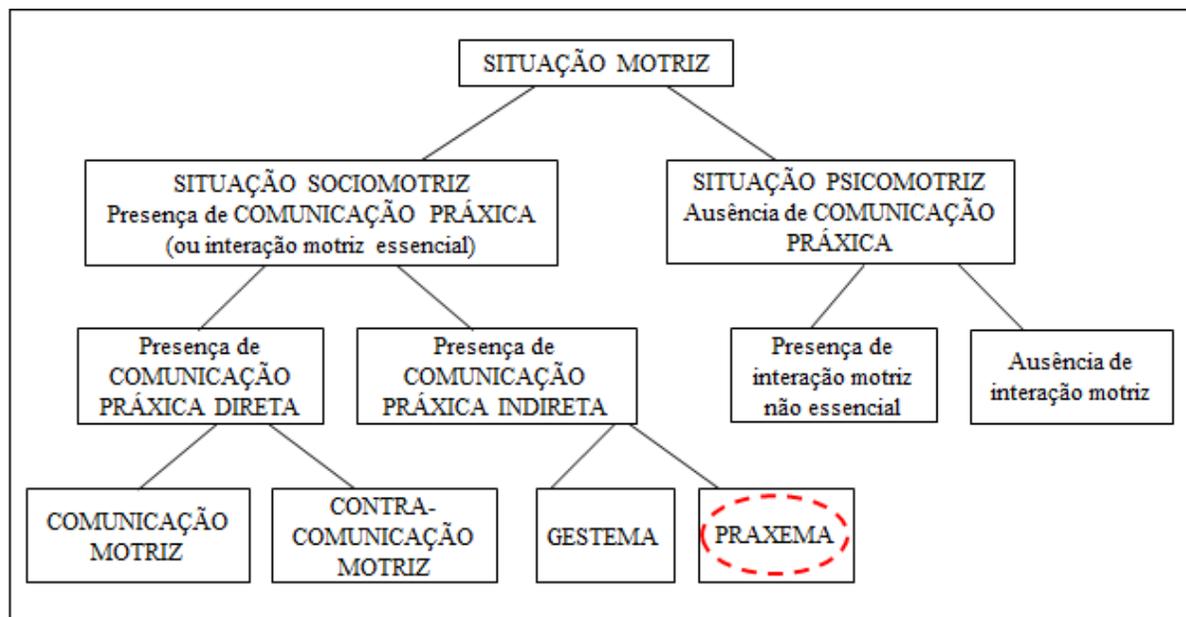
Outro conhecimento proposto pela Praxiologia Motriz é a Comunicação Práxica, elemento característico da lógica interna das práticas que apresentam interações motrizes entre os jogadores. É por meio dela que irar-se-á situar previamente o Praxema, objeto desta pesquisa.

5.1. COMUNICAÇÃO PRÁXICA

Além do Sistema de Classificação CAI, a Praxiologia Motriz apresenta, como um de seus conhecimentos e critérios de classificação, a Comunicação Práxica, na qual constitui as características definidoras das diferentes práticas sociomotrizes e de suas respectivas lógicas internas. (PARLEBAS, 2001). Ela auxilia na orientação das decisões dos jogadores e nas formas mais apropriadas de realizarem as ações motrizes em seu meio de prática. De acordo com Parlebas (2001), a Comunicação Práxica compreende duas categorias: a Comunicação Práxica Direta e a Comunicação Práxica Indireta. A partir de ambas, é possível caracterizar o comportamento dos jogadores e as estratégias de cooperação e/ou oposição estabelecidas entre eles. (SOARES; GOMES-DA-SILVA; RIBAS, 2012).

Para Martínez de Santos (2008), a Comunicação Práxica Direta compreende os meios de interações motrizes permitidas pelas regras, ou seja, a maneira como os jogadores se (contra)comunicam com companheiros e com adversários. Portanto, a Comunicação Práxica Direta é composta pela comunicação motriz (interação de cooperação) e pela contracomunicação motriz (interação de oposição), possíveis formas de interações estabelecidas entre os jogadores. Já a Comunicação Práxica Indireta constitui-se pela comunicação gestêmica e pela comunicação praxêmica que objetivam auxiliar no desenvolvimento das ações motrizes do jogo, por meio de informações que são extraídas através de gestos e de ações individuais dos jogadores. (MOLINUEVO, 1996).

Figura 5 - Comunicação Práxica.



Fonte: Adaptada de Parlebas (2001).

O gestema configura-se pela comunicação expressa por meio de gestos e códigos preestabelecidos que permitem a transmissão de mensagens entre os jogadores, de forma a facilitar a compreensão por parte dos companheiros e auxiliar na comunicação entre eles. Já o praxema é a linguagem não verbal expressa pelo corpo, cuja expressão corporal é passível de leitura e interpretação por parte dos demais jogadores. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Nas práticas caracterizadas como psicomotrizes, os processos de comunicação e de contracomunicação e, conseqüentemente, as leituras gestêmicas e praxêmicas não ocorrem e, por essa razão, a Comunicação Práxica encontra-se ausente. Em contrapartida, nas práticas que apresentam algum tipo de interação motriz (sociomotrizes), a Comunicação Práxica faz-se presente, pois tanto as interações quanto os gestemas e praxemas fazem parte da lógica interna dessas práticas, caracterizando-se como elementos essenciais para a atuação de seus jogadores, como é o caso do Voleibol.

Portanto, conforme a Figura 5, constata-se que a Comunicação Práxica está presente apenas nas práticas sociomotrizes, justamente em decorrência da presença das interações motrizes (Comunicação Práxica Direta) e dos códigos gestêmicos e praxêmicos (Comunicação Práxica Indireta). A exemplo dos esportes coletivos, a Comunicação Práxica se faz evidente nessas modalidades em virtude de que os jogadores se relacionam de maneira cooperativa e opositiva e,

para isso, (contra)comunicam-se por meio de gestos (gestema) e da linguagem corporal (praxema), o que justifica a relevância da Comunicação Prática como sendo também um dos critérios de classificação da Praxiologia Motriz. Além disso, pode-se ainda salientar que esses conhecimentos são essenciais para o jogo, em virtude de que orientam tanto os processos de leitura de jogo quanto a tomada de decisão de seus jogadores. (OLIVEIRA; RIBAS; GOMES-DA-SILVA, 2018).

No Voleibol, a compreensão dos jogadores acerca da real essência das interações de cooperação e oposição, bem como da leitura, análise e interpretação dos gestemas e praxemas, tornam-se elementos primordiais para sua atuação e, conseqüentemente, para a compreensão da lógica interna dessa modalidade esportiva. Portanto, de acordo com a exposição e explicação da Comunicação Prática, evidencia-se que as interações de cooperação e/ou oposição estabelecidas nas práticas sociomotrizas se concretizam por meio dos gestemas e dos praxemas, pois será a partir deles que o jogador efetivamente se (contra)comunicará durante o jogo. Por exemplo, a contracomunicação motriz é estabelecida entre duas equipes com o intuito de dificultar as ações de seus adversários, criando estratégias por intermédio de sinais visuais (gestemas) e de movimentos e expressões corporais (praxemas), para assim alcançar o objetivo do jogo. (SOARES; GOMES-DA-SILVA; RIBAS, 2012).

No que diz respeito a complexidade destes dois elementos no jogo, o gestema encontra-se mais presente no processo de iniciação, pois ele possibilita a interpretação das mensagens de forma clara, uma vez que apresenta mínimo grau de dificuldade em sua interpretação e decodificação por parte dos adversários. (RIBAS, 2014). Assim, em níveis mais elevados do processo de ensino-aprendizagem-treinamento (especialização e alto nível), os praxemas, progressivamente, intensificam-se e sobrepõem-se aos gestemas, pelo fato de que a contracomunicação torna-se mais elaborada ao ganhar relevância na dinâmica do jogo. A ênfase e a valorização de sua leitura começam a se tornar evidente a partir do momento em que o jogador se conscientiza de que a precisão dos gestos técnicos não é suficiente para sobressair-se à equipe adversária. No entanto, ler e interpretar seus companheiros e adversários e realizar a *Leitura Praxêmica* constantemente no jogo caracterizam-se como importantes fatores para antecipar-se e, com isso, tomar a melhor decisão por meio da ação motriz mais adequada no momento.

6. PRAXEMA: A LINGUAGEM EXPRESSA PELO CORPO

Como já elucidado, o conceito Praxema é proveniente da Praxiologia Motriz e referente à *linguagem expressa a partir do corpo de quem atua em determinada situação de jogo*. Além disso, o Praxema provém da Comunicação Práxica, conhecimento também oriundo da Teoria da Ação Motriz, caracterizada como critério de classificação que identifica as interações motrizes e os elementos comunicativos e contracomunicativos de jogos e esportes. Portanto, o Praxema resulta das interações de cooperação e/ou oposição, sendo por meio dele que essas interações são efetivamente estabelecidas entre os jogadores.

De acordo com Uribe Pareja (1997, p. 72), os Praxemas caracterizam-se como as “ações motrizes dos jogadores que indicam o início ou continuidade de algumas situações práticas de jogo”. A partir dessa definição, pode-se ainda complementar que o Praxema se manifesta por meio das ações motrizes, sendo ele a parte integrante de uma ação. Para Molinuevo (1996, p. 88), o Praxema consiste em “ações que têm como significação ou intencionalidade de ser/ir como mensagem prévia a execução de uma interação motriz direta. São específicos da ação motriz”. Ainda conforme esse autor, os Praxemas são elementos específicos do jogo, sendo por meio dele possível prever o que acontecerá nesse contexto, através de sua decodificação, tanto por parte de companheiros quanto pelos adversários. Já de acordo com Martínez de Santos (2008), o Praxema é manifestado quando a conduta motriz de um jogador é interpretada por outro como um signo (sinal).

Baseado nestes conceitos, constata-se que o Praxema é uma forma de comunicação ou contracomunicação não verbal que, dependendo da interação motriz estabelecida, auxilia ou dificulta a leitura corporal dos jogadores e, conseqüentemente, os processos de leitura de jogo e tomada de decisão. (BRASIL, 2016; OLIVEIRA; RIBAS; GOMES-DA-SILVA, 2018). A exemplo do Voleibol, os Praxemas se referem às ações motrizes pertinentes ao gesto técnico-tático do jogador, como a expressão corporal do Levantador ao executar o Levantamento por meio de determinada ação motriz (toque ou manchete). Essa leitura que normalmente é realizada pelos atacantes de mesma equipe e pelos bloqueadores e defensores adversários é denominada *Leitura Praxêmica*. (PARLEBAS, 2001).

Pode-se citar como alguns exemplos de Praxemas manifestados no contexto esportivo: desmarque no futsal; finta no handebol; arrancada no contra-ataque do futebol; orientação dos

segmentos corporais; modo de ocupar determinados espaços da quadra/campo; troca de direção; acelerar ou tardar determinados movimentos; deslocamentos defensivos e ofensivos; retificação dos movimentos. Esses exemplos de Praxemas representam o comportamento observável de um jogador a partir de sua linguagem corporal relativa às ações motrizes do jogo. Indo ao encontro disso, a sistematização proposta por esta pesquisa tem como objetivo listar os principais elementos que auxiliam a Leitura Praxêmica do Levantador, dando-lhe indícios sobre qual Praxema será manifestado e, portanto, as ações que serão executadas pelos demais jogadores com quem ele interage durante o momento do Levantamento.

Tendo como pressuposto que o jogador é um ser comunicante, todo comportamento motor que o mesmo manifestar funcionará como um sinal. Os sinais praxêmicos são passíveis de decodificação, sendo eles os que fundamentam a qualidade e a precisão das decisões e das intervenções táticas do jogador, podendo variar conforme sua capacidade. (PARLEBAS, 2001). Esses sinais devem ser constantemente percebidos e analisados, tanto por companheiros, para que esses possam ir ao encontro das estratégias táticas da equipe, quanto por adversários, para antecipar-se a determinadas ações no sentido de opor-se. Assim, constata-se que o Praxema exerce um papel essencial sobre as interações motrizes e a antecipação dos jogadores, uma vez que é por meio da linguagem do corpo que se torna possível emitir informações de jogador a jogador. (PARLEBAS, 2014).

A leitura e a interpretação dos Praxemas apresentam-se como algo bastante complexo, principalmente em etapas da iniciação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, pois, mediante uma mesma situação, sua manifestação pode ter diferentes significados para quem os observa. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003). Isso se justifica à medida em que um mesmo sinal pode associar-se à diferentes mensagens, o que explica o Praxema ser considerado polissêmico, por ter múltiplos significados. (MOLINUEVO, 1996). Uma das ações motrizes peculiar à lógica interna de diferentes modalidades esportivas e referente à interação de oposição é a finta, tida para Parlebas (2001) como uma ação que permite expor alguns dos procedimentos do Praxema. A finta é utilizada no jogo para levar vantagem sobre o adversário e desequilibrá-lo, vista por Martínez de Santos (2008) como um Praxema que “não significa o que parece significar”. Por exemplo, com o intuito de ludibriar os bloqueadores adversários, em níveis mais avançados, o Levantador emite falsos sinais, com intencionalidades contrárias do que realmente irá realizar, a chamada “indução praxêmica”, cujo *significante do signo não corresponde a seu significado*. (MOLINUEVO, 1996).

No que tange ao sistema praxiológico particular de cada prática motriz, o Praxema está totalmente relacionado a seu regulamento, pois ele depende, à priori, de sua lógica interna, bem como da facilidade/automatização dos participantes em realizar as ações motrizes, ou seja, o nível de habilidade dos jogadores. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003). No futebol, por exemplo, o jogador não pode esperar que seu adversário retenha a bola com as mãos para ludibriá-lo, pois a regra não lhe permite realizar tal ação ao assumir o papel de jogador de linha. Portanto, o jogador só precisa realizar a Leitura Praxêmica das ações que estiverem previstas e que forem permitidas pelo regulamento.

Quanto maior for a automatização e a eficiência do jogador na execução das ações motrizes, maior será sua facilidade em decodificar as mensagens emitidas pelos demais jogadores (leitura e interpretação praxêmica), em virtude de que a atenção e demais processos cognitivos podem centrar-se quase que exclusivamente nos elementos táticos do jogo. Isso elucidase em etapas da iniciação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, quando os alunos ou atletas, em decorrência de suas dificuldades técnicas, não conseguem ainda enfatizar e perceber determinados elementos táticos do jogo. A compreensão desses conhecimentos - Praxema, leitura de jogo, tomada de decisão - oportuniza aos jogadores maior variação em suas ações motrizes, pois no momento em que a atenção não está mais totalmente voltada a execução dos movimentos, torna-se possível diversificar e ampliar suas condutas motrizes, o que torna o jogador imprevisível, aspecto que favorece o processo de contracomunicação motriz.

No que diz respeito aos tipos de Praxemas que podem ser manifestados nos esportivos coletivos, Molinuevo (1996) propõe uma classificação em seu estudo, distribuindo-os em quatro grupos, conforme: sua intencionalidade, sua complexidade, o tempo em que se realiza e os Praxemas de ataque e defesa. No grupo referente à intencionalidade, o autor dispõe dos seguintes Praxemas:

- Praxemas de intencionalidade prevista: são aqueles que se manifestam com determinada intencionalidade pré-estabelecida pela equipe, fazendo parte de sua estratégia.
- Praxemas intuitivos: são aqueles Praxemas relacionados às vivências e às experiências dos jogadores, não combinados previamente pela equipe.

No que tange ao grupo relativo à complexidade dos Praxemas, têm-se os seguintes tipos:

- Praxemas simples: corresponde aos Praxemas de fácil realização e interpretação, emitidos através de ações motrizes simples de serem executadas.

- Praxemas complexos: são aqueles cuja manifestação dá-se a partir da realização de várias ações motrizes. Geralmente esse tipo de Praxema é característico do jogador com mais experiência e/ou habilidade. Pode-se considerar como exemplos de Praxemas de alta complexidade alguns manifestados pelo Levantador do Voleibol, uma vez que esse jogador é considerado, de acordo Soares, Gomes-da-Silva e Ribas (2012), como o mestre dos Praxemas.

Segundo o tempo em que se realizam, os Praxemas podem se manifestar:

- No tempo de bola parada: são aqueles emitidos antes da bola ser colocada em jogo. Considerando que o estudo de Molinuevo (1996) é referente ao futsal, é possível que os jogadores dessa modalidade esportiva expressem Praxemas quando a bola não está em jogo, assim como no basquetebol, no futebol, no handebol e no rugby. No entanto, no Voleibol, só há a possibilidade de ter a posse da bola em um determinado momento do jogo, pois a habilidade motora básica que rege essa modalidade é o rebater. Com isso, esse tipo de Praxema só poderá ser manifestado no saque, uma vez que esse é o único momento do jogo em que é permitido que o participante retenha a bola antes de realizar determinada ação motriz, ou seja, antes de colocá-la em jogo.

- Em jogo: ao contrário do descrito acima, esses são quaisquer Praxemas manifestados quando a bola está em jogo. A exemplo do Voleibol, são os Praxemas emitidos durante todo o rali, que vai desde o lançamento da bola no saque até o momento em que uma das equipes pontua.

O último grupo de Praxemas diz respeito àqueles emitidos no ataque e na defesa, em virtude de que no futsal, objeto de estudo de Molinuevo (1996), bem como no basquetebol, no futebol, no handebol e no rugby, são esses os momentos do jogo, justamente por serem esportes caracterizados como de invasão. Por outro lado, no Voleibol, pode-se transferir esse grupo de Praxemas considerando que os momentos do jogo são saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio, defesa e cobertura. Com isso, a partir do caráter defensivo ou ofensivo dos momentos do Voleibol, os jogadores podem manifestar determinados Praxemas que vão ao encontro da intencionalidade do momento, bem como da respectiva interação motriz de cooperação e/ou oposição estabelecida entre eles.

Alicerçado nas definições e elucidações até então apresentadas acerca do Praxema, faz-se necessário exemplificar esse conhecimento, detalhadamente, no contexto do Voleibol, considerando seus momentos do jogo, as interações motrizes estabelecidas entre seus jogadores e sua lógica interna. Assim, a exemplo do Levantamento, caracterizado como o segundo momento de

uma equipe na organização de seu sistema ofensivo, esse possui interações motrizes tanto de cooperação quanto de oposição com os demais momentos do jogo. O principal objetivo desse momento e do jogador que nele atuar é deixar seus atacantes nas melhores condições, sendo que, para isso, se faz necessário dificultar a leitura dos bloqueadores e defensores adversários sobre qual jogador irá realizar o ataque e em qual região da quadra. (RIBAS, 2014). A oposição do Levantador estabelecida com os bloqueadores e defensores adversários se materializa, além de outras formas, por meio de seu movimento e orientação corporal, ou seja, através da manifestação de Praxemas. É a partir do Praxema que o Levantador poderá se opor a esses jogadores, ao induzi-los a leitura equivocada de suas ações motrizes por meio da linguagem corporal, fazendo com que eles se desloquem e se posicionem no local inverso da quadra de onde realmente ocorrerá o ataque.

Desse modo, o Levantador precisa dificultar ao máximo a leitura e a interpretação de suas ações e decisões, elaborando suas melhores estratégias e enviando mensagens obscuras a seus adversários. No entanto, essas mensagens precisam ser claras e previsíveis a seus companheiros, caso contrário o sistema ofensivo da equipe não acorrerá de forma eficiente, indo de encontro a essência da comunicação motriz. A partir desse pressuposto, têm-se as imagens abaixo referentes às possibilidades de Levantamento quando realizado por meio da ação motriz do toque, passível de leitura, interpretação e antecipação por meio da orientação corporal do Levantador (Praxema).

Figura 6 - Manifestação de Praxemas no Levantamento do Voleibol.



Fonte: Google Imagem.

A partir das imagens apresentadas é possível identificar que ambas as Levantadoras emitem determinadas mensagens em relação à direção de seu Levantamento, por meio de sua linguagem corporal, principalmente do tronco, membros superiores e cabeça - *significante*. Na imagem da esquerda (Figura 6), presume-se que a jogadora irá executar o Levantamento para frente (entrada de rede ou meio de rede) - *significado*. Todavia, na imagem da direita (Figura 6), é possível identificar que provavelmente o Levantamento será realizado para traz - *significado*, devido a movimentação e inclinação do tronco e da cabeça da respectiva jogadora - *significante*. Portanto, é alicerçado na Leitura Praxêmica que os bloqueadores irão tomar a decisão referente ao local em que deverão se posicionar na rede, enquanto que os defensores, a região da quadra em que deverão distribuir-se.

Corroborando com esta exemplificação, apresenta-se também o momento do ataque, cuja manifestação de Praxemas é bastante evidente quando referente às interações de oposição e cooperação estabelecidas com os momentos do bloqueio e defesa e com o momento do Levantamento, respectivamente. No que tange à contracomunicação motriz, é função dos bloqueadores e defensores realizarem a Leitura Praxêmica dos atacantes adversários, com o objetivo de decifrar sua intencionalidade e a ação motriz que ele irá executar. Nesse caso, a oposição faz-se evidente, além da dificuldade na execução da ação motriz propriamente dita, quando o atacante emite Praxemas “falsos” e imprevisíveis, com o intuito de ludibriar seus oponentes ou na tentativa de lhes causar dúvidas sobre qual a decisão que o mesmo irá tomar.

Figura 7 - Manifestação de Praxemas no ataque do Voleibol.



Fonte: Google Imagem.

Para sobressair-se ao bloqueio adversário, o atacante precisa emitir Praxemas equivocados referente ao direcionamento de seu corpo, como posicioná-lo na diagonal e atacar na paralela, o que dificulta tanto o posicionamento dos bloqueadores quanto da defesa adversária. Outro Praxema bastante comum no Voleibol, que se expressa simultaneamente a execução da ação motriz e que caracteriza a oposição entre esses momentos, é a forma como o atacante rebate a bola. A movimentação de sua mão, aparentemente, parece ser um elemento insignificante, mas pelo contrário, diz muito sobre a intencionalidade do jogador acerca do que ele irá fazer.

Como representado na imagem da esquerda (Figura 7), a forma como o atacante rebate a bola, ou seja, o movimento especificamente de seu braço e mão - *significante*, dá indícios de que ele realizará um ataque potente - *significado*, enquanto que na imagem da direita (Figura 7), que o atacante executará a chamada “largada” - *significado*. A partir da Leitura Praxêmica realizada pela defesa, a decisão mais adequada a ser tomada na primeira situação (Figura 7 – imagem da esquerda) é posicionar-se mais afastadamente da rede, enquanto que na segunda (Figura 7 – imagem da direita) é situar-se mais próxima à rede para conseguir defender a bola “largada” vinda do ataque.

Contudo, destaca-se que estes elementos corporais que orientam a Leitura Praxêmica podem ser alterados pelo jogador até o último instante antes dele executar a ação motriz, justamente para dificultar ainda mais a leitura e, principalmente, a antecipação de seus adversários. Salienta-se ainda que os jogadores precisam compreender que todos são portadores de mensagens e

de sinais, voluntariamente ou não, e, por essa razão, ao mesmo tempo em que o jogador realiza a leitura e interpretação dos Praxemas de seus adversários, seus movimentos e sua linguagem corporal também são constantemente interpretadas durante o jogo.

7. O VOLEIBOL SOB AS LENTES DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ

O Voleibol compreende-se como um fenômeno de grande relevância e significado social, histórico e cultural para a humanidade, passado de geração em geração. Ele configura-se como um dos esportes coletivos mais praticados e difundidos no Brasil. (BRASIL, 2013). Dependendo dos objetivos do contexto em que o Voleibol estiver inserido na sociedade, seja ele escolar, de alto rendimento, recreativo/lazer ou prevenção da saúde, o mesmo pode apresentar diferentes características e finalidades, de acordo com o viés de quem o pratica. Ao longo de sua história, foram muitas as modificações sucedidas em sua estrutura, principalmente em decorrência das alterações de suas regras, devido, sobretudo, a influência dos meios de telecomunicações. (MATIAS; GRECO, 2011a).

Conforme o Sistema de Classificação CAI já explicitado anteriormente, o Voleibol se classifica como uma prática sociomotriz de cooperação e oposição pelo fato dos jogadores estabelecerem interações de comunicação entre companheiros e de contracomunicação entre adversários. Duran et al. (2015) afirmam que o duelo coletivo instiga os jogadores a utilizar de seus melhores recursos e habilidades diante de seus adversários para alcançar o objeto do jogo que é comum as duas equipes. Além disso, o ambiente dessa modalidade coletiva é caracterizado como padrão, pois o espaço físico em que o jogo se realiza sempre será estável e conhecido por seus jogadores.

Fundamentado nos conhecimentos da Praxiologia Motriz, especificamente nos Universais Ludomotores, é possível desvelar a lógica interna do Voleibol, desde as formas como seus jogadores interagem, até as possibilidades de ação necessárias para atuar em jogo. Portanto, indo ao encontro do explicitado pelo Sistema de Classificação CAI, o Voleibol apresenta, em sua essência, redes de cooperação e de oposição, de modo que os jogadores atuam de forma comunicativa e contracomunicativa (*Rede de Comunicação Motriz*), mediante gestos/códigos visuais (*Gestema*) e ações individuais, por meio da expressão e linguagem corporal (*Praxema*). Levando em consideração que a principal forma de pontuar no jogo é pelo saque, ataque e bloqueio e que esses são exclusiva ou predominantemente momentos opositivos (FAGUNDES; RIBAS, 2017), constata-se que sua *Rede de Interação de Marca* é do tipo antagônica, pois é por meio da interação de oposição que a equipe marca pontos. Já no que tange às formas de pontuação (*Sistema de Pontuação*), o sistema vigente no Voleibol é de pontuação limite, uma vez que para uma das

equipes vencer o jogo é preciso marcar 25 pontos, com diferença de dois, o que impede o empate no final da partida.

No que diz respeito às funções exercidas no jogo, o *Papel Sociomotor* refere-se à classe de comportamentos motores relacionados ao estatuto que codifica um jogo esportivo, estando diretamente associado à maneira como cada participante atua e ao que a regra lhe permite fazer, conforme sua lógica interna. (PARLEBAS, 2001). Parlebas ainda afirma que os Papeis Sociomotores não se referem aos jogadores que atuam em um determinado contexto, mas sim às classes de ações motrizes, já que seus participantes podem circular de um papel a outro, podendo assumir diferentes papéis durante um mesmo jogo.

De acordo com Hernández Moreno e Rodrigues Ribas (2004) e Parlebas (2001), há diferentes possibilidades de papéis nos esportes coletivos, conforme o critério adotado. Ao considerar-se o critério relativo à posse de bola, há três alternativas de papéis: jogador com bola, jogador companheiro de quem tem a bola e adversários de quem está com a bola. Se o critério for alicerçado no regulamento do jogo (estatuto), no caso do futsal, futebol e handebol, os papéis são jogador de linha e goleiro. No basquetebol, jogador de linha. Já no Voleibol, sacador, defensor, atacante e líbero. Hernández Moreno e Rodrigues Ribas (2004) ainda afirmam que existe um terceiro critério referente ao espaço das zonas de campo/quadra que, ao exemplo do futebol, são divididos em goleiro, defensores, meio-campistas e atacantes.

Os Papeis Sociomotores estão estritamente atrelados ao que a regra permite ou proíbe a cada jogador, em concordância com a prática motriz e com o critério adotado. Conforme as características do Voleibol, acredita-se que o critério mais adequado a ser utilizado é referente ao regulamento. Portanto, os papéis que os jogadores podem exercer no decorrer do jogo são sacador, defensor, atacante e líbero. Exemplificando essa afirmação, quando um jogador assume o papel de atacante (posições 2, 3 e 4), existem algumas atribuições que fazem menção a esse papel, como a permissão de bloquear e de atacar na zona de ataque (à frente da linha dos três metros), o que caracteriza, por outro lado, duas das principais restrições oriundas do papel de defensor (posições 5, 6 e 1). O mesmo acontece com o papel de sacador, frente à função unicamente de sacar, e com o líbero, sendo ele destinado, exclusivamente, a realizar ações defensivas (passar, defender e realizar a cobertura), atuando em um espaço limitado, com inúmeras restrições em suas ações.

A partir dos Papeis surgem seus respectivos *Subpapeis Sociomotores*, nos quais referem-se às unidades comportamentais que um jogador pode realizar ao assumir determinado papel.

(PARLEBAS, 2001). Segundo Lagardera e Lavega (2003), os Subpapeis são atinentes a cada ação motriz e representam a sequência motriz de um jogador, considerada como uma unidade básica de comportamento estratégico. Nesse sentido, o subpapel desvela por meio de quais ações motrizes o jogador poderá atuar, conforme seu papel e de acordo com o que o regulamento aponta ser permitido. Com isso, a partir dos momentos do jogo de Voleibol, quando o jogador estiver exercendo o papel de sacador, de defensor, de atacante ou de líbero, suas possibilidades de ações serão conforme o exposto no Quadro 2.

Quadro 2 - Papeis e Subpapeis do Voleibol.

(continua)

MOMENTOS DO JOGO	PAPEIS	SUBPAPEIS
SAQUE	SACADOR	Sacar Posicionar-se para a defesa
RECEPÇÃO	ATACANTE	Recepcionar/Passar Ocupar Espaço Preparar-se para o ataque
	DEFENSOR	Recepcionar/Passar Ocupar Espaço Preparar-se para o ataque (zona de defesa)
	LÍBERO	Recepcionar/Passar Ocupar Espaço
LEVANTAMENTO	ATACANTE	Levantar Largar de Segunda (ataque) Preparar-se para a cobertura

Quadro 2 - Papeis e Subpapeis do Voleibol.

(continuação)

	DEFENSOR	Levantar Infiltrar Largar de Segunda (abaixo do bordo superior da rede) Preparar-se para a cobertura
	LÍBERO	Levantar Preparar-se para a cobertura
ATAQUE	ATACANTE	Atacar Fintar Preparar-se para a cobertura
	DEFENSOR	Atacar (zona de defesa) Fintar Prepara-se para a cobertura
	LÍBERO	Atacar (zona de defesa) Preparar-se para a cobertura
BLOQUEIO	ATACANTE	Bloquear
DEFESA	ATACANTE	Defender Ocupar Espaço Preparar-se para o ataque
	DEFENSOR	Defender Ocupar Espaço Preparar-se para o ataque (zona de defesa)
	LÍBERO	Defender Ocupar Espaço

Quadro 2 - Papeis e Subpapeis do Voleibol.

(conclusão)

COBERTURA	ATACANTE	Realizar a Cobertura Ocupar Espaço Preparar-se para o ataque
	DEFENSOR	Realizar a Cobertura Ocupar Espaço Preparar-se para o ataque (zona de defesa)
	LÍBERO	Realizar a Cobertura Ocupar Espaço

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode-se observar, o Levantador não se configura como um dos papeis do Voleibol, mas sim como uma função, pois o jogador responsável por atuar no momento do Levantamento não possui nenhum tipo de restrição ou direitos a mais em suas possibilidades de ação. A função do Levantador surgiu a partir do aperfeiçoamento e da evolução tática do jogo ao longo dos anos no que se refere, principalmente, ao sistema de jogo. É a forma como a equipe se organiza estrategicamente mediante seus adversários e suas funções que, por sua vez, podem variar conforme a estratégia adotada: levantador, oposto, ponteiro, central e líbero. (MARCHI JÚNIOR, 2004). Em suma, os papeis e os subpapeis sociomotores são conhecimentos sistematizados pela Praxiologia Motriz, sendo atinentes à classe de comportamentos motores relacionados ao estatuto de um jogo e às sequências motrizes de um jogador, respectivamente, enquanto que as funções (especialidades dos jogadores) estão relacionadas à tática e aos sistemas de jogo (6x0, 4x2, 5x1).

No que tange a relação existente entre os conhecimentos descritos acima e os Praxemas, Lagardera e Lavega (2003) afirmam que os Praxemas são provenientes dos papeis e anunciam os possíveis subpapeis sociomotores de um jogador. A leitura dos Praxemas inicia pela identificação dos papeis que os jogadores assumem no jogo e de seus possíveis subpapeis. (RIBAS, 2014). Corroborando com isso, Parlebas (2001, p. 350) elucida que “identificar um praxema significa reconhecer o subpapel sociomotor iniciado pelo comportamento observado e antecipar-se a esse

subpapel”. Esses conhecimentos revelam quais os prováveis Praxemas que os jogadores podem emitir no decorrer do jogo, de acordo com o papel assumido e suas respectivas possibilidades de ação, compreendendo-se como importantes fatores de antecipação.

Sendo assim, pode-se afirmar que os papéis e os subpapeis proporcionam determinados indícios e informações acerca dos Praxemas que os jogadores podem manifestar e, conseqüentemente, das ações motrizes e de suas intencionalidades. Por exemplo, no sistema de jogo 5x1, quando um jogador está na função de Levantador e no papel de defensor, ele precisa infiltrar⁵ da zona de defesa para a zona de ataque, com o intuito de posicionar-se melhor frente a seus atacantes. No entanto, o regulamento dessa modalidade atribui determinadas permissões e proibições a esse jogador, o que pré-determina os subpapeis que ele poderá realizar.

No momento em que o Levantador for realizar o Levantamento por meio da ação motriz de toque, os bloqueadores e defensores adversários já sabem, previamente, que suas alternativas de ação serão basicamente a de levantar para a entrada, meio ou saída de rede. Então, esses jogadores não precisam considerar um possível ataque do Levantador (largada de segunda), pois essa ação, ao ser realizada acima do bordo superior da rede, só é permitida aos jogadores que estiverem no papel de atacante. Mesmo que o Levantador emita sinais praxêmicos “falsos” a seus adversários, na tentativa de induzi-los a interpretações equivocadas acerca do ataque, o papel que esse jogador assume não lhe permite tomar essa decisão e realizar tal ação.

7.1. MOMENTOS DO JOGO DE VOLEIBOL

Além da compreensão de alguns dos elementos da lógica interna do Voleibol, propiciada pelo Sistema de Classificação CAI e pelos Universais Ludomotores, pode-se ainda destacar as características e especificidades de cada um dos momentos do jogo que compõem essa prática motriz e que orientam sua dinâmica: saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio, defesa e cobertura.

No que tange ao saque, esse configura-se como o primeiro momento do Voleibol, sendo por meio dele que a bola é posta em jogo, dando início ao rali. Segundo Castro et al. (2014), o saque se caracteriza por ser a primeira arma de ataque da equipe, que tem por intuito conseguir o ponto

⁵ Infiltrar é a ação que o jogador na função de Levantador realiza quando está na zona de defesa (posições 5, 6 ou 1), dirigindo-se ao local próximo a rede considerado o mais apropriado para executar o Levantamento.

direto ou possibilitar um controle maior das próximas ações. Por essa razão, o saque é considerado um momento exclusivamente ofensivo, uma vez que visa marcar o ponto ou colaborar para a obtenção dele. (RIBAS, 2014).

Este momento tem como objetivo principal dificultar ao máximo a recepção adversária, fazendo com que a bola caia direto na quadra (ponto de ace) ou ainda prejudicar a organização de seu sistema ofensivo, caracterizando-se como uma importante ferramenta para obter vantagem no início da disputa de cada ponto. (RIBAS, 2014). Para isso, o jogador que assume o papel de sacador deve observar diversificados elementos referentes a seus adversários e ao espaço da quadra antes de executar determinada ação, realizando uma análise minuciosa da situação. Após sacar, o jogador passa a assumir outro papel no jogo, o de defensor, tendo que posicionar-se de maneira adequada para atuar defensivamente na construção do contra-ataque de sua equipe. As principais ações motrizes do saque, ou seja, os recursos utilizados pelos jogadores para intervir nesse momento, são principalmente o saque por baixo, o saque por cima, o saque viagem e o saque flutuante.

Sequencialmente, a recepção caracteriza-se como a primeira ação defensiva da equipe que não iniciou o rali, cujo objetivo é interceptar o saque adversário e evitar o ponto de ace dessa equipe. No entanto, ela também se configura como um momento ofensivo, pois auxilia diretamente na preparação e construção do ataque de sua equipe. (RIBAS, 2014). Frönher (2012) corrobora com isso ao afirmar que a recepção possibilita a sequência da disputa do ponto, pois é por meio dela que se inicia a organização ofensiva da equipe, sendo uma ação chave para a continuidade do jogo. Isso acontece devido a finalidade desse momento de direcionar a bola com precisão ao Levantador para que ele consiga realizar sua função com êxito, escolhendo a melhor opção de ataque.

Um passe não realizado adequadamente acarretará na dificuldade do Levantador em atuar, com um número limitado de opções. (SHONDELL; REYNAUD, 2005). No que se refere às ações motrizes mais eficazes e comumente utilizadas na recepção, pode-se citar a manchete, o toque e a espalmada. Após o jogador realizar o passe por meio de uma dessas ações, ele deverá se posicionar e se preparar para o próximo momento do jogo em que ele poderá atuar, o ataque, quando estiver nos papéis tanto de atacante (zona de ataque) quanto de defensor (zona de defesa).

Após a recepção, o Levantamento é o segundo momento da equipe que está se organizando ofensivamente. De acordo com Ribas (2014), esse momento possui um caráter exclusivamente ofensivo, cujo principal objetivo é deixar os atacantes de sua equipe nas melhores condições, ou seja, sem bloqueadores ou, pelo menos, com bloqueio simples. Matias (2009) afirma que o

Levantador é o jogador responsável pela dinâmica e organização ofensiva de sua equipe, pois é função dele escolher qual jogador realizará o ataque, a partir de todo o contexto do jogo e da leitura realizada anteriormente. No sistema de jogo 5x1, por exemplo, em que há um jogador específico para exercer a função de Levantador durante toda a partida, é ele o responsável por atuar sempre que possível nesse momento.

A construção do ataque é algo decisivo para alcançar os objetivos do jogo, cujo encarregado é, à priori, o Levantador, pois é algo que depende muito de sua atuação, do critério por ele adotado, da leitura realizada e de sua tomada de decisão, logo, esse jogador é o responsável pela criação das principais ações ofensivas da equipe. (RAMOS et al., 2004). Após realizar o Levantamento, o jogador deve preparar-se para posteriores momentos do jogo, como a cobertura, por exemplo (quando o bloqueio adversário intercepta o ataque de sua equipe). As fundamentais e mais precisas ações motrizes desse momento, por meio das quais o Levantador poderá executar o Levantamento, são o toque e a manchete, respectivamente.

O ataque caracteriza-se pelo momento em que os jogadores responsáveis por nele atuar visam marcar o ponto e, assim, finalizar o rali. (RIBAS, 2014). O ataque é um momento totalmente ofensivo, pois é por meio dele que, na maioria das vezes, se definem os pontos durante o jogo, sendo uma das principais armas ofensivas do Voleibol. Quando o jogador estiver no papel de atacante (posições 2, 3 e 4), o regulamento não estabelece nenhum tipo de restrição quanto ao local que ele pode atacar. No entanto, ao assumir o papel de defensor (posições 5, 6 e 1), seu subpapel será apenas o de atacar na zona de defesa (atrás da linha dos 3 metros), quando sua mão atinge o bordo superior da rede.

Para todos os âmbitos de ensino, a cortada é considerada o recurso mais eficiente do ataque, devido a dificultada dessa ação para os adversários. (SHONDELL; REYNAUD, 2005). Além da cortada, as principais ações motrizes desse momento são o toque, a manchete e a largada. Após o jogador executar o ataque por meio de uma dessas ações, ele, assim como os demais jogadores que estavam aptos a realizá-lo, devem preparar-se para a cobertura.

Já no que tange ao bloqueio, esse é o segundo momento realizado pela equipe que iniciou o rali. Ele pode apresentar um caráter tanto defensivo quanto ofensivo, pois tem como objetivo amortecer a bola vinda do ataque, facilitando a ação da defesa de sua própria equipe, ou ainda interceptá-la, rebatendo-a para a quadra adversária mediante a invasão do espaço. (CASTRO et al., 2014; RIBAS, 2014). Os tipos de bloqueios existentes no Voleibol são simples (quando formado

por um jogador), duplo (dois jogadores) e triplo (três jogadores). (SHONDELL; REYNAUD, 2005). As ações motrizes do bloqueio são justamente referentes ao caráter que ele assume, defensivo ou ofensivo. Logo após o jogador realizar o bloqueio, quando for defensivo, ele deve afastar-se da rede para a possibilidade do contra-ataque de sua equipe. Caso contrário, se o bloqueio for ofensivo, o jogador deve permanecer próximo a rede para bloquear novamente, se houver continuação da jogada. Além do saque, o bloqueio é o único momento do jogo exclusivo a um papel, sendo ele o de atacante. Assim, apenas os jogadores que estiverem nesse papel poderão bloquear, segundo seu regulamento.

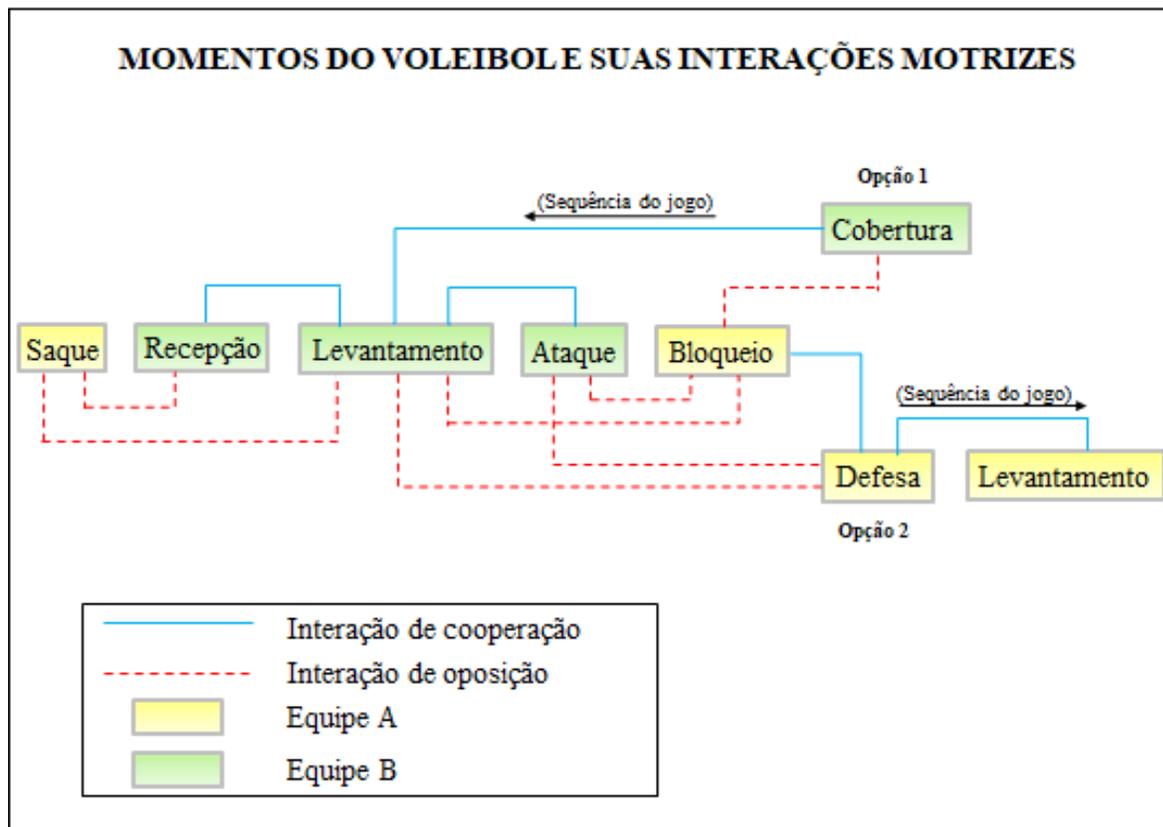
Dependendo do objetivo e da atuação dos bloqueadores, o momento seguinte do jogo será a defesa ou a cobertura. Caso o bloqueio seja defensivo ou ainda se ele não acontecer, o momento seguinte será a defesa, quando a bola vier do ataque adversário. Com isso, a defesa tem por intuito manter a bola em jogo, de modo a passá-la ao Levantador (interação de cooperação), dando início ao contra-ataque da equipe. (RIBAS, 2014). Para uma boa atuação dos jogadores defensores, é necessário que eles se posicionem de forma adequada, individual e coletivamente, a partir da leitura que devem realizar de seus oponentes (levantador adversário e atacantes).

Por outro lado, se o bloqueio for ofensivo e a bola voltar a quadra adversária, o momento seguinte será a cobertura. A cobertura apresenta os mesmos princípios e objetivos da defesa, porém com a diferença de que ela se caracteriza pelo momento posterior à atuação do bloqueio adversário, enquanto que a defesa, posterior ao ataque. Assim como a recepção, tanto a defesa quanto a cobertura são caracterizadas como momentos predominantemente defensivos, mas com intencionalidade também ofensiva, a medida em que ambas têm a pretensão de auxiliar na construção do contra-ataque de sua equipe. Por isso, após a realização de ambos os momentos, seus respectivos jogadores devem preparar-se para o ataque, que ocorrerá posteriormente a atuação do Levantador de sua equipe. No que se refere às ações motrizes da defesa e da cobertura, as principais são a manchete, o toque, a espalmada e o “peixinho”.

Com base neste pressuposto, é possível perceber na caracterização de cada um dos momentos do jogo que, na maioria das vezes, torna-se inviável conceituar um determinado momento sem mencionar e considerar os demais, o que aponta a relação existente entre eles e a importância de um sobre o(s) outro(s). Corroborando com isso, Ribas (2014) afirma que as ações motrizes que emergem da lógica interna do Voleibol estão relacionadas e dependem diretamente das interações motrizes de cooperação e/ou oposição estabelecidas entre os momentos do jogo.

(RIBAS, 2014). Sendo assim, é a partir dos conhecimentos da Praxiologia Motriz que se torna possível evidenciar os momentos do Voleibol e suas respectivas interações comunicativas e/ou contracomunicativas por meio das quais eles se relacionam, como representado na Figura 8.

Figura 8 - Momentos do Voleibol e suas interações motrizes.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

A sistematização dos momentos do Voleibol com suas interações motrizes foi originalmente proposta por Ribas (2014). Considerando os mesmos critérios de análise adotados por esse autor, realizou-se uma reestruturação de sua proposta, com o objetivo de melhor elucidar a dinâmica do jogo, incorporando novos elementos que são essenciais para as interações motrizes estabelecidas entre os momentos do Voleibol. Em sua obra, Ribas considerou que os momentos do Voleibol são saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. Porém, tendo em vista que, dependendo da atuação do bloqueio, há duas possibilidades de sequência dos momentos no jogo, a

cobertura ou a defesa, entende-se que a cobertura também deve ser considerada como um dos momentos do Voleibol.

A figura elaborada por Ribas (2014) expressa que a defesa, além de estabelecer interação de oposição com o ataque adversário, também se relaciona positivamente com o bloqueio, o que significa dizer que a defesa é procedente tanto do ataque quanto do bloqueio adversário. No entanto, defende-se que o momento oriundo da interação de oposição com o bloqueio é a cobertura e não a defesa, como explicitado na figura de Ribas. Isso se justifica pelo fato de que há diferença significativa entre essas interações, pois os momentos anteriores dos quais a defesa e a cobertura provêm são completamente distintos.

Na referida proposta, diferiu-se as equipes pela cor amarela (equipe que inicia sacando) e verde, para melhor organização e compreensão dos momentos, partindo da premissa de que, nessa situação hipotética, o rali contaria com os sete momentos do jogo. Portanto, como representado na Figura 8, após o saque (equipe amarela) e a organização ofensiva de seus adversários (equipe verde), tem-se o bloqueio que, a partir da tomada de decisão e da ação motriz de seus respectivos jogadores, pode resultar na cobertura adversária (opção 1) ou na defesa de sua própria equipe (opção 2). Em ambas as situações se elucida a continuidade dos momentos do jogo através da interação de cooperação com o Levantamento, o que evidencia que os momentos do jogo são cíclicos, pois eles ocorrem repetidas vezes até que uma das equipes pontue.

Desse modo, constata-se que as interações de cooperação e/ou oposição estabelecidas entre os jogadores variam de momento a momento e se fazem evidentes quando as ações de um jogador influenciam no comportamento dos demais. O mesmo se aplica ao processo de tomada de decisão que, alicerçado, dentre outros elementos, na Leitura Praxêmica dos jogadores, também é orientado pelas interações estabelecidas entre os momentos do jogo. Assim, é necessário que o aluno ou atleta considere, antes de tomar qualquer decisão, a interação que caracteriza o momento em que se encontra para analisar e interpretar criteriosamente os jogadores com quem se relaciona.

Ainda, pode-se afirmar que os Praxemas também estão diretamente relacionados às interações motrizes que permeiam os momentos do jogo de Voleibol e, por essa razão, eles devem ser lidos, interpretados e analisados considerando a intencionalidade e o caráter dessas interações. A exemplo do momento ataque, isso pode ser evidenciado, no que se refere à interação de comunicação, quando o atacante estabelece interação apenas com o Levantador, o que significa que ele precisa realizar a Leitura Praxêmica e tomar decisões somente em relação a esse

participante, pois, nesse caso, o Levantamento é o único momento do jogo que se relaciona cooperativamente com o ataque. Assim, os Praxemas do Levantador devem ser de fácil compreensão e interpretação por parte do atacante que, por sua vez, precisa conhecer previamente as características e a expressão corporal desse jogador para atuar com maior propriedade.

Já em relação à contracomunicação, o atacante deverá atentar-se às ações motrizes e, portanto, realizar a Leitura Praxêmica tanto dos bloqueadores quanto dos defensores adversários. Para obter êxito sobre esses jogadores, o atacante precisa dificultar ao máximo a leitura de sua expressão e movimentação corporal (Praxemas) que informam sobre suas intenções e a ação motriz que será realizada, informações corporais que dizem respeito a sua tomada de decisão.

Segundo o exposto acima, constata-se que os momentos do jogo de Voleibol, juntamente com suas interações de cooperação e/ou oposição, dão dinâmica às diferentes situações dessa modalidade coletiva, podendo orientar seu processo de ensino-aprendizagem-treinamento e seu funcionamento, ou seja, sua lógica interna. Isso justifica-se a medida em que esses conhecimentos evidenciam a relação que os jogadores estabelecem tanto com companheiros quanto com adversários durante a partida, bem como a leitura que precisam realizar em relação a eles, a análise, a interpretação, a antecipação e, baseado em todos esses processos cognitivos, a decisão que precisam tomar considerando as ações e o comportamento corporal (Praxema) desses jogadores.

Dessa forma, para a sistematização proposta por esta pesquisa foram considerados os conhecimentos oriundos da Praxiologia Motriz até então apresentados, com o intuito de listar os elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador, considerando as interações motrizes de cooperação e oposição que são estabelecidas com os demais jogadores. Optou-se pelo Levantamento em virtude de que ele é o momento mais complexo do Voleibol, no que se refere ao número de interações motrizes estabelecidas. Além disso, tendo em vista que o Levantamento é o único momento do jogo que contempla, de uma forma ou de outra, todos os demais momentos que integram a lógica interna do Voleibol, pretende-se auxiliar e melhor amparar os profissionais da área da Educação Física em sua prática pedagógica, no ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o último objetivo específico desta pesquisa – sistematizar os elementos Praxêmicos e não Praxêmicos, identificados na produção científica da área, que orientam a leitura de jogo do Levantador, considerando as interações motrizes estabelecidas com os demais jogadores do Voleibol – antes de apresentar a sistematização propriamente dita, será exposto o número de estudos utilizados para a construção do referido instrumento teórico, possibilitando a visualização quantitativa desses dados. Assim, dos 20 artigos pré-selecionados na Plataforma online do Portal de Periódicos CAPES/MEC, **13** destes contemplaram, no decorrer de seu texto, elementos tidos como essenciais para a tomada de decisão do Levantador, nos quais devem ser considerados por esse jogador ao atuar em seu respectivo momento, o Levantamento. Desses 13 artigos, **todos** apontaram ao menos um *elemento não Praxêmico*, enquanto apenas **cinco** artigos apontaram *elementos exclusivamente Praxêmicos*, ou seja, relativos aos signos emitidos corporalmente pelos jogadores com quem o Levantador interage no decorrer do jogo de Voleibol. Já na pesquisa realizada nos 12 portais *online* das Revistas Nacionais da área da Educação Física, dos 23 artigos selecionados, **17** discorriam sobre os elementos que devem ser lidos e analisados pelo Levantador, nos quais **16** artigos tratavam de *elementos não Praxêmicos* e apenas **sete** de *elementos Praxêmicos*.

No que se refere ao Acervo da Biblioteca do Centro de Educação Física da Instituição, dos 27 livros consultados e classificados para a pesquisa, um número limitado de obras abordaram elementos relevantes para a leitura de jogo do Levantador: somente **quatro**, sendo que essas **quatro** obras contemplaram *elementos não Praxêmicos* e **três** *elementos Praxêmicos*. Já no Acervo do Grupo de Pesquisa, dos sete livros analisados, apenas **cinco** abrangeram elementos essenciais para a leitura de jogo do Levantador, sendo que esses **cinco** apontaram *elementos não Praxêmicos* e apenas **dois** apontaram *elementos Praxêmicos*. Como última fonte de pesquisa utilizada, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, dos 16 estudos pré-selecionados (quatro teses e 12 dissertações), 13 deles (**quatro teses** e **nove dissertações**) apresentaram, em algum momento da pesquisa, elementos importantes para a atuação do Levantador durante o jogo. Desse total, as **quatro teses** contemplaram tanto *elementos não Praxêmicos* quanto *Praxêmicos*, enquanto que das nove dissertações, **oito** delas abordaram *elementos não Praxêmicos* e **sete** abordaram *elementos exclusivamente Praxêmicos*.

De acordo com o Quadro 3, tem-se a síntese dos resultados descritos a cima, referente às cinco fontes de pesquisa com seus respectivos dados.

Quadro 3 – Número de estudos utilizados na pesquisa.

Fontes de Pesquisa Número de estudos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações		Total de Estudos
					Teses	Dissert.	
Pré-selecionados	20	23	27	7			93
					4	12	
Estudos Utilizados	13	17	4	5	4	9	52
Elementos Não Praxêmicos	13	16	4	5	4	8	50
Elementos Praxêmicos	5	7	3	2	4	7	28

Fonte: Elaborado pela autora.

Como apresentado, pode-se constatar que o número de estudos selecionados previamente, de acordo com seu título e resumo, totalizou 93 – 43 artigos, 34 livros, 4 teses e 12 dissertações. Após a leitura desses 93 estudos, utilizou-se, para a elaboração da sistematização proposta, 52 estudos – 30 artigos, 9 livros, 4 teses e 9 dissertações, uma vez que neles foram extraídos elementos relevantes, sejam Praxêmicos ou não Praxêmicos, que devem ser considerados pelo Levantador em relação aos demais jogadores.

O que é de extrema importância para esta pesquisa que está evidenciado no Quadro 3 é o limitado número de estudos que contêm elementos necessários para a Leitura Praxêmica do Levantador, pois das 52 pesquisas utilizadas, apenas 28 trataram de tais elementos – 12 artigos, 5 livros, 4 teses e 7 dissertações. Esses dados mostram que os elementos que norteiam a Leitura Praxêmica dos jogadores de Voleibol estão sendo pouco abordados nas pesquisas científicas na

área da Educação Física brasileira, tendo em vista sua significativa relevância na lógica interna do jogo. Fagundes e Ribas (2017, p. 147) corroboram com isso ao descrever que o Levantador deve “considerar tanto os praxemas contracomunicativos quanto os praxemas comunicativos, visto que suas decisões motrizes serão totalmente baseadas nesses aspectos. Dessa forma, essas informações serão de extrema relevância para que a decisão mais adequada seja tomada”.

Outro importante dado observado no Quadro 3 é o número expressivo de pesquisas em que os elementos não Praxêmicos foram contemplados, pois do total de 52 estudos utilizados, apenas dois (um artigo e uma dissertação) não apontaram pelo menos um elemento do jogo tido como substancial para a atuação do Levantador. Considerando esse elevado número encontrado nas cinco fontes de pesquisa e tendo em vista a importância desses elementos para a tomada de decisão dos jogadores, em especial para a atuação do Levantador, optou-se também em sistematizar e discutir, primeiramente, todos aqueles *elementos não Praxêmicos* que foram identificados nos estudos selecionados, em cada uma das categorias pré-definidas (saque, recepção, ataque, bloqueio, cobertura, defesa adversária e defesa da equipe).

8.1. ELEMENTOS NÃO PRAXÊMICOS QUE ORIENTAM A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO

Antes de apresentar a sistematização dos elementos não Praxêmicos extraídos da literatura analisada, acredita-se ser importante também apresentar os estudos propriamente ditos que apontaram tais elementos no decorrer de seus textos, independentemente dos momentos ou jogadores que os mesmos fazem menção, conforme as cinco fontes de pesquisa onde se realizou a busca desses materiais. De acordo com o Quadro 3 acima, 50 estudos apontaram, direta ou indiretamente, elementos não Praxêmicos que devem ser considerados pelo Levantador em relação aos demais jogadores, aos elementos gerais do jogo ou, ainda, elementos que orientam companheiros e adversários em relação ao próprio Levantador: 13 artigos do Portal CAPES/MEC; 16 artigos de Revistas da área; 4 livros da Biblioteca da Instituição; 5 livros do Grupo de Pesquisa; 4 teses e 8 dissertações, conforme o Quadro 4 disposto a seguir.

Quadro 4 – Estudos que apresentam elementos não Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.

(continua)

Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações
Eficácia do saque, ataque e bloqueio no Voleibol masculino brasileiro (CAMPOS et al., 2015).	As interações motrizes do saque e da recepção e suas influências no Voleibol: uma compreensão praxiológica (FAGUNDES et al., 2017).	Voleibol: treinar jogando (DÜRRWÄCHTER, 1984).	Voleibol escolar: da iniciação ao treinamento (SANTINI; LIMA, 2007).	Estudo das habilidades técnicas do ataque na posição quatro do Voleibol (ROCHA, 2009).
Análise das estruturas do Complexo I à luz do resultado do set no Voleibol feminino (COSTA et al., 2014)	Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do Voleibol (MATIAS; GRECO, 2009).	Conhecendo o Voleibol (RIBEIRO, 2008).	Manual de Voleibol (CARNELOÇO).	Construção do conhecimento e a estruturação das decisões do levantador de Voleibol no núcleo do sistema ofensivo na ação situada e incorporada (MATIAS, 2015).
Eficácia do Side-out no Voleibol sénior masculino em função do jogador interveniente (JOÃO; PIRES, 2015).	A dinâmica do Voleibol sob as lentes da Praxiologia Motriz: uma análise praxiológica do levantamento (FAGUNDES; RIBAS, 2017).	Praxiologia Motriz e Voleibol: elementos para o trabalho pedagógico (RIBAS, 2014).	A bíblia do treinador de Voleibol (SCHONDELL; REYNAUD, 2005).	Análise das ações dos Levantadores nos diferentes processos de jogo no Voleibol (BORDINI, 2015).
Relação saque, recepção e ataque no voleibol juvenil masculino (COSTA et al., 2011)	Voleibol: análise do ataque realizado pela quadra de fundo na Superliga Masculina de Voleibol Campeonato Brasileiro) (COSTA et al., 2017).	Voleibol: do aprender ao especializar (MACHADO, 2006).	Modalidades Esportivas Coletivas (ROSE JUNIOR, 2011).	A decisão da largada do levantador do Voleibol na perspectiva de dinâmica ecológica (DENARDI, 2015).

Quadro 4 – Estudos que apresentam elementos não Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.

(continuação)

<p>Atribuição dada pelo levantador em sua organização ofensiva ao papel do treinador: da base ao alto nível do Voleibol (MATIAS; GRECO, 2016).</p>	<p>Associação entre o efeito dos procedimentos de recepção e jogo no Vôlei brasileiro de alto nível: o caso da equipe feminina campeã da Superliga (COSTA et al., 2017).</p>	<p>—</p>	<p>Iniciação Esportiva Universal (GRECO, 1998).</p>	<p>Análise das ações de jogos de Voleibol e suas implicações para o treinamento técnico-tático da categoria infanto-juvenil feminina (16 e 17 anos) (GOUVEA, 2005).</p>
<p>Análise do ataque do jogador de ponta no Voleibol brasileiro masculino (COSTA et al., 2019).</p>	<p>Estruturação ofensiva no Voleibol masculino de alto nível: análise da zona de ataque (COSTA et al., 2016).</p>	<p>—</p>	<p>—</p>	<p>O conhecimento tático declarativo e a distribuição de jogo do levantador de Voleibol: da formação ao alto nível (MATIAS, 2009).</p>
<p>Determinantes táticos do jogo praticado pelo atacante médio no Voleibol masculino (COSTA et al., 2016).</p>	<p>A influência de habilidades técnicas na tomada de decisão de jogadores novatos de Vôlei (LOPES et al., 2016).</p>	<p>—</p>	<p>—</p>	<p>Avaliação das capacidades técnico-táticas na modalidade de Voleibol infantil feminino (DORNELLES, 2009).</p>
<p>Relação entre o tempo, o tipo e o efeito do ataque no Voleibol masculino juvenil de alto nível competitivo (COSTA et al., 2010).</p>	<p>Fatores associados à eficácia no desempenho de ações técnico-táticas no Voleibol (SALLES et al., 2017).</p>	<p>—</p>	<p>—</p>	<p>Nível de desempenho técnico-tático das equipes catarinenses de Voleibol nas categorias de formação (PORATH, 2012).</p>

Quadro 4 – Estudos que apresentam elementos não Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.

(continuação)

Evidências científicas sobre os fundamentos do Voleibol: importância desse conteúdo para prescrever o treino (MARQUES JUNIOR, 2013).	Uma análise dos fatores que influenciam o ataque no Voleibol masculino de alto nível (ROCHA; BARBANTI, 2004).	—	—	Análise do comportamento visual e da tomada de decisão no Voleibol (CASTRO, 2015).
Estudos dos fundamentos de jovens jogadoras do Voleibol feminino (ARRUDA; MARQUES JUNIOR, 2015).	Estudo dos indicadores de rendimento em Voleibol em função do resultado do set (MARCELINO et al., 2010).	—	—	Ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol: proposições a partir da Praxiologia Motriz e o Método Situacional (LANES, 2018).
Nível de desempenho técnico-tático das equipes de Voleibol em escalões de formação (PORATH et al., 2016).	Conhecimento tático-estratégico dos Levantadores brasileiros campeões do Voleibol: da formação ao alto nível (MATIAS; GRECO, 2011).	—	—	Desenvolvimento do conhecimento tático declarativo e processual no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol escolar (LIMA, 2008).
A decisão motriz do levantador no Voleibol: revisão de literatura e sistematização para ensino-aprendizagem segundo a Praxiologia Motriz (FAGUNDES; RIBAS, 2017).	Estudo das zonas e eficácia da recepção em função do jogador recebedor no Voleibol sênior feminino (MAIA; MESQUITA, 2006).	—	—	Efeito do uso do <i>feedback</i> em vídeo na eficácia de ataque da zona 4 (ELIAS, 2008).

Quadro 4 – Estudos que apresentam elementos não Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.

(conclusão)

O conteúdo substantivo da informação e as tarefas de treino no contexto do Voleibol juvenil (PEREIRA; MESQUITA; GRAÇA, 2009).	Voleibol feminino de alto nível: análise do ataque na Superliga feminina (COSTA; FREIRE, 2017).	—	—	—
—	A modulação do ataque no Voleibol de alto nível: o caso da Superliga feminina 2011-2012 (COSTA; BARBOSA; GAMA FILHO, 2013).	—	—	—
—	Voleibol masculino de alto nível: associação entre as ações de jogo no <i>side-out</i> (COSTA et al., 2016).	—	—	—
—	Associação entre procedimentos de jogo e ataques de fundo na Superliga masculina brasileira (COSTA et al., 2018).	—	—	—

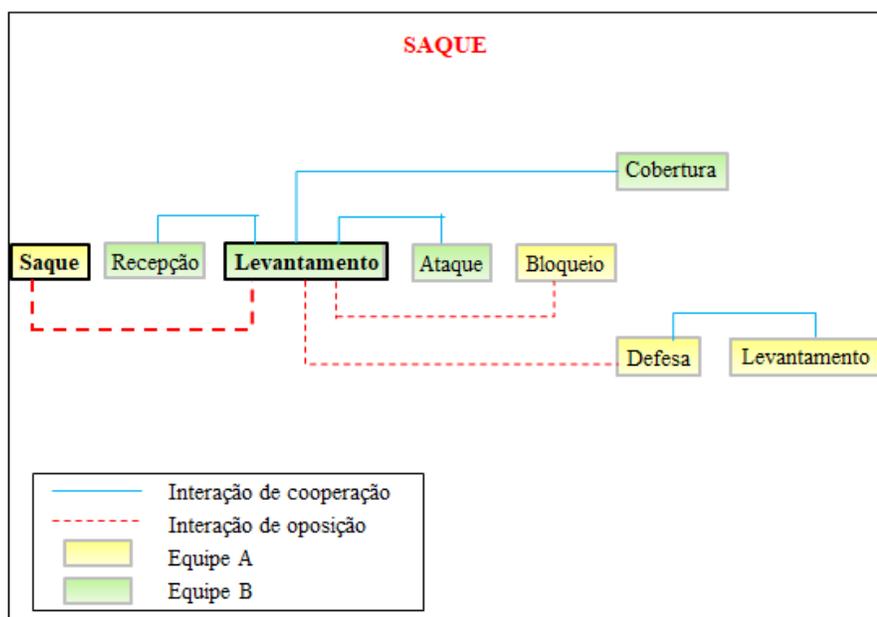
Fonte: Elaborado pela autora.

8.1.1 Saque

Considerando a ordem previamente definida em relação aos momentos do jogo de Voleibol, o Saque configura-se como o primeiro momento que estabelece interação motriz com o Levantamento, sendo ela de oposição. Essa contracomunicação é estabelecida ao passo que o

sacador tem por objetivo marcar o ponto direto ou facilitar as próximas ações de sua equipe para a obtenção desse. Para que isso se efetive, o sacador procura desequilibrar e dificultar a organização ofensiva da equipe adversária e, para isso, pode utilizar como estratégia sacar justamente no jogador responsável pelo Levantamento, já que é ele o encarregado pela organização ofensiva da equipe. (RIBAS, 2014). Dessa forma, para uma melhor leitura, antecipação e desempenho do Levantador perante as ações do sacador, torna-se necessário que ele analise alguns elementos referentes ao jogador que estiver assumindo o papel de sacador na equipe adversária.

Figura 9 - Interação motriz do Levantamento com o saque.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

A seguir serão apresentados os elementos que o Levantador precisa considerar e analisar do sacador adversário no momento do saque, bem como o respectivo número de estudos em que esses elementos foram citados, conforme as cinco fontes de pesquisa.

Quadro 5 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao saque.

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Tipo de Saque	2	1	1	2	5	11
Posição do Sacador	0	1	1	1	3	6
Direção da Bola	0	1	0	1	4	6
Trajetória da Bola	0	1	1	1	2	5
Velocidade da Bola	0	1	0	1	3	5
Qualidade do Saque	1	0	0	0	1	2
Características do Sacador	0	0	0	1	1	2
Rotação da Bola	0	0	0	1	1	2
Nível de Dificuldade do Saque	0	0	0	1	0	1
Estratégia do Sacador	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Como evidenciado no Quadro 5, o elemento mais mencionado nas produções científicas nacionais analisadas foi o **Tipo de Saque**, citado por 11 estudos. Neles, esse elemento foi explicitado como sendo as diferentes formas como o sacador pode atuar no respectivo momento do jogo, ou seja, as possíveis ações motrizes do saque: saque flutuante, saque potente, saque colocado, saque viagem, saque forçado. Quanto aos tipos de saque, Matias e Greco (2011b, p. 526) destacam

que “o saque flutuante visa condicionar as ações do levantador ou diminuir a velocidade da sua distribuição, já o saque viagem visa o ponto direto ou uma maior quebra da velocidade da distribuição de jogo ou até mesmo a não organização ofensiva do adversário”.

Corroborando com isso, Costa et al. (2011) afirmam que o saque potente possibilita maiores oportunidades para obter o ponto direto, limitando a organização do sistema ofensivo da equipe adversário, enquanto que o saque flutuante dificulta a recepção oponente, porém com menores índices de erro. Portanto, a análise e leitura desse elemento por parte do Levantador orienta sua tomada de decisão, no que tange a seu posicionamento, sua velocidade e seus possíveis planos de ação, tanto em relação à recepção de sua equipe, quanto à distribuição de jogo, tornam-se um importante fator de interpretação e atuação.

Outro elemento bastante citado foi a **Posição do Sacador**. Ele diz respeito ao local da quadra de execução do saque (ex.: ponta direita; ponta esquerda; meio da quadra; distante ou próximo da linha de fundo), indicando ao Levantador, assim como aos passadores, o tipo de saque a ser realizado e principalmente a região da quadra de maior probabilidade em que ele será destinado: diagonal ou paralela, frente ou fundo da quadra. Perante essas informações, o Levantador e os passadores poderão adequar seu posicionamento e melhor se organizar no espaço da quadra, para que o Levantador, se possível, não realize a recepção, o que pode ser justamente a intenção contracomunicativa do sacador. (RIBAS, 2014).

Apontado pelo mesmo número de estudos, além da Posição do Sacador, tem-se a Direção da Bola e, logo na sequência, mencionados por cinco pesquisas, os elementos Trajetória da Bola e Velocidade da Bola. A **Direção da Bola** refere-se ao direcionamento do saque, ou seja, em qual jogador ou posição da quadra o saque será direcionado, também relacionada às zonas da quadra (zona de ataque e zona de defesa).

Pode-se afirmar que este elemento está diretamente associado à **Trajétoria da Bola** – trajetória do saque, uma vez que para antecipar sua direção, os jogadores precisam também analisar a trajetória que ela percorre antes de chegar na posição ou no jogador desejado pelo adversário. Se a Trajetória da bola apresentar muitas oscilações durante seu percurso, obrigará uma movimentação extra dos passadores que, por consequência, poderá condicionar a tarefa do Levantador. (JOÃO; PIRES, 2015). Já a **Velocidade da Bola**, como o nome sugere, informa sobre a velocidade/força imprimida à bola no saque, indicando o tempo de reação do Levantador para posicionar-se e se preparar para a distribuição do Levantamento.

Citado por apenas duas pesquisas, a Qualidade do Saque caracteriza-se também como um dos elementos que orienta a leitura de jogo do Levantador, acompanhado das Características do Sacador e da Rotação da Bola. A **Qualidade do Saque** diz respeito a sua eficácia, o que implica na atuação e no desempenho do Levantador, visto que se o saque for ruim ou regular, a recepção tem maiores chances de realizar um passe mais adequado, o que oportuniza a construção da jogada dessa equipe e de um ataque mais efetivo. (COSTA et al., 2011).

Já as **Características do Sacador** é relativa ao perfil histórico do jogador, proveniente do conhecimento prévio, obtido por meio de vídeos e observações de jogos. Esse elemento implica ao Levantador conhecer o repertório de ações do sacador, os tipos de saques mais utilizados perante as diferentes situações do jogo e suas principais variações. A partir desse conhecimento e informações prévias, o Levantador poderá dispor-se melhor em quadra e até mesmo organizar sua equipe estrategicamente de forma a se sobressair ao saque adversário.

A **Rotação da Bola**, por sua vez, informa sobre como a bola chegará em quadra e, portanto, por meio de qual ação motriz é mais adequada recebe-la, caso o Levantador tenha que realizar tal ação, além de indicar o possível efeito que o sacador empregou a bola. Esse último elemento, assim como a Qualidade do Saque, está diretamente relacionado ao **Nível de Dificuldade do Saque**, outro elemento citado por apenas um estudo analisado.

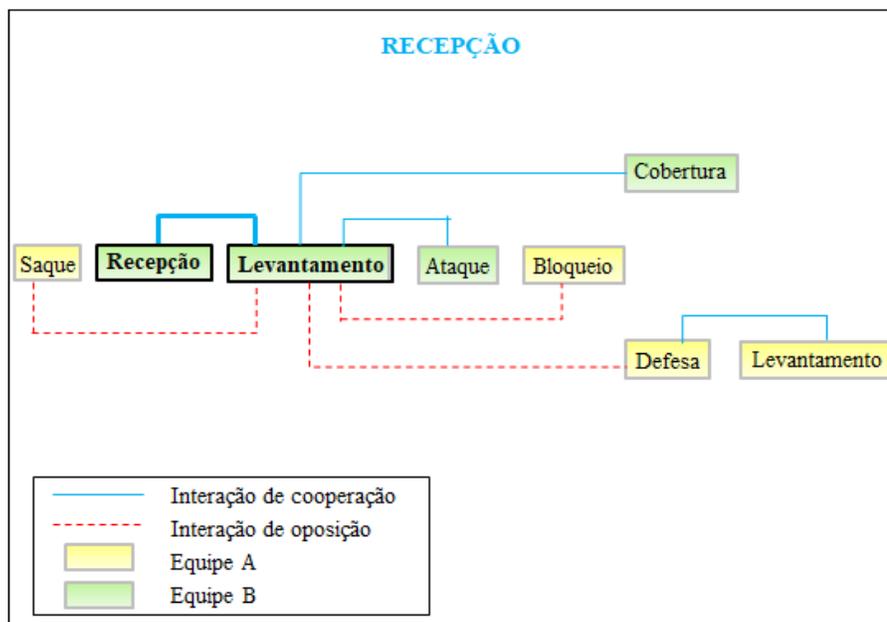
Como último elemento disposto no Quadro 5, a **Estratégia do Sacador**, também mencionado por apenas um estudo, configura-se como a estratégia adotada pelo jogador quando este for atuar em seu respectivo momento, certamente apoiada por planos e intenções contracomunicativas a atuação dos passadores e do Levantador adversário. Por meio dessa informação torna-se possível se antecipar as intenções e objetivos do sacador, estando a frente de seus planos de ação.

8.1.2 Recepção

Após a interação de oposição estabelecida com o sacador, o Levantador precisa atentar-se ao próximo momento do jogo - a recepção - que, em contrapartida, terá um caráter cooperativo, objetivando facilitar as ações do jogador que atuar no momento do Levantamento. A essência da cooperação existente entre esses momentos expressa-se em um dos objetivos da recepção

(passadores) para com o Levantador: a recepção “se configura taticamente para *deixá-lo livre do passe*, na busca por facilitar suas ações”. (FAGUNDES et al., 2017, p. 236, grifo nosso).

Figura 10 - Interação motriz do Levantamento com a recepção.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Para que a interação motriz entre os passadores (jogadores que atuam no momento da recepção) e o Levantador ocorra harmoniosamente e com êxito é necessário que essa relação seja recíproca, ou seja, os passadores devem analisar determinados elementos do Levantador, enquanto que esse também precisa considerar o maior número possível de informações para tomar a melhor decisão no jogo. À mercê desse entendimento, o Quadro 6 ilustra os elementos que norteiam as ações do Levantador, de acordo com a ordem decrescente apontada nos estudos analisados.

Quadro 6 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à recepção.

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Qualidade do Passe	10	13	0	2	8	33
Posição dos Passadores	2	1	0	1	5	9
Tipo de Passe	0	0	3	1	4	8
Características dos Passadores	1	1	0	0	3	5
Trajatória da Bola	1	1	1	0	1	4
Direção da Bola	0	0	0	0	3	3
Velocidade da Bola	0	0	0	0	3	3
Habilidade dos Passadores	0	0	0	1	0	1
Disponibilidade/ Opções no Jogo	0	0	0	1	0	1
Jogador que Realizou a Recepção	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o exposto a cima, a **Qualidade do Passe** apresenta-se como o elemento mais citado no decorrer dos estudos e, vale destacar, o mais citado considerando todas as categorias criadas para esta sistematização, tanto não Praxêmicas quanto Praxêmicas. A Qualidade do Passe configura-se como sendo a eficácia do primeiro toque da equipe, após a interceptação do saque

adversário (COSTA et al., 2019), na tentativa de colocar a bola em uma determinada região da quadra (tradicionalmente entre as posições 2 e 3) que proporcione ao Levantador o maior número de opções de ataque. De acordo com algumas das produções analisadas (COSTA et al., 2011, 2014; MATIAS; GRECO, 2011b; ROCHA; BARBANTI, 2004), a recepção pode ser classificada como:

- Erro de recepção: ponto para a equipe adversária ou bola enviada diretamente para a quadra oponente, sem a construção do sistema ofensivo;
- Recepção ruim: só permite ao Levantador destinar a bola para cima, podendo essa ser atacada ou simplesmente passada para o outro lado por um dos atacantes (recepção que não permite o ataque organizado);
- Recepção moderada: recepção que cria dificuldades ao Levantador na distribuição da bola, restringindo-o a uma única opção de ataque;
- Recepção excelente: recepção na zona de ataque, possibilitando ao Levantador todas as opções de ataque.

Por conseguinte, a qualidade do passe influencia diretamente na estratégia do Levantador, uma vez que sua eficácia condiciona o sistema ofensivo da equipe e as possibilidades de ataque, o que facilita sua distribuição de jogo. (COSTA et al., 2010, 2016a). Pode-se afirmar que “a boa qualidade da recepção propicia maior organização ofensiva, permitindo um ataque mais agressivo através de bolas rápidas, o que concomitantemente dificulta a defesa do adversário”. (COSTA et al., 2010, p. 432). Por outro lado, quando a qualidade da recepção é baixa, as ações do Levantador restringem-se basicamente à execução, sem a possibilidade de dificultar o processo de leitura por parte da equipe adversária. Por isso, ao perceber que os passadores de sua equipe terão dificuldades em receber a bola, o Levantador pode antecipar seu próprio deslocamento, com o intuito de chegar a tempo de executar o Levantamento em condições mais adequadas. (FAGUNDES; RIBAS, 2017). Costa et al. (2016b, p. 11) complementam que:

Quanto melhor a qualidade da recepção mais rápido será o levantamento e mais complexo o sistema ofensivo, uma vez que todos os atacantes participarão da construção ofensiva, enquanto que as recepções de qualidade reduzida, passe B e C, limitam a participação dos atacantes no sistema ofensivo e solicitam um levantamento mais lento devido as restrições impostas pela recepção.

Com isso, constata-se que a Qualidade do Passe realmente é um importante elemento a ser considerado pelo Levantador, pois ela terá influência sobre suas decisões, ao passo que

dependendo da condição da recepção, a ação motriz a ser empregada pelo Levantador e o atacante a ser acionado poderão modificar-se ou sofrer adequações. Portanto, cabe ao Levantador avaliar essas questões no decorrer do jogo.

Na sequência, o segundo elemento mais citado em relação à recepção é a **Posição dos Passadores**. Para esse item, os estudos discorrem que a posição dos jogadores da recepção pode ser tanto referente às posições da quadra em que o passe é realizado (posição 1, 2, 3, 4, 5 e 6), quanto às zonas da quadra (zona de ataque e zona de defesa). (JOÃO; PIRES, 2015).

No que diz respeito ao próximo elemento, o **Tipo de Passe**, esse refere-se à ação motriz utilizada pelos jogadores no momento da recepção: manchete, toque, espalmada, peixinho, dentre outros recursos. Também, é importante que o Levantador observe se a recepção foi curta ou longa, com ou sem queda, distante ou próximo da rede e suas condições (MACHADO, 2006; RIBAS, 2014; SERENINI; FREIRE; NOCE, 1998), para, a partir dessas informações, poder tomar a melhor decisão em relação a “como e para quem levantar”.

No que tange às **Características dos Passadores**, pode-se afirmar que esse elemento é relativo tanto às características técnicas e táticas desses jogadores, seus pontos fracos e pontos fortes, quanto a suas características psicológicas. (MATIAS, 2009; MATIAS; GRECO, 2011b). Para esse tipo de conhecimento, o Levantador precisa observar o comportamento de seus companheiros previamente, ou seja, durante os jogos (aulas, treinos, competições), para saber como eles agem e reagem mediante determinadas situações do jogo.

Logo na sequência, têm-se os elementos Trajetória da Bola (citado por quatro estudos) e Direção e Velocidade da Bola (citados por três estudos). A **Trajetória da Bola** está relacionada a parábola que a bola realiza após o contato com o passador até chegar ao Levantador, podendo ser alta ou baixa. (MATIAS; GRECO, 2011b). Esse elemento está associado diretamente a suas ações motrizes, pois se a trajetória da bola for mais retilínea (baixa) talvez haja a necessidade do Levantador ter que atuar por meio da manchete, enquanto que se a trajetória for curvilínea (alta) ele poderá levantar de toque, ação motriz mais adequada ao se pensar o processo contracomunicativo estabelecido com os bloqueadores e com a defesa adversária.

A **Direção da Bola** refere-se à direção do passe, ou seja, para qual local da quadra a bola será enviada ao Levantador, tendo em vista que o local mais apropriado para sua atuação é entre as posições 2 e 3 da quadra. (MARCELINO et al., 2010). Já a **Velocidade da Bola** informa sobre a força que o passador emprega à bola na recepção. Dependendo desses três elementos, o Levantador

terá ou não que adaptar suas ações, movimentos, deslocamentos, posicionamento e suas possibilidades de opções no jogo.

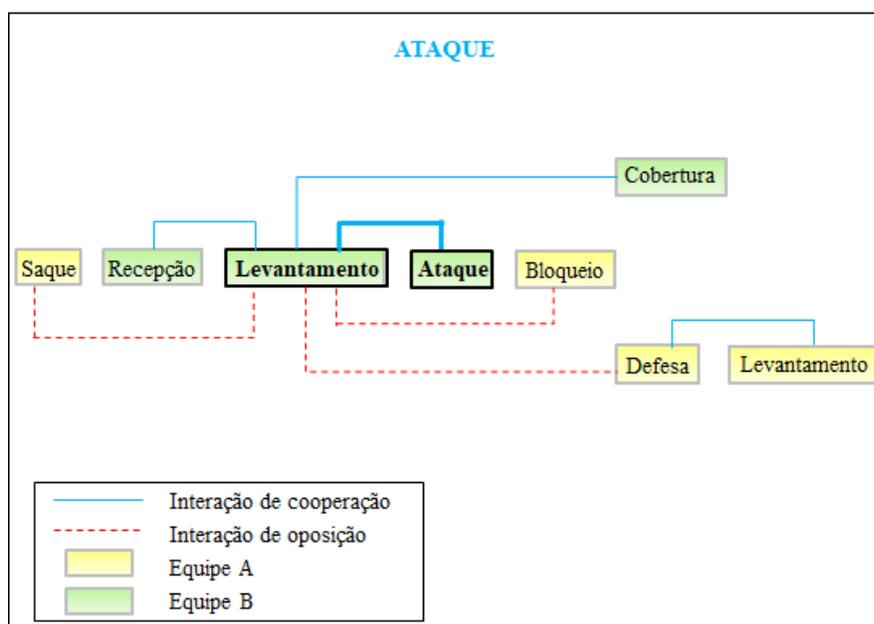
Por fim, o elemento **Habilidade dos Passadores** refere-se aos piores e aos melhores jogadores da recepção, tanto em relação a suas características gerais quanto a sua atuação nesse momento específico do jogo. Já o elemento **Disponibilidade/Opções no Jogo** corresponde aos passadores que participam da recepção em cada organização ofensiva da equipe, tendo em vista que, dependendo do sistema de jogo e da estratégia adotada pela equipe, nem todos os jogadores ficam dispostos para receber a bola vinda do saque.

Correlacionado a este último, o elemento **Jogador que Realizou a Recepção** informa sobre qual jogador de fato efetuou o passe. Esse elemento torna-se relevante, mesmo mencionado pelo mínimo possível de estudos, ao passo que dependendo do jogador que atuou nesse momento, o Levantador deverá decidir se levantará para o mesmo jogador ou para outro que estiver em melhores condições de atacar.

8.1.3 Ataque

Como evidenciado, o último elemento listado na recepção possui absoluta relação com o próximo momento do jogo que estabelece interação motriz com o Levantamento – o ataque, sendo ela também de cooperação.

Figura 11 - Interação motriz do Levantamento com o ataque.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Tendo em vista que o ataque é uma das principais formas de pontuar no jogo e o Levantador é o responsável por sua organização, a relação estabelecida entre ambos os momentos se torna extremamente comunicativa e essencial para que a equipe pontue no Voleibol. Para isso, se faz necessário que o Levantador observe e considere, antes de tomar sua decisão, alguns elementos específicos dos atacantes.

Quadro 7 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao ataque.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Posição dos Atacantes	4	6	1	1	7	19
Disponibilidade/ Opções no Jogo	2	2	2	3	7	16

Quadro 7 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao ataque.

(conclusão)

Função dos Atacantes	2	3	0	0	9	14
Habilidade dos Atacantes	1	1	2	2	6	12
Características dos Atacantes	2	1	2	1	6	12
Número de Pontos já Marcados pelos Atacantes	0	1	0	1	3	5
Tipo de Ataque	0	0	0	1	0	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o exposto acima, o elemento mais citado pelos estudos quando referente ao ataque foi a **Posição dos Atacantes**. Para isso, o Levantador precisa analisar qual dos jogadores está melhor posicionado e em melhores condições para realizar o ataque, considerando as posições da quadra em que ele se encontra (1, 2, 3, 4, 5 e 6) e/ou as zonas da quadra (ataque e defesa), para, posteriormente, optar pelo atacante da extremidade ou do centro, localizado na frente ou no fundo da quadra. Em alguns dos resultados dos estudos analisados, a Posição dos Atacantes recebeu destaque, ao referir-se aos locais da quadra que os Levantadores mais distribuem as bolas durante o jogo, seja no ataque ou no contra-ataque:

- maior distribuição para a posição 4 e 2 (entrada e saída de rede, respectivamente) (ARRUDA; MARQUES JUNIOR, 2015);
- tendência de maior solicitação dos atacantes de ponta, sendo reivindicados, preferencialmente, nas posições 4 e 6 (COSTA et al., 2019);
- ataques realizados na posição 3 e no 1º tempo de ataque, pois limitam a estrutura do sistema defensivo adversário (COSTA et al., 2016a);

- o estudo mostrou que quanto maior a velocidade do ataque, maiores as chances de pontuar no jogo. Logo, o Levantador opta por levantar para o atacante da posição 3 e para aqueles que estão na zona de ataque, justamente porque nelas os ataques são mais rápidos (COSTA et al., 2016b; GOUVEA, 2005);
- Atacantes das posições 2, 3 e 4 (zona de ataque) (COSTA et al., 2017a);
- Atacante da posição 6, pois “tem como prioridade aumentar o número de opções de ataque, gerando incertezas no sistema defensivo adversário e dando maior eficiência à construção ofensiva” (COSTA et al., 2017a, p. 6);
- Após a boa qualidade da recepção, é preferível escolher o atacante localizado na posição 3, sugerindo uma estreita relação entre qualidade de recepção e local de ataque (COSTA et al., 2017b);
- O Levantador pode escolher o atacante posicionado mais longe dele (geralmente o da posição 4) para que o bloqueio não chegue a tempo de se estruturar. (MATIAS, 2009; PORATH, 2012).

Após essas exemplificações, constata-se que mesmo o destaque sendo a Posição dos Atacantes, outros elementos também se fizeram presentes nas citações, mesmo que implicitamente, pois estão interligados: função dos atacantes, tempo de ataque, composição do bloqueio, velocidade do ataque e qualidade da recepção. Para tanto, esses outros elementos foram ou serão citados respeitando a sequência dos momentos do jogo e, portanto, também serão contabilizados na sistematização.

Vale ainda destacar que a Posição dos Atacantes está diretamente relacionada aos Papeis e aos Subpapeis Sociomotores dos jogadores, conforme já explicitado no capítulo 7. Sendo assim, se o jogador estiver no papel de atacante, ele não terá nenhum tipo de restrição nesse momento do jogo quanto a suas ações. Por outro lado, se ele estiver no papel de defensor, seus subpapeis serão basicamente os de atacar na “zona de defesa”, fintar e preparar-se para a cobertura. Dessa forma, isso é algo que o Levantador precisa levar em conta no momento do Levantamento, uma vez que ele não pode levantar uma bola muito próxima a rede (zona de ataque) para um jogador que estiver no papel de defensor, pois seu papel não lhe permite realizar tal subpapel, o de atacar após a linha dos 3 metros a cima do bordo superior da rede, mesmo que esteja, naquele determinado momento, localizado na zona de ataque.

No que tange ao próximo elemento, **Disponibilidade/Opções no Jogo**, esse corresponde ao número de atacantes disponíveis/mobilizados em determinadas situações, às melhores opções de ataque, ou seja, se o jogador está preparado e no tempo adequado para participar do ataque, bem como ao número de atacantes que compõem a rede. De acordo com Matias e Greco (2011b, p. 526), “um maior número de atacantes envolvidos na ação ofensiva elaborada pelo levantador de voleibol gera maiores dificuldades nos bloqueadores adversários em perceber antecipadamente o atacante que receberá o levantamento”. Este elemento também pode ser relacionado ao jogador que atacou a última bola, cabendo ao Levantador decidir, a partir disso, se acionará na sequência o mesmo jogador ou optará por outro, conforme seu desempenho. Também, se o atacante fez parte do bloqueio anteriormente e, por isso, estará em condições de contra-atacar ou não. Essas informações se fazem relevantes para que o Levantador saiba quais as alternativas de ataque estão a sua disposição e quais são as melhores.

Levando em consideração que as funções desempenhadas pelos jogadores de Voleibol em um sistema de jogo mais avançado (5x1) são levantador, oposto, central, ponteiro e líbero, o elemento **Função dos Atacantes** equivale aos jogadores que exercem as funções de oposto (saída de rede), central (meio de rede) e ponteiro (entrada de rede), uma vez que a principal atribuição do Levantador não é a de atacar, tampouco a do líbero. O Levantador, em algumas situações do jogo, procura levantar para determinado atacante de função específica. Exemplificando essa afirmação, na pesquisa realizada por Costa et al. (2019), foi constatado que há uma tendência no Voleibol brasileiro masculino que os atacantes mais solicitados pelo Levantador sejam aqueles que tenham as funções de ponteiro e de oposto. Já no estudo de Marques Junior (2013), os jogadores mais solicitados foram o oposto, o ponteiro e o central, respectivamente. Ainda, quando a situação necessita de maior velocidade no ataque, o Levantador opta exclusivamente pelo atacante central, tendo em vista que os ataques provenientes dessa função são mais rápidos e resultam em maiores chances de obter sucesso sobre o bloqueio adversário, devido, sobretudo, a velocidade da jogada. (MATIAS, 2015).

No que tange à **Habilidade dos Atacantes**, essa refere-se aqueles jogadores tidos como os mais habilidosos da equipe a atuar em tal momento. Para tanto, o Levantador precisa observar o ponto forte de cada jogador, o rendimento perante situações específicas, a eficácia desses jogadores no momento do ataque e àqueles tidos como jogadores de “segurança/confiança”. (ROSE JUNIOR, 2011; SANTINI; LIMA, 2007). Uma estratégia que pode ser adotada pelo Levantador é

justamente divergente à lógica prevista por seus adversários, sendo essa a de optar pelo atacante menos eficaz ao perceber que o bloqueio está marcando o jogador mais eficiente.

Este elemento está, de certo modo, associado às **Características dos Atacantes** que, por sua vez, faz parte do conhecimento prévio que o Levantador deve ter sobre esses jogadores. Portanto, as Características dos Atacantes estão relacionadas a seus aspectos físicos (altura, velocidade), suas condições técnicas e táticas, seu estado psicológico e as emoções geralmente manifestadas (confiança, medo, coragem, raiva). Enquadra-se aqui também o conhecimento acerca dos jogadores mais e menos ágeis, o tipo de bola que eles mais têm facilidade e melhor atacam e as situações do jogo que eles mais se destacam tática e tecnicamente.

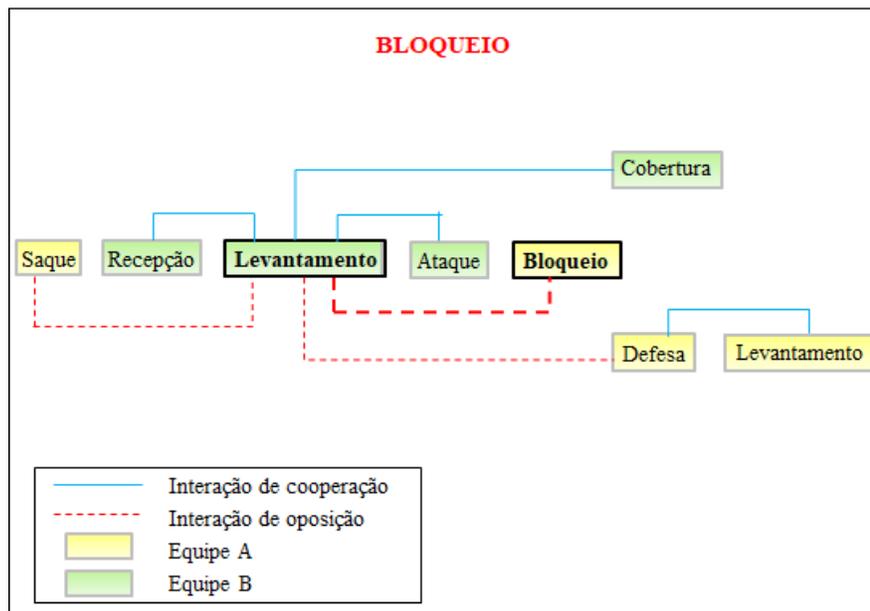
O **Número de Pontos já Marcados pelos Atacantes** está associado também à Habilidade dos Atacantes. No entanto, optou-se em apresentá-los como elementos distintos pelo fato de que nem sempre o jogador de mais pontos marcados é aquele mais habilidoso, mesmo que haja uma estreita relação entre ambos. Assim, esse elemento representa os jogadores que mais pontuam na partida. Conseqüentemente, é importante que o Levantador avalie o atacante que está melhor no jogo, ao se tratar dos pontos já marcados.

Como último elemento referente ao momento ataque tem-se o **Tipo de Ataque**, citado por apenas um estudo. Acredita-se que ele foi minimamente apontado pelas pesquisas ao se apresentar como um elemento a ser observado mais pelos bloqueadores e pela defesa adversária. Ao se pensar na leitura realizada pelo Levantador da própria equipe, esse elemento deveria estar posto como um conhecimento prévio acerca das características técnicas e táticas do atacante e não como o tipo de ataque propriamente realizado por esse jogador.

8.1.4 Bloqueio

Diferentemente do momento anterior, no que tange à interação motriz estabelecida entre o Levantamento e o Bloqueio, essa configura-se como sendo de oposição. Perante o objetivo de deixar seus atacantes nas melhores condições para finalizar, o Levantador deve considerar o bloqueio adversário, já que essas “melhores condições” são de fato lhes proporcionar um ataque sem bloqueio ou, pelo menos, com bloqueio simples.

Figura 12 - Interação motriz do Levantamento com o bloqueio.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Para que a contracomunicação expressa entre o Levantador e os bloqueadores se concretize e, com isso, o Levantador tenha o máximo de aproveitamento em sua organização e atuação ofensiva, esse jogador precisa observar uma série de informações que norteiam sua leitura de jogo e a tomada de decisão propriamente dita. Mediante as produções analisadas, essas informações (elementos) consideradas fundamentais estão dispostas no Quadro 8.

Quadro 8 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao bloqueio.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Composição do Bloqueio	2	3	2	2	9	18
Posição dos Bloqueadores	1	3	3	3	7	17

Quadro 8 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao bloqueio.

(conclusão)

Características dos Bloqueadores	0	1	4	2	5	12
Habilidade dos Bloqueadores	0	1	4	3	4	12
Função dos Bloqueadores	1	1	0	0	3	5

Fonte: Elaborado pela autora.

Indo ao encontro do descrito anteriormente acerca da comunicação expressa entre o Levantador e os atacantes em relação aos bloqueadores, o elemento mais citado pelos estudos analisados foi justamente a **Composição do Bloqueio**. Esse refere-se à formação e distribuição do bloqueio adversário, ou seja, o número de bloqueadores que está disposto a atuar nesse respectivo momento do jogo (bloqueio simples, duplo ou triplo). De acordo com Marques Junior (2013), o Levantador pode utilizar a variação de bolas de velocidade para dificultar a ação do bloqueio, visando criar contextos em que os atacantes se confrontem com um bloqueio simples (1x1) ou sem a presença do bloqueio (1x0).

Relacionado de certa forma à Composição do Bloqueio, o próximo elemento é a **Posição dos Bloqueadores**. Esse diz respeito às informações que o Levantador precisa considerar em relação: ao posicionamento dos bloqueadores ao destinarem-se próximos à rede, a distância entre os próprios bloqueadores, a marcação do bloqueio sobre determinado atacante, bloqueio aberto ou fechado e o local da quadra de maior vulnerabilidade do bloqueio.

Com isso, ao perceber que os bloqueadores estão distantes um dos outros na rede, ou seja, se há “espaço vazio” entre eles, o Levantador pode atacar a bola de segunda. No entanto, deve-se atentar que esses mesmos jogadores podem deixar o espaço entre eles propositalmente para surpreender o Levantador e tirar vantagem sobre o mesmo. Quanto à marcação sobre os atacantes, é importante que o Levantador tenha a sensibilidade de perceber se os bloqueadores estão marcando algum de seus atacantes em específico, geralmente o mais habilidoso, para justamente optar por outro jogador, até mesmo aquele menos eficaz, mas que provavelmente não está sendo

marcado. Além disso, ao certificar-se que o bloqueio está se posicionando mais na paralela (corredor) ou mais na diagonal, deve-se inverter a distribuição da bola, ou seja, solicitar atacantes das pontas para o bloqueio fechado e atacantes do meio para o bloqueio mais aberto. (MATIAS; GRECO, 2011b).

Ainda sobre a Posição dos Bloqueadores, no que tange ao local da quadra de maior vulnerabilidade do bloqueio, é de suma importância que o Levantador também considere a maior distância para o bloqueio adversário, ou seja, escolher o atacante que estiver mais distante dos bloqueadores para que eles não cheguem a tempo de se compor equilibradamente. Acerca disso, Matias (2015) destaca que ao perceber que o bloqueador central está acompanhando o atacante oposto, por exemplo, o Levantador pode optar em levantar para aquele que estiver mais distante, o atacante da posição 4, com o propósito do bloqueador central não ter condições de compor o bloqueio no local escolhido. Ou seja, o Levantador considera a movimentação do bloqueador central para determinar uma opção ofensiva com maior espaço entre os bloqueadores. Em referência a isso, Bordini (2015, p. 127) apresenta a tática do bloqueio que diz respeito ao posicionamento inicial adotado pelos bloqueadores da equipe adversária, cujo Levantador pode levar em consideração no momento do Levantamento, assim como os atacantes. Para esse autor, o bloqueio pode ser:

- Bloqueio fechado – os três bloqueadores encontram-se próximo ao centro da rede.
- Bloqueio fechado na posição 2 – o jogador da posição 2 encontra-se próximo ao da 3 no centro da rede e o da posição 4 aberto.
- Bloqueio aberto – os três jogadores da rede encontram-se abertos.
- Bloqueio fechado na posição 4 – o jogador da posição 4 encontra-se próximo ao da 3 no centro da rede e o da posição 2 aberto.
- Bloqueio quebrado – os jogadores encontram-se desorganizados em relação ao posicionamento.

Como é possível constatar, estes conhecimentos também podem ser remetidos e relacionados ao elemento Composição do Bloqueio, anteriormente descrito, já que também fazem menção à formação dos jogadores.

O próximo elemento é relativo às **Características dos Bloqueadores**. Esse é atinente a suas particularidades, como suas características técnicas e táticas, suas capacidades físicas (estatura, impulsão, velocidade, capacidade de reação, agilidade), as técnicas individuais e

coletivas, seus pontos fracos e pontos fortes, ou seja, o conhecimento prévio que o Levantador deve ter sobre esses jogadores.

Já a **Habilidade dos Bloqueadores** está associada à eficácia, às qualidades e ao desempenho dos jogadores, com o intuito de saber quais deles são os mais eficientes no bloqueio para optar pela distribuição de bola no lado oposto da rede.

O elemento **Função dos Bloqueadores** refere-se às funções dos jogadores quando esses estão no momento do bloqueio, podendo ser central, oposto e ponteiro. Em relação a essas possíveis funções, o Levantador deve atentar-se principalmente ao posicionamento do jogador central, para limitar suas ações de bloqueios duplos e triplos, já que nessa posição da quadra é mais propenso bloqueios de maior composição. Matias (2015) ratifica essa afirmação ao descrever que o Levantador deve observar o posicionamento do bloqueio central, pois é fundamental a presença do atacante central de sua equipe, uma vez que sua movimentação para o ataque rápido (1º tempo) exige o posicionamento regular do bloqueador central defronte a tal jogador. Assim, constata-se a relevância da observação dos bloqueadores da extremidade da rede em conjunto com o bloqueador central para a eleição de uma opção ofensiva de ataque.

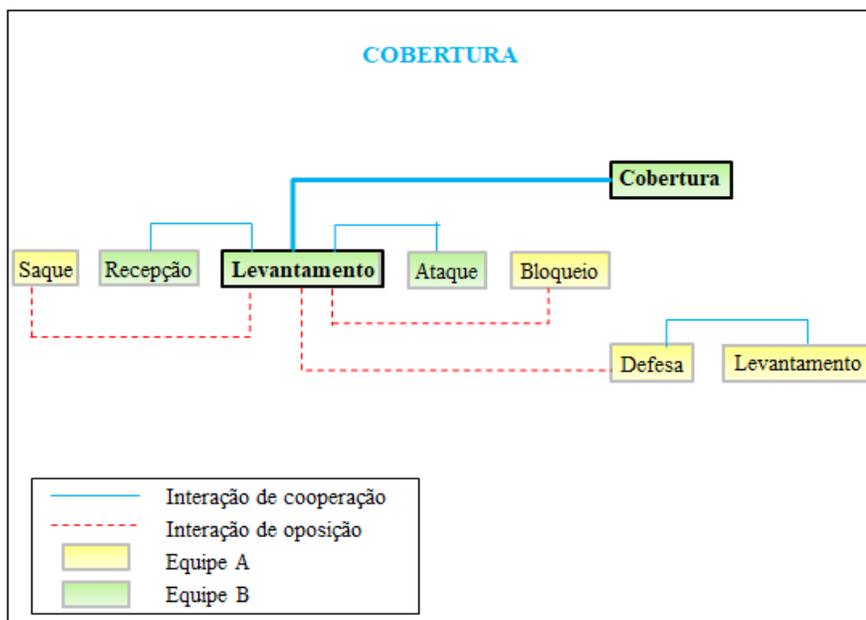
Por fim, enfatiza-se que só é permitido, de acordo com as regras do Voleibol, que o jogador atue no bloqueio se ele estiver no papel de atacante, pois caso contrário suas alternativas de ação não lhe permitirão realizar o subpapel de bloquear. Isso significa que o Levantador só precisa analisar o posicionamento, a composição, as características, as habilidades e as funções dos bloqueadores que estiverem assumindo, exclusivamente, o papel de atacante, ou seja, os que estão nas posições 2, 3 e 4 da quadra.

8.1.5 Cobertura

Após a atuação do bloqueio adversário, se esse for ofensivo e a bola retornar para a quadra do Levantador, a continuidade do jogo se dará por meio da cobertura e de sua interação de cooperação estabelecida com o Levantador de sua equipe. Assim como a recepção, a cobertura também tem por objetivo colaborar com seu Levantador e auxiliá-lo na construção do contra-ataque de sua equipe. Pode-se afirmar, portanto, que os mesmos elementos que foram apresentados anteriormente em relação ao momento recepção também podem destinar-se à cobertura, uma vez que a interação que ambos estabelecem com o Levantamento são equivalentes.

A verdadeira diferença entre esses momentos é a interação motriz de oposição que os precede, na qual para a recepção é o saque e para a cobertura é o bloqueio.

Figura 13 - Interação motriz do Levantamento com a cobertura.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Dessa forma, os elementos Tipo de Passe, Direção da Bola, Habilidade dos Passadores, Disponibilidade/Opções no Jogo e Jogador que Realizou a Recepção também podem ser destinados à cobertura, com suas devidas adaptações quanto as nomenclaturas. Além desses, têm-se também a Qualidade da Cobertura, Trajetória da Bola, Posição dos Jogadores da Cobertura, Características dos Jogadores da Cobertura e Velocidade da Bola, apontados pelos estudos analisados tanto na recepção quanto na cobertura, como disposto a seguir.

Quadro 9 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à cobertura.

(continua)

Fontes de Pesquisa	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Elementos Não Praxêmicos						

Quadro 9 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à cobertura.

(conclusão)

Qualidade da Cobertura	0	0	0	0	1	1
Trajatória da Bola	0	0	0	0	1	1
Posição dos Jogadores da Cobertura	0	0	0	0	1	1
Características dos Jogadores da Cobertura	0	0	0	0	1	1
Velocidade da Bola	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere a **Qualidade da Cobertura**, esse elemento diz sobre a eficácia da ação realizada pelo jogador da cobertura, após a ação do bloqueio adversário, ao destinar a bola às mãos do Levantador, de modo que lhe proporcione atuar com qualidade e com o maior número de opções de ataque. Transferindo esse conhecimento ao que foi apresentado na recepção, também pode-se classificar a cobertura como: erro da cobertura; cobertura ruim, cobertura moderada e cobertura excelente, de acordo com as possibilidades de ataque que o Levantador terá em sua organização ofensiva.

Quanto à **Trajatória da Bola**, essa é pertinente à parábola que a bola percorre em sua trajetória após o contato com o jogador da cobertura até chegar ao Levantador, informando-lhe sobre a ação motriz mais adequada a ser realizada naquele momento, podendo ser o toque, para trajetórias mais altas, ou a manchete e recursos secundários, para trajetórias mais baixas.

Já a **Posição dos Jogadores da Cobertura** diz respeito à informação que o Levantador obtém sobre o posicionamento em quadra desses respectivos jogadores. Como a bola é vinda do bloqueio adversário, geralmente a cobertura é realizada na zona de ataque ou bem próxima a ela,

com possíveis exceções. Logo, a posição dos jogadores da cobertura será na extensão dessa região da quadra ou próxima a ela.

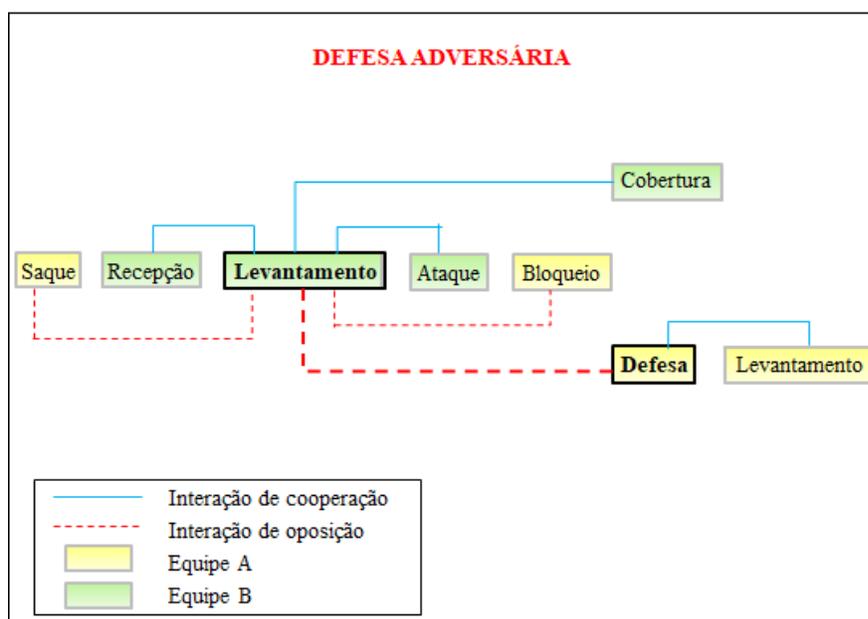
Quanto às **Características dos Jogadores da Cobertura**, esse elemento é relativo às características técnicas, táticas e psicológicas desses jogadores, seus pontos fracos e pontos fortes e seus aspectos físicos. Como o último elemento disposto no Quadro 9, a **Velocidade da Bola** informa ao Levantador sobre a força empregada à bola no momento da cobertura, lhe dando indícios sobre suas posteriores ações, posicionamento e deslocamentos que precisam ou não serem realizados antes do Levantamento propriamente dito.

Destaca-se ainda que todos estes elementos foram citados por apenas um estudo de mesma fonte de pesquisa, o Catálogo de Teses e Dissertações. Isso ocorreu não somente porque a maioria das pesquisas analisadas não abordavam o momento cobertura, mas sim pelo fato de que elas não diferenciavam a recepção da cobertura e da defesa da equipe quanto a sua nomenclatura, uma vez que na maior partes dos estudos os três momentos do jogo eram chamados de recepção ou de defesa. No entanto, defende-se que esses momentos são significativamente distintos, principalmente ao se tratar da interação motriz de oposição que os precede. Por isso, adotou-se o critério de somente considerar os elementos em cada um dos três momentos quando esses foram devidamente diferenciados ou ainda pela referência à interação de oposição dos quais são provenientes.

8.1.6 Defesa Adversária

Como segunda possibilidade de sequência do jogo após a atuação do bloqueio adversário, se esse for de caráter defensivo ou se não ocorrer corretamente, o próximo momento do jogo será a defesa da equipe adversária ao do Levantador, cuja interação motriz também se configura como de oposição. Antes de optar por determinado atacante, o Levantador precisa considerar e observar, além do bloqueio adversário, a defesa da equipe oponente, uma vez que posteriormente a atuação dos bloqueadores, seus atacantes ainda precisam superar a defesa para marcar o ponto.

Figura 14 - Interação motriz do Levantamento com a defesa adversária.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Para que esta interação de oposição seja concretizada e para que o Levantador possa auxiliar seus atacantes a superarem a defesa adversária, ele deve observar e analisar alguns elementos importantes a sua atuação e a organização ofensiva de sua equipe, conforme elucidado a seguir.

Quadro 10 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à defesa adversária.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Posição dos Defensores	0	2	1	1	6	10
Características dos Defensores	0	0	1	1	2	4

Quadro 10 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à defesa adversária.

(conclusão)

Posição do Levantador Adversário	1	0	1	0	1	3
Habilidade dos Defensores	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

O elemento mais significativamente apontado pelos estudos analisados foi a **Posição dos Defensores**, sendo ele atinente aos espaços vazios deixados pelos jogadores da defesa adversária, os chamados “buracos vazios”. Além de ter por objetivo auxiliar na posterior atuação de seus atacantes, o Levantador também se opõe a defesa ao tentar largar a bola de segunda na quadra adversária (ataque de segunda), como explicitado por Ribas (2014, p. 84):

Apesar de este aspecto ter alto grau de dificuldade pelo fato de ser realizado simultaneamente com a ação de levantar, é extremamente importante, pois, ao perceber que a organização da defesa adversária deixou algum espaço em sua quadra, este pode ser utilizado pelo levantador por meio de um ataque de segunda, uma largadinha, abrindo mão do levantamento.

No entanto, para efetuar o subpapel de largar de segunda, o Levantador deve atentar-se a seu próprio posicionamento em quadra: deve estar no papel de atacante (posições 2, 3 e 4), caso contrário, se estiver no papel de defensor, o regulamento não lhe permite realizar tal subpapel sociomotor, apenas o de largar de segunda abaixo do bordo superior da rede.

Tendo em vista a proximidade dos elementos dispostos em sequência, o próximo a ser apresentado é a **Posição do Levantador Adversário (LA)**, mesmo não estando na ordem indicada pelo Quadro 10. Optou-se em considerá-lo como um elemento distinto da Posição dos Defensores, uma vez que ele faz referência, especificamente, ao adversário quando está na função de levantador e no papel de defensor (defende no fundo da quadra e depois infiltra para exercer sua função). Logo, quando esse jogador (LA) estiver posicionado na zona de defesa (papel de defensor), o Levantador deve observar em qual posição seu adversário costuma infiltrar para executar o levantamento na rede. Perante essa observação, o Levantador pode atacar (ataque de segunda)

propositalmente nesse jogador ou em sua trajetória, justamente para confundir sua ação e a dos demais defensores. (RIBAS, 2014). Dessa forma, o Levantador estará opondo-se a seu adversário (LA) com o mesmo objetivo tático do sacador ao tentar direcionar a bola ao Levantador oponente, para que ele se obrigue a realizar o passe e não consiga ser o responsável pelo Levantamento de sua equipe, como descrito anteriormente no momento saque.

Por outro lado, quando o levantador adversário (LA) estiver na zona de ataque (papal de atacante), ele deverá participar do bloqueio de sua equipe. Então, o Levantador, assim como seus atacantes, deve observar seu posicionamento na rede, pois geralmente esse jogador é o de menor estatura e, com isso, as jogadas de ataque devem ser efetuadas sempre que possível sobre esse jogador. Em vista disso, pode-se incluir esse conhecimento como um dos elementos a ser observado acerca do bloqueio adversário, mais precisamente sobre as Características dos Bloqueadores (altura).

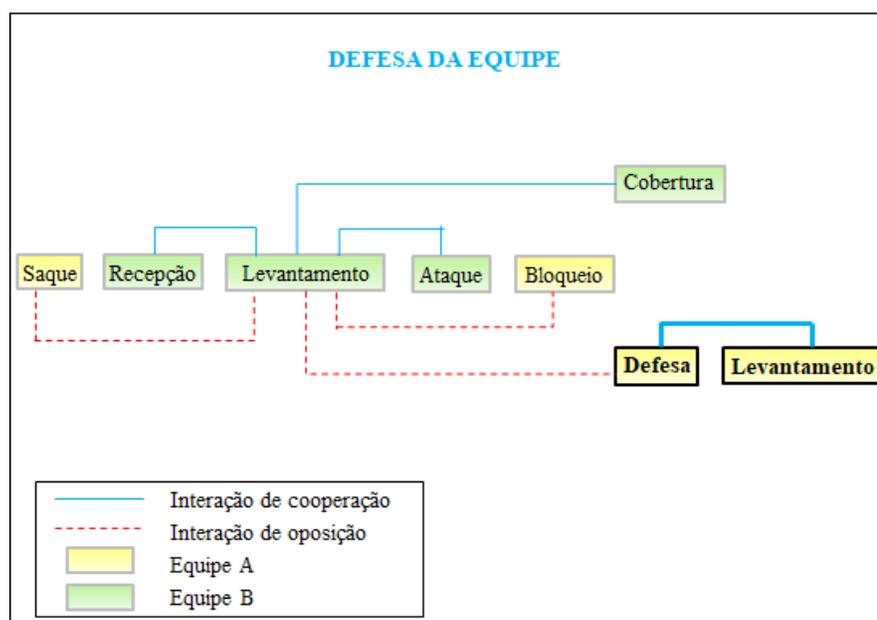
Já no que tange ao elemento **Características dos Defensores**, esse configura-se pelos perfis dos jogadores que integram a defesa, como aspectos técnicos, táticos e psicológicos, sua agilidade, dentre outros conhecimentos adquiridos previamente ao jogo.

Por fim, a **Habilidade dos Defensores** é relativo aqueles jogadores de maior habilidade ao atuar no momento da defesa, ou seja, aqueles tidos como os mais habilidosos, os melhores durante o jogo, para justamente evitar que sejam eles quem realizem a defesa, seja proveniente do ataque de segunda (Levantador) ou do ataque propriamente dito (atacantes).

8.1.7 Defesa da Equipe

Supondo que o bloqueio da equipe que iniciou sacando foi de caráter defensivo e que seus companheiros realizaram a defesa, impedindo o ponto de ataque adversário, é necessário organizar-se taticamente para a construção de seu primeiro contra-ataque. Para isso, a equipe conta com o momento da defesa, juntamente com a interação de cooperação que é estabelecida com o Levantador de sua equipe. Salienta-se que a “defesa adversária” descrita no subitem acima e a “defesa da equipe” são um único momento. O que as diferenciam e, por essa razão, foram apresentadas separadamente, são as interações motrizes que as mesmas estabelecem com o Levantador: quando ele for da equipe adversária (oposição) ou de sua própria equipe (cooperação).

Figura 15 - Interação motriz do Levantamento com a defesa da equipe.



Fonte: Elaborada a partir de Ribas (2014).

Assim como foi destacado anteriormente no momento da cobertura, as interações de cooperação existentes entre a recepção e o Levantamento, a cobertura e o Levantamento e entre a defesa e o Levantamento são absolutamente iguais, uma vez que os três momentos do jogo têm por intuito cooperar com o Levantador de sua própria equipe, ao ponto de passar a bola da melhor forma possível a seu Levantador. Ao mesmo tempo esses jogadores devem evitar que seja o Levantador quem realize a recepção/cobertura/defesa, na busca por facilitar suas ações e liberá-lo para realizar exclusivamente o Levantamento.

Quadro 11 – Relação recepção, cobertura e defesa.

Saque	← - - - - - →	<i>Recepção</i>	← ———— →	Levantamento
Bloqueio	← - - - - - →	<i>Cobertura</i>	← ———— →	Levantamento
Ataque	← - - - - - →	<i>Defesa</i>	← ———— →	Levantamento

Fonte: Elaborado pela autora.

Além dos elementos dispostos no Quadro 12, o Levantador também precisa considerar os listados no momento da recepção e da cobertura que não foram contemplados na defesa, os quais seriam ainda a Habilidade dos Defensores e a Disponibilidade/Opções no Jogo. Perante a análise e o processamento dessas informações acerca dos defensores de sua equipe, o Levantador deve tomar sua decisão quanto “para quem, para onde e como levantar”, dando continuidade ao jogo através da interação motriz de cooperação com os atacantes de seu time, até a finalização do *rali*.

Quadro 12 – Elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação à defesa da equipe.

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Qualidade da Defesa	3	2	0	0	6	11
Posição dos Defensores	1	0	0	0	4	5
Trajatória da Bola	0	1	0	0	2	3
Direção da Bola	0	0	0	0	2	2
Velocidade da Bola	0	0	0	0	2	2
Características dos Defensores	0	1	0	0	1	2
Tipo de Defesa	0	0	0	0	1	1
Jogador que Realizou a Defesa	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Para que a explicação destes elementos não se torne maçante, uma vez que já foram apresentados nos momentos anteriores (recepção e cobertura), será realizada uma breve síntese sobre eles. Quanto à **Qualidade da Defesa**, essa configura-se como a eficiência dos jogadores da defesa em atuar nesse respectivo momento do jogo, colocando a bola em condições e no local favorável as ações do Levantador, podendo ser: erro de defesa, defesa ruim, defesa moderada e defesa excelente. A defesa de qualidade gera mais chances de contra-ataques na equipe, pois quanto melhor o sistema defensivo, melhores serão as possibilidades em seu sistema ofensivo. (MARQUES JUNIOR, 2013). A **Posição dos Defensores** diz sobre o posicionamento em quadra desses jogadores, onde eles estão distribuídos, em quais regiões da quadra (área de ataque ou área de defesa), bem como a distância existente entre os defensores e o Levantador.

A **Trajetória da Bola** informa sobre sua parábola na trajetória entre o defensor e o Levantador, podendo ser alta, média ou baixa. A **Direção da Bola** retrata para qual local da quadra a bola será direcionada ao Levantador, tendo como referência a região que ele geralmente atua próximo a rede (entre as posições 2 e 3 da quadra).

Já a **Velocidade da Bola** indica a força imprimida à bola pelo defensor ao direcioná-la ao Levantador, logo após tê-la interceptado do ataque adversário. Se a bola vier do ataque com elevada velocidade, o mesmo pode contribuir para que a defesa não consiga controlá-la adequadamente, o que ilustra a contracomunicação estabelecida entre esses momentos. Isso pode dificultar também a ação do Levantador e, portanto, os defensores precisam conter a velocidade da bola, apenas direcionando-a ao local desejado.

As **Características dos Defensores** referem-se aos conhecimentos adquiridos previamente sobre os defensores acerca de suas peculiaridades físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Quanto ao **Tipo de Defesa**, esse corresponde basicamente às ações motrizes, ou seja, os recursos utilizados pelos jogadores para atuar no momento da defesa, como a manchete, o toque, a espalmada e o peixinho.

Por fim, o **Jogador que Realizou a Defesa** diz respeito a qual dos jogadores dispostos em quadra executou a defesa propriamente dita. Essa informação pode auxiliar na decisão do Levantador, ao optar em levantar para o mesmo jogador ou para outro que não atuou nesse momento e talvez esteja em melhores condições para realizar o ataque posteriormente. Portanto,

isso dependerá também do desempenho e da disponibilidade desses jogadores, principalmente do que executou a defesa, bem como de outros fatores derivados do contexto situacional do jogo.

Após apresentar os momentos da recepção, cobertura e defesa da equipe, salientando suas semelhanças quanto à interação motriz de cooperação estabelecida com o Levantamento e seus elementos comunicativos que orientam a leitura de jogo e a tomada de decisão do Levantador, destaca-se ainda uma das significativas diferenças existentes entre os momentos da recepção e da defesa para a continuidade das próximas ações. No que se refere às fases do jogo, pode-se afirmar que o Voleibol possui dois complexos: *side-out* (complexo I), que é a organização do ataque após a recepção do saque; e *transição* (complexo II), sendo a organização do contra-ataque após a defesa do ataque. Em comparação, conforme destacado por alguns dos estudos analisados, geralmente os atacantes têm maior sucesso no *side-out*, ou seja, após a recepção. (CAMPOS et al., 2015; CÉSAR; MESQUITA, 2006; COSTA et al., 2016a, 2019).

De acordo com César e Mesquita (2006), isso se dá pelo fato de que o *side-out* oferece condições mais previsíveis aos passadores-levantador-atacantes, já que o saque é uma ação de menor interferência e mais passível de leitura quando comparado ao ataque, uma vez que sempre se sabe qual jogador iniciará o *rali*, diferentemente do ataque. Essa previsibilidade quanto ao jogador e suas ações permite aos passadores antecipar-se e ao Levantador ter o maior número de atacantes mobilizados. Contudo, na fase de *transição*, sua condição inicial – o ataque – é tido como um momento mais imprevisível, já que o objetivo do levantador é justamente ludibriar a equipe adversário quanto a quem realizará o ataque, o que, conseqüentemente, limita as opções e a construção do contra-ataque da equipe quanto ao número de jogadores e a velocidade da jogada.

Claramente estes conhecimentos têm influência sobre os elementos Qualidade do Passe e Qualidade da Defesa, pois a partir de ambos complexos do jogo é possível entender as relações e as implicações que o saque e o ataque têm sobre a eficácia da recepção e da defesa no sistema ofensivo da equipe, respectivamente. Torna-se importante que quando o aluno ou atleta está inserido no contexto do jogo, ele saiba, além de realizar as ações com eficiência e destreza, o que as influenciam quanto a sua qualidade de execução. O mesmo é importante na atuação do Levantador que deve compreender o que pode implicar, à priori, na qualidade do passe e da defesa de sua equipe. Isso se estende também à cobertura, pois acredita-se que assim como a ataque, o bloqueio também é mais imprevisível que o saque, o que dificulta a atuação dos jogadores e até mesmo a Qualidade da Cobertura.

Com isso, verifica-se a importância do entendimento acerca dos momentos que precedem a recepção, a defesa e a cobertura, o que reforça suas particularidades e a necessidade de esclarecer suas diferenças. Fundamentado nesses conhecimentos, os jogadores responsáveis por atuar nesses respectivos momentos, poderão melhor compreender suas funções, a dinâmica do jogo, os processos de leitura e interpretação, bem como melhor cooperar com o Levantador para o êxito de sua equipe.

8.1.8 Elementos Gerais

Nesse subitem serão apresentados os elementos que norteiam a atuação e a tomada de decisão do Levantador quanto aos demais jogadores de modo geral, não diferindo-os por momento do jogo como foi feito até então. Sendo assim, diferentemente dos elementos agrupados por momentos cooperativos e opositivos, nos estudos analisados ainda foram apontadas algumas informações derivadas do jogo ou de sua lógica externa que o Levantador deve levar em consideração para realizar o Levantamento, mas que não são designadas a momentos e/ou a jogadores específicos, como exposto no Quadro 13.

Quadro 13 – Elementos gerais que orientam a leitura de jogo do Levantador.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Situações de Jogo	1	1	0	0	7	9
Placar	1	1	0	1	5	8
Características dos Jogadores	1	1	1	0	4	7
Estratégia da Equipe	2	1	0	2	1	6

Quadro 13 – Elementos gerais que orientam a leitura de jogo do Levantador.

(conclusão)

Sistema Defensivo da Equipe Adversária	1	2	1	0	2	6
Trajectoria da Bola	0	0	1	1	3	5
Sistema de Jogo da Própria Equipe	1	2	0	1	1	5
Distância da Bola em Relação à Rede	0	1	0	1	2	4
Treinador	3	1	0	0	0	4
Sua Própria Posição	0	1	0	0	3	4
Jogada Marcada pelo Próprio Levantador	2	1	0	0	0	3
Posição dos Jogadores	0	0	0	0	3	3
Velocidade da Bola	0	0	0	1	1	2
Substituição na Equipe Adversária	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

O elemento mais contemplado pelas pesquisas foi **Situações de Jogo**, sendo relativo aos diferentes momentos do jogo e suas situações de imprevisibilidade que requerem atenção e cautela em decisões de maior complexidade e em momentos decisivos da partida e de cada set. Esse elemento indica ao Levantador se ele deve ou não arriscar suas jogadas, bem como mudar suas ações para prevenir a adaptação dos adversários.

O próximo elemento, o **Placar**, refere-se à lógica externa, sendo essa relativa às características e fatores externos à lógica de funcionamento do jogo, na qual influencia diretamente nas ações e nas decisões dos jogadores. Os estudos apontaram que o placar, seja do set ou do jogo, é um dos fatores externos que mais implica na tomada de decisão do Levantador em arriscar ou não, sobre qual ação a ser realizada em determinada circunstância e sobre qual atacante acionar.

As **Características dos Jogadores** vão ao encontro do descrito nos momentos em que esse elemento foi apontado, sendo ele o conhecimento prévio acerca das características técnicas, táticas, psicológicas e físicas dos participantes. No entanto, para essa situação, ele não foi remetido a um determinado momento ou jogador em específico, sejam eles companheiros ou adversários, mas sim a todos aqueles que o Levantador deve realizar leituras, antecipações e interpretações.

A **Estratégia da Equipe** diz respeito aos planejamentos da equipe e à estratégia do próprio Levantador quanto a movimentação de seus atacantes. Sobre a diferença entre a estratégia e a tática, termos bastantes discutidos na área, Dornelles (2009) elucida que a estratégia se caracteriza como algo pertinente aos planos de ação, o que depende da intervenção do professor ou do treinador. Enquanto que a tática refere-se aos processos cognitivos dos jogadores (percepção, atenção, antecipação, memória, pensamento, inteligência e tomada de decisão), sendo essa a aplicação da estratégia às condições específicas do confronto. Dessa forma, o conhecimento estratégico do Levantador pode acarretar em uma melhor distribuição das jogadas durante a partida, atrelada aos conhecimentos táticos e técnicos desse jogador.

O **Sistema Defensivo da Equipe Adversária** diz respeito ao sistema de jogo adotado pelos adversários, mais especificamente quanto a sua organização defensiva para a realização do bloqueio e da defesa. Assim, o Levantador, ao observar e analisar o sistema de jogo, terá indícios sobre como estará composto o bloqueio e sobre a organização espacial da defesa pela quadra, bem como a posição do Levantador da equipe adversária (Levantamento com ou sem infiltração), como já explicitado anteriormente.

A **Trajatória da Bola** se assemelha ao descrito nos momentos anteriores, porém essa não foi referida a algum momento ou jogador em específico, mas que, considerando as interações motrizes do Levantamento, é certamente a trajetória da bola vinda do saque, da recepção, da cobertura e da defesa da equipe.

O **Sistema de Jogo da Própria Equipe** corresponde ao sistema de jogo estrategicamente adotado, tanto defensivo, relacionado à recepção, cobertura e defesa, quanto ofensivo, relativo ao sistema de ataque e contra-ataque. Nos estudos analisados, esse elemento também fazia referência ao rodízio (rotação) da própria equipe, o que informa ao Levantador a posição de cada companheiro, seus papéis e possíveis subpapéis, bem como sua própria posição, ou seja, se está na zona de ataque ou de defesa (Levantamento com infiltração). Assim, ao tomar suas decisões, o Levantador estará sempre a avaliar a atuação tática coletiva de seu time em quadra, pois cada rodízio oferece uma nova formação de jogadores na zona de ataque e de defesa.

A informação sobre a **Distância da Bola em Relação à Rede** dá ao Levantador indícios sobre as ações que o mesmo terá condições de realizar naquela determinada situação do jogo, pois dependendo da estatura desse jogador, se a bola estiver muito próxima a rede, ele terá dificuldades em realizar suas ações, o que, portanto, deve ser algo avaliado pelos passadores, defensores e pelos jogadores da cobertura de sua equipe. Do mesmo modo, para o Levantador ter a oportunidade de atacar uma bola de segunda, é necessário que o passe seja mais afastado da rede e, preferivelmente, que o Levantador tenha condições de analisar o posicionamento dos bloqueadores e da defesa adversária.

Quanto ao elemento **Treinador**, Matias e Greco (2016, p. 395) elucidam que o diálogo estabelecido entre os jogadores e o treinador é uma importante fonte de conhecimento:

Esse diálogo é fundamental na preparação ou no auxílio das decisões do levantador de voleibol, antes ou durante uma partida, para assim aprimorar a interpretação do jogo [...] Ficou demonstrado que o diálogo com o treinador fornece ao levantador informações para construção de planos táticos para distribuição de jogo, organização ofensiva e para correções das suas decisões durante o transcorrer do jogo.

Da mesma forma que esse elemento faz menção ao treinador da equipe, é possível transferir esse conhecimento ao professor de Educação Física, uma vez que no contexto escolar é ele o responsável por orientar o Levantador, assim como os demais alunos, durante a prática do Voleibol, fazendo-os compreender a lógica do jogo no qual estão inseridos. O professor também

poderá auxiliá-los em suas decisões e percepções de elementos relevantes para sua leitura e para o desenvolvimento do jogo.

Além da posição de companheiros e adversários, é importante que o Levantador observe **Sua Própria Posição**, ou seja, o local da quadra em que está posicionado e sua zona de atuação (ataque ou defesa). Isso torna-se relevante ao passo que a partir dessas percepções o Levantador poderá identificar seu papel e, principalmente, seus subpapeis, sendo eles as ações a serem realizadas dentro das possibilidades regulamentares.

Dependendo de sua posição, o Levantador deve atentar-se às trocas de posições na rede quando sua equipe for realizar o saque, bem como a necessidade de infiltrar ou não para realizar o Levantamento e a velocidade de seu deslocamento até chegar no local mais apropriado para exercer sua função. Torna-se importante que, quando possível e pertinente, o Levantador varie o local de atuação, tendo por intuito organizar seus atacantes de forma diferente para dificultar o posicionamento do bloqueio adversário. (MATIAS; GRECO, 2011b). Todavia, para isso, há a necessidade que sua equipe esteja bem entrosada e que suas ações técnico-táticas sejam relativamente apuradas.

Já a **Jogada Marcada pelo Próprio Levantador** são as combinações de jogadas definidas pelo Levantador anteriormente a sua realização. Outro quesito que é fundamental para uma boa distribuição do Levantamento é a variação na armação do ataque: mudança constante de jogadas ensaiadas em vários momentos da partida, objetivando surpreender e desestabilizar a equipe adversária.

A **Posição dos Jogadores** caracteriza-se como uma importante informação a ser considerada pelo Levantador, pois a partir dela o mesmo pode antecipar-se, tanto em relação a suas opções de ataque (posição de companheiros) quanto ao destino da distribuição da jogada e suas próprias ações (posição dos oponentes). Já a **Velocidade da Bola** informa ao Levantador a velocidade empregada à bola quando direcionada a ele, ao passo que quando vinda dos adversários será dificultada e dos companheiros, facilitada. Essa informação lhe auxiliará na execução de suas ações, na velocidade de seu deslocamento e posicionamento perante a rede ou pelo espaço da quadra.

Mesmo sendo o elemento menos apontado pelos estudos, a **Substituição na Equipe Adversária** é uma significativa informação a ser observada pelo Levantador já que, dependendo

do jogador que sair ou entrar na equipe, ele pode alterar suas estratégias quanto as ações e a distribuição de bola frente a nova disposição do bloqueio e da defesa adversária.

A partir destes conhecimentos evidencia-se que além daqueles elementos inerentes a companheiros e adversários, é importante que o Levantador também observe, analise e interprete aquelas informações oriundas da lógica externa do jogo, as situações de imprevisibilidade, os sistemas de jogo adotados por ambas as equipes, suas estratégias de jogo, as orientações de quem observa o jogo externamente (treinador e professor), bem como os elementos relativos a si mesmo (sua própria posição e combinações de jogadas). Esse conjunto de informações auxiliará o Levantador em sua tomada de decisão quanto ao que fazer (conhecimento declarativo) e como fazer (conhecimento processual), ou melhor: para quem, para onde e como levantar.

8.1.9 Próprio Levantador

Como já destacado em algum momento desta dissertação, todos os jogadores são portadores de mensagens e informações, espontaneamente ou não e, por essa razão, ao mesmo tempo em que o Levantador realiza a leitura e interpretação de elementos de companheiros e adversários, sejam eles Praxêmicos ou não Praxêmicos, suas próprias ações e decisões também são constantemente interpretadas e decifradas durante o momento do Levantamento. Dessa forma, nesse último subitem relativo aos elementos não Praxêmicos, após apontar e discutir aqueles presentes nos estudos analisados referentes a todos os momentos do jogo que estabelecem interação motriz com o Levantamento, por fim, ainda serão sistematizados os elementos provenientes do próprio Levantador, analisados tanto por seus companheiros quanto por seus adversários.

Ressalta-se que quando destinados a companheiros essas informações e suas ações motrizes precisam ser facilitadas, enquanto que quando referentes a adversários, as mesmas devem ser absolutamente dificultadas, o que ilustra a essência da comunicação e da contracomunicação motriz, respectivamente.

Quadro 14 – Elementos que orientam a leitura de jogo dos demais jogadores em relação ao próprio Levantador.

Fontes de Pesquisa Elementos Não Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Tipo de Levantamento	6	10	0	2	8	26
Direção da Bola	4	4	0	0	8	16
Velocidade da Bola	4	3	0	1	8	16
Trajetória da Bola	0	3	2	1	4	10
Posição do Levantador	0	2	0	1	6	9
Qualidade do Levantamento	2	3	0	0	3	8
Jogada Marcada pelo Levantador	0	2	0	1	4	7
Distribuição de Bola	0	1	0	1	5	7
Características do Levantador	0	3	0	0	2	5

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao elemento mais citado pelas pesquisas, o **Tipo de Levantamento** é atinente às ações motrizes que esse jogador emprega para atuar no jogo: toque, manchete e outros recursos tidos como secundários, assim como as possíveis variações na armação do ataque: bola chutada, bola alta, bola de tempo e china. Além disso, ele refere-se aos Levantamentos realizados de frente, de costas e lateralmente ao atacante. De acordo com a produção analisada, esse elemento é observado pelos atacantes de mesma equipe, uma vez que o tipo de Levantamento influencia diretamente no tipo de ataque, e pelos bloqueadores e defensores adversários. Lanes (2018, p. 108)

ênfatisa que ao se tratar dos elementos táticos do jogo – leitura de jogo e tomada de decisão – a “ação motriz do toque ganha destaque no levantamento, pois sabe-se que o levantador deve ludibriar e antecipar os adversários [...]. Sendo assim, em virtude da precisão e rapidez do toque torna-se mais fácil atingir a eficácia nesses aspectos”.

O elemento **Direção da Bola** é algo observado principalmente pelos atacantes e bloqueadores e, em seguida, pela defesa adversária, conforme as produções analisadas. Ele aborda, basicamente, a direção da ação motriz executada pelo Levantador e a variação na armação do ataque quanto às regiões da quadra e a posição do atacante acionado. Portanto, esse elemento indica tanto a seus companheiros (atacantes) quanto a seus adversários (bloqueadores e defensores) para qual jogador a bola será levantada. Sendo assim, todos os atacantes dispostos em quadra, até mesmo aqueles que estão na zona de defesa, devem estar preparados caso sejam acionados. Por outro lado, os adversários devem aguardar essa definição para tomar sua decisão quanto ao posicionamento adequada ou, ainda, o bloqueador pode antecipar a direção da bola e iniciar seu deslocamento antes mesmo da distribuição ocorrer. (COSTA et al., 2017b).

Tendo em vista que o Levantador é o jogador responsável por organizar ofensivamente a equipe, baseado em uma gama de informações, é ele quem determina a direção da movimentação de todos os integrantes da equipe e não apenas daquele que executará o ataque propriamente dito. Ao se tratar dos adversários em específico, a direção do Levantamento também os informa sobre o tempo de ataca, pois quando a bola é direcionada aos jogadores da ponta, o ataque realizado será o de 3º tempo (bolas mais lentas), enquanto que se a bola for destinada a jogadores de meio, o ataque será de 1º tempo ou de 2º tempo, ambas jogadas mais rápidas, o que desfavorece o desempenho do bloqueio e defesa adversária. (COSTA et al., 2016b; ROCHA; BARBANTI, 2004).

A **Velocidade da Bola** diz respeito à velocidade em que a mesma é destinada ao jogador responsável por atuar após o Levantamento. Para o equilíbrio no sistema ofensivo da equipe, os atacantes devem levar em consideração esse elemento que precede sua atuação, pois, assim como a direção do Levantamento, sua velocidade também influencia no ataque. Quanto aos oponentes, a construção de jogadas de velocidade tem por intuito não dar a oportunidade aos bloqueadores de chegarem com eficiência e equilíbrio nos ataques de ponta, de meio e de fundo, já que o bloqueio é menos eficaz em jogadas de maior velocidade. Segundo Rocha e Barbanti (2004), se a velocidade do Levantamento for diminuída, também serão diminuídas as chances do ponto para quem atacou,

tendo em vista que ataques mais rápidos, derivados de Levantamento de maior velocidade, oferecem mais chances a equipe de obter vantagem sobre o bloqueio.

Associado à Direção e à Velocidade da Bola, o elemento **Trajectoria da Bola** é observado principalmente pelos atacantes da equipe, sendo relativo à altura que a bola percorre após a atuação do Levantador, até chegar ao atacante desejado.

A **Posição do Levantador** informa a todos os jogadores que estabelecem interação motriz com o Levantador sobre o local da quadra em que ele realizará o Levantamento. Antes de sacar, o sacador deve observar a posição do Levantador, pois, dependendo do sistema de jogo adotado e de seu papel sociomotor, o Levantador pode realizar a infiltração, o que dará a oportunidade ao sacador destinar a bola justamente ao Levantador ou em sua trajetória para que ele realize o passe e seja impedido de exercer sua função. Para a recepção, sua posição indica a distância entre o Levantador e os passadores, o local da quadra em que ele está posicionado e, caso ocorra, sua trajetória de infiltração, evitando possíveis colisões. Já para o bloqueio, a posição do Levantador informa a quantidade de atacantes dispostos na rede, pois, se o sistema de jogo adotado pelos adversários for o 5x1, por exemplo, e se o Levantador estiver zona de ataque, haverá apenas dois atacantes na rede, enquanto que se ele estiver na zona de defesa, contará com as três opções de ataque.

A **Qualidade do Levantamento** é atinente a sua eficiência e precisão quanto a ação motriz executada, geralmente por meio do toque. Ela configura-se como um importante elemento a ser observado principalmente pelos atacantes da equipe, uma vez que existe uma forte relação entre a qualidade do passe/cobertura/defesa com a eficiência do Levantamento e o sucesso do ataque. Nem sempre a bola será levantada de acordo com a preferência e a perfeição desejada pelo atacante. Então, cabe a ele adaptar sua ação ou corrigir a do Levantador, pois é o único capaz de retificá-la antes de passar a bola para o outro lado da quadra.

A **Jogada Marcada pelo Levantador** é algo exclusivo a organização de sua própria equipe e, portanto, um elemento a ser considerado pelos jogadores da recepção, cobertura, defesa e ataque. No Voleibol, esse elemento se faz bastante evidente na organização e combinações de jogadas ofensivas, cuja comunicação pode ser efetuada através da linguagem verbal e dos gestemas (comunicação entre os jogadores por meio de códigos gestuais). Conforme elucidado por Fagundes e Ribas (2017, p. 146), “no Voleibol, especificamente no levantamento, a comunicação gestêmica

mostra-se relevante, pois as combinações de jogadas ocorrem normalmente por meio de gestemas realizados com as mãos, principalmente pelo levantador”.

Assim como a Jogada Marcada pelo Levantador, a **Distribuição de Bola** foi apontada por sete dos estudos analisados. Ela é atinente às características e tendências do Levantador na distribuição das jogadas, a porcentagem de distribuição de bolas para todos os atacantes, aqueles geralmente mais acionados, bem como as zonas/posições da quadra mais solicitadas. Conforme Matias e Greco (2011b) elucidam, em momentos decisivos de jogos e em categorias mais novas, os Levantadores buscam concentrar o produto final da distribuição em poucos atacantes, mas com a progressão das categorias, os mesmos passam a apresentar uma distribuição mais equilibrada entre seus atacantes.

Por fim, quanto às **Características do Levantador**, esse elemento diz respeito às capacidades físicas desse jogador, principalmente sua altura e agilidade, assim como os aspectos psicológicos de liderança, ânimo, esforço e confiança. Em relação a altura do Levantador torna-se importante que seus companheiros levem em consideração essa característica e tenham atenção sobre suas implicações no contexto do jogo. Ratificando essa ideia, Fagundes et al. (2017, p. 236) descrevem que “se o levantador não apresentar estatura privilegiada, a recepção deve ser realizada mais distante da rede, para que seja possível a execução do levantamento”. Quanto a sua capacidade de deslocamento, “o passe precisa ter uma parábola maior caso ele não tenha uma capacidade de deslocamento adequada, ainda mais em sistemas de jogo que utilizam infiltração”. De acordo com as produções analisadas, esse elemento é observado principalmente pelos companheiros de equipe que atuam anteriormente ao Levantador (passadores, jogadores da cobertura e defensores).

8.2. ELEMENTOS PRAXÊMICOS QUE ORIENTAM A LEITURA DE JOGO NO LEVANTAMENTO

Após a sistematização dos elementos não Praxêmicos que orientam a leitura de jogo e a tomada de decisão do Levantador, agora faz-se necessário sistematizar aqueles referentes, exclusivamente, à linguagem e expressão corporal dos jogadores – os elementos Praxêmicos. Para isso, conservou-se a mesma estrutura de apresentação quanto à divisão dos momentos do jogo e

suas interações de cooperação e oposição, para melhor visualização e entendimento desses conhecimentos.

A tomada de decisão do jogador no Levantamento (para quem, para onde e como levantar) depende de inúmeros sinais e informações que ele deve analisar antes de decidir pela ação motriz mais adequada e pela opção de ataque. “A modalidade voleibol é considerada altamente visuo-motor, cujas ações demandam fundamentalmente habilidades como visualização, coordenação entre visão e execução motora, rapidez perceptiva, atenção, antecipação”. (CASTRO, 2015, p. 44). Durante o jogo, uma infinidade de sinais é apresentada ao jogador sobre o ambiente e sobre a tarefa a ser realizada.

Quando inserido na lógica interna do Voleibol, o Levantador precisa conhecer o idioma desse esporte, pois, assim como as demais práticas motrizes, ele também possui uma linguagem própria. Alguns dos sinais e signos que são atrelados à comunicação não verbal do jogo expressam-se pelos Praxemas. Molinuevo (1996) saliente que os Praxemas são de natureza semiológica, sendo a descoberta do projeto tático do jogador permeado por um processo semiológico complexo. De acordo com Parlebas (2001, p. 352), “um praxema tem a incomum propriedade semiótica de ser parte integrante de uma ação motriz que se está realizando”.

Retomando a definição de Parlebas (2001) anteriormente apresentada acerca da constituição do Praxema, tem-se que quando um determinado jogador atua por meio de uma ação motriz e movimentos corporais, a imagem de sua ação representa o *Significante* de um *signo*, provinda da orientação corporal desse jogador. Esse signo/sinal sempre estará vinculado a uma *mensagem*, sendo ela o *Significado* da ação realizada pelo jogador. Com isso, seus companheiros, assim como seus adversários, podem interpretar e se antecipar a esse sinal, de modo que essa interpretação é realizada após a leitura da mensagem que foi emitida corporalmente por esse jogador. Portanto, a associação do *Significante* (sinal) e do *Significado* (mensagem) constitui o Praxema.

Desse modo, ao atuar em seu respectivo momento no Voleibol, o jogador estará emitindo, intencionalmente ou não, sinais e signos corporais sobre suas ações. Pode-se afirmar, então, que esses *sinais* correspondem aos elementos Praxêmicos que serão apresentados na sequência da sistematização, sendo eles o *Significante* que compõe o Praxema. Já no que tange ao outro elemento que compõe o Praxema – o *Significado*, ao estar associado à *mensagem* emitida pelo jogador, pode-se constatar que ele está vinculado a interpretação da ação motriz. Ou seja, o que a

mensagem emitida corporalmente pelo jogador significa para o contexto do jogo e para aqueles que com ele estabelece interação motriz no Voleibol. Por meio dessa interpretação é possível que o Levantador identifique qual é a intenção tática ou estratégica adotada por esse jogador no respectivo momento no qual está atuando.

Salienta-se ainda que essa exposição acerca da relação *Significante - Significado* será adotada para todos os momentos do jogo apresentados na sequência da sistematização desta pesquisa. À mercê deste entendimento e levando em consideração a importância da comunicação Praxêmica no Voleibol, torna-se essencial, conforme o objetivo desta pesquisa, sistematizar os elementos relativos à linguagem corporal dos jogadores de Voleibol que orientam a Leitura Praxêmica e a tomada de decisão do Levantador, fundamentado nas interações de cooperação e oposição estabelecidas no jogo. Para melhor esclarecer esses conceitos, para cada um dos elementos Praxêmicos apontados pelos estudos analisados nas cinco fontes de pesquisa, quando necessário, foi apresentada e ilustrada a respectiva relação entre o *Significante* e o *Significado* que constituem o Praxema.

Assim como no subcapítulo anterior, antes de apresentar a sistematização dos elementos Praxêmicos extraídos da literatura analisada para cada um dos momentos do jogo que estabelece interação motriz com o Levantamento, estão listados no quadro abaixo todos os estudos que apontaram tais elementos no decorrer de seus textos, independentemente dos momentos ou jogadores que os mesmos fazem menção, conforme as cinco fontes de pesquisa onde se realizou a busca desses materiais. Em suma, 28 estudos apontaram elementos Praxêmicos que devem ser considerados pelo Levantador em relação aos demais jogadores ou, ainda, elementos que orientam companheiros e adversários em relação ao próprio Levantador: 5 artigos do Portal CAPES/MEC; 7 artigos de Revistas da área; 3 livros da Biblioteca da Instituição; 2 livros do Grupo de Pesquisa; 4 teses e 7 dissertações, conforme o Quadro 15 disposto a seguir.

Quadro 15 – Estudos que apresentam elementos Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.

(continua)

Artigos - Portal CAPES/MEC	Artigos - Revistas da Área Ed. F.	Livros - Biblioteca da Instituição	Livros - Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações
-------------------------------	--------------------------------------	--	--	-------------------------------------

Quadro 15 – Estudos que apresentam elementos Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.

(continuação)

Análise das estruturas do Complexo I à luz do resultado do set no Voleibol feminino (COSTA et al., 2014)	Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do Voleibol (MATIAS; GRECO, 2009).	Conhecendo o Voleibol (RIBEIRO, 2008).	Modalidades Esportivas Coletivas (ROSE JUNIOR, 2011).	Estudo das habilidades técnicas do ataque na posição quatro do Voleibol (ROCHA, 2009).
Eficácia do Side-out no Voleibol sênior masculino em função do jogador interveniente (JOÃO; PIRES, 2015).	A dinâmica do Voleibol sob as lentes da Praxiologia Motriz: uma análise praxiológica do levantamento (FAGUNDES; RIBAS, 2017).	Praxiologia Motriz e Voleibol: elementos para o trabalho pedagógico (RIBAS, 2014).	Iniciação Esportiva Universal (GRECO, 1998).	Construção do conhecimento e a estruturação das decisões do levantador de Voleibol no núcleo do sistema ofensivo na ação situada e incorporada (MATIAS, 2015).
Relação saque, recepção e ataque no voleibol juvenil masculino (COSTA et al., 2011)	A influência de habilidades técnicas na tomada de decisão de jogadores novatos de Vôlei (LOPES et al., 2016).	Voleibol: do aprender ao especializar (MACHADO, 2006).	—	Análise das ações dos Levantadores nos diferentes processos de jogo no Voleibol (BORDINI, 2015).
Evidências científicas sobre os fundamentos do Voleibol: importância desse conteúdo para prescrever o treino (MARQUES JUNIOR, 2013).	Uma análise dos fatores que influenciam o ataque no Voleibol masculino de alto nível (ROCHA; BARBANTI, 2004).	—	—	A decisão da largada do levantador do Voleibol na perspectiva de dinâmica ecológica (DENARDI, 2015).
Estudos dos fundamentos de jovens jogadoras do Voleibol feminino (ARRUDA; MARQUES JUNIOR, 2015).	Conhecimento tático-estratégico dos Levantadores brasileiros campeões do Voleibol: da formação ao alto nível (MATIAS; GRECO, 2011).	—	—	Análise das ações de jogos de Voleibol e suas implicações para o treinamento técnico-tático da categoria infanto-juvenil feminina (16 e 17 anos) (GOUVEA, 2005).

Quadro 15 – Estudos que apresentam elementos Praxêmicos, conforme as cinco fontes de pesquisa.
(conclusão)

—	Efeito da oclusão de informações espaciais na cortada do Voleibol sobre a tomada de decisão defensiva em atletas com diferentes níveis de experiência (BORDINI et al., 2013).	—	—	O conhecimento tático declarativo e a distribuição de jogo do levantador de Voleibol: da formação ao alto nível (MATIAS, 2009).
—	A modulação do ataque no Voleibol de alto nível: o caso da Superliga feminina 2011-2012 (COSTA; BARBOSA; GAMA FILHO, 2013).	—	—	Nível de desempenho técnico-tático das equipes catarinenses de Voleibol nas categorias de formação (PORATH, 2012).
—	—	—	—	Análise do comportamento visual e da tomada de decisão no Voleibol (CASTRO, 2015).
—	—	—	—	Ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol: proposições a partir da Praxiologia Motriz e o Método Situacional (LANES, 2018).
—	—	—	—	Tomada de decisão: o efeito do tempo de prática na capacidade antecipatória em uma ação de defesa no Voleibol (BORDINI, 2010).
—	—	—	—	Efeito do uso do <i>feedback</i> em vídeo na eficácia de ataque da zona 4 (ELIAS, 208).

Fonte: Elaborado pela autora.

8.2.1 Saque

Como já exposto anteriormente, o saque configura-se como o momento pelo qual uma das equipes inicia o *ralli*, sendo ele também o primeiro momento do jogo que estabelece interação motriz de oposição com o Levantador. Para que essa relação contracomunicativa de fato ocorra, além de dificultar a ação motriz do saque propriamente dita aos passadores e ao Levantador adversário, faz-se necessário que o sacador também dificulte a leitura e a interpretação de seu *movimento e linguagem corporal*, ou seja, a leitura e a interpretação de seu *Praxema*.

Quadro 16 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao saque.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Salto	2	1	1	1	4	9
Movimento da Mão Dominante	1	0	2	1	3	7
Lançamento da Bola	1	0	1	1	2	5
Passadas (corrida) de Aproximação	1	0	0	1	2	4
Movimento do Braço Dominante	1	0	1	0	1	3
Deslocamento do Sacador	0	0	1	1	0	2

Quadro 16 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao saque.

(conclusão)

Posição do Corpo em Relação à Bola	0	0	1	0	0	1
Movimentação do Sacador	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Como o elemento Praxêmico mais apontado pelas produções científicas analisadas, tem-se o **Salto**, sendo ele um dos possíveis sinais corporais emitidos pelo sacador no momento do saque, passível de leitura – Leitura Praxêmica, por parte do Levantador. Esse elemento diz sobre a presença ou não do salto na hora de sacar, ou seja, se o saque será em suspensão ou em apoio. Pode-se perceber que esse elemento Praxêmico tem absoluta relação com o tipo de saque executado e com o nível de dificuldade empregado a seus oponentes. Como afirmam Costa et al. (2011), o saque em suspensão potente, mesmo apresentando mais risco de erro, propicia maiores oportunidades a equipe de obter ponto direto de saque, limitando também a organização do sistema ofensivo adversário. Por outro lado, o saque por baixo em apoio, geralmente utilizado por jogadores iniciantes, cria condições favoráveis a atuação dos passadores adversários, bem como à distribuição de jogada por parte do Levantador com todas as opções de ataque.

Figura 16 – Salto: saque em suspensão e saque em apoio.



Fonte: Google Imagem.

A partir da observação e da Leitura Praxêmica desse elemento, o Levantador, assim como os passadores, pode tomar a decisão mais apropriada para o referido momento e antecipar-se a ação motriz do sacador. Isso justifica-se na medida em que o elemento Salto – *signo (Significante)* dá indícios sobre qual tipo de saque provavelmente será executado pelo jogador responsável, bem como sua dificuldade e, em determinadas situações, até mesmo sua potência – *mensagem (Significado)*.

Como um dos elementos não Praxêmicos que orienta a leitura de jogo do Levantador em relação ao saque, a Rotação da Bola foi apontada por dois estudos no subcapítulo anterior. No entanto, questiona-se: Previamente a esse elemento, o que informa ao Levantador sobre a rotação que a bola terá ao ser rebatida pelo sacador? Destaca-se aqui que antes do Levantador considerar a rotação da bola, torna-se essencial que ele observe a linguagem corporal do sacador no que diz respeito ao Movimento da Mão Dominante desse jogador, no qual lhe informará, antecipadamente, como será a rotação da bola. Portanto, o elemento Praxêmico **Movimento da Mão Dominante** – *signo (Significante)* refere-se a forma como o jogador irá rebater a bola: com ou sem rotação – *mensagem (Significado)*.

De acordo com Costa et al. (2011), o sacador pode optar por imprimir rotação à bola, sendo que para isso deve contatá-la em seu ponto mais alto através de um movimento rápido, golpeando-a de cima para baixo e utilizando o movimento de flexão de punho exatamente no momento da batida. Em contrapartida, o sacador ainda pode executar o saque sem rotação, realizando a batida no centro da bola, com uma pancada “firme” e sem flexão de punho, podendo até fazê-la mudar de

direção durante sua trajetória. (COSTA et al., 2011). Essa última exemplificação geralmente caracteriza-se pelo saque flutuante.

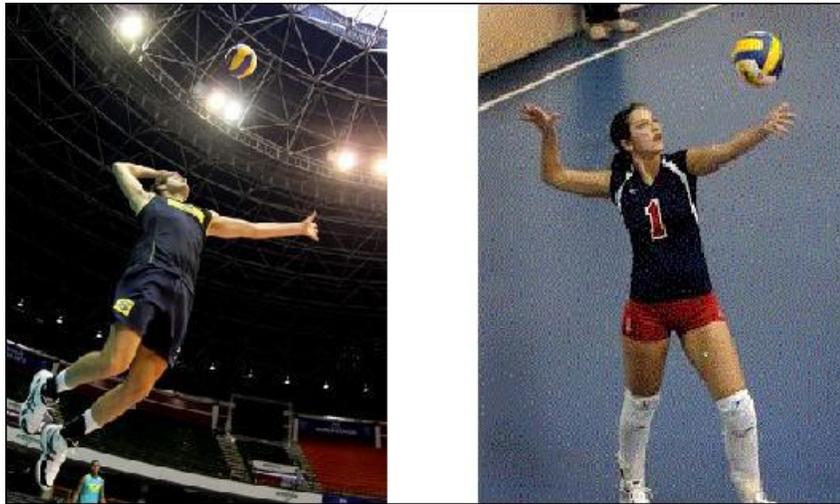
Justamente pela interação de oposição que caracteriza o momento do saque, destaca-se ainda que esse jogador pode utilizar da finta como forma de ludibriar seus oponentes. Sendo assim, ele pode simular o saque forte/potente no fundo da quadra e no instante em que for rebater a bola, poderá conter seu movimento, de modo a sacar mais curto. Com isso, o sacador estará alterando a batida na bola, ou seja, reprimindo o Movimento da Mão Dominante, para instabilizar os passadores e o Levantador adversário.

Ainda, se enfatiza que esse elemento Praxêmico é bastante manifestado pelos jogadores atacantes no momento do ataque, lido e interpretado pelos bloqueadores e defensores adversários. Isso está elucidado na Figura 7 desta dissertação (página 57), na qual ilustra que o movimento da mão do atacante (*Significante*), juntamente com a Leitura Praxêmica que é realizada por seus adversários, os informam se o ataque será potente (*Significado*) ou se o atacante realizará a chamada “largada” (*Significado*). Ambos sinais praxêmicos oportunizam, principalmente aos defensores, tomar a decisão mais adequada perante essa situação, no que tange a seu posicionamento em quadra (mais distante ou mais próximo da rede).

O próximo elemento é o **Lançamento da Bola** – *signo (Significante)*, sendo ele referente a forma como o sacador lança a bola antes de contatá-la, seja no saque por baixo ou em saques por cima. Esse elemento Praxêmico diz respeito a altura que a bola pode atingir após o lançamento, bem como se ela é lançada com ou sem rotação.

Em relação à altura, se o sacador lançar a bola de tal forma que ela atinja uma altura elevada, essa informação pode antecipar a seus oponentes que o tipo de saque a ser executado, provavelmente, será o viagem – *mensagem (Significado)*. No entanto, lançamentos baixos ou médios geralmente indicam que o saque será do tipo flutuante e de menor potência – *mensagem (Significado)*, contudo, não necessariamente serão mais fáceis de interceptar. O mesmo se aplica ao saque por baixo, que terá seu lançamento evidentemente diferente dos saques por cima. Já os lançamentos realizados com rotação indicam que o saque será enviado a quadra adversária com maiores dificuldades para a recepção e, conseqüentemente, para a distribuição do Levantador, o que requer atenção redobrado por partes desses jogadores.

Figura 17 – Tipos de Lançamento da Bola.



Fonte: Google Imagem.

Quanto ao elemento **Passadas (corrida) de Aproximação** – *signo (Significante)*, esse está associado diretamente à distância inicial do sacador em relação à linha de fundo da quadra, o que informará ao Levantador sobre o tipo de saque que será executado e sua potência. Ao posicionar-se afastadamente da linha de fundo, o Levantador prevê que o sacador realizará passadas de aproximação antes de executar o saque propriamente dito. De antemão, essas informações indicam que o saque a ser realizado, bem provavelmente, será o viagem, com elevada potência – *mensagem (Significado)*. Contudo, se o sacador estiver posicionado próximo a linha de fundo e, portanto, não realizar as passadas de aproximação, haverá grandes chances do saque não ser o viagem e, automaticamente, ser de menor potência – *mensagem (Significado)*.

Em suma, pode-se afirmar que na maioria das vezes a manifestação Praxêmica desse elemento precede e indica a possível execução de saques por cima, como o flutuante e principalmente o viagem, pois no saque por baixo dificilmente o jogador se posicionará muito longe da linha de fundo e, tão pouco, realizará Passadas (corrida) de Aproximação. Sendo assim, esse elemento Praxêmico auxilia o Levantador, assim como os passadores, em sua tomada de decisão, pois se o sacador estiver afastado da linha de fundo e, posteriormente, realizar a corrida de aproximação, a decisão mais adequada a ser tomada é posicionar-se mais ao fundo da quadra (zona de defesa). Caso contrário, ao observar que o sacador já se encontra próximo a linha de fundo, a decisão mais apropriada é posicionar-se mais à frente da quadra (próximo a zona de ataque). No entanto, isso se aplica ao Levantador somente quando ele estiver ocupando as posições 1, 5 e 6 da quadra (Levantamento com infiltração), do contrário, deve estar junto à rede (posições 2, 3 e 4).

No que tange ao elemento **Movimento do Braço Dominante** – *signo (Significante)*, esse diz respeito a linguagem corporal manifestada pelo sacador, mais especificamente representada pelo “movimento completo de seu braço dominante anteriormente a rebatida da bola”. Quando o saque for por cima, o jogador deve lançar a bola verticalmente (lançamento alto, médio ou baixo) e contactá-la em seu ponto mais alto de sua trajetória. Por essa razão, o movimento do braço dominante do sacador será mais amplo e completo, acompanhando todo o movimento do corpo durante o maior tempo possível. Portanto, essa amplitude de movimento informa a seus adversários que o saque terá mais potência em sua trajetória e será menos previsível – *mensagem (Significado)*.

Por outro lado, tendo em vista que a trajetória do lançamento da bola no saque por baixo geralmente é menor, o movimento do braço dominante desse jogador será restrito e mais curto quando comparado ao saque viagem e o flutuante, por exemplo. No saque por baixo, o braço dominante do sacador forma apenas uma alavanca enquanto o outro braço, semiflexionado, segura a bola na altura da mão que irá rebatê-la. (RIBAS, 2014). Sendo assim, o movimento do braço dominante, juntamente com o tipo de saque que esse elemento Praxêmico indica que será executado, informa ao Levantador que o saque será de menor potência e, geralmente, mais fácil de interceptar, justamente por ser um saque menos complexo, mais previsível e com uma parábola maior – *mensagem (Significado)*.

Ressalta-se ainda que além do movimento do braço, a diferença na expressão corporal do jogador em saques por cima e no saque por baixo também se expressa visualmente em sua posição espacial antes de rebater a bola (antes do movimento). Em saques por cima, o braço dominante do jogador rebate a bola e, portanto, realiza seu movimento, acima da cabeça. Já no saque por baixo, o braço dominante do sacador estará posicionado paralelamente ao tronco.

Figura 18 – Movimento do Braço Dominante do sacador: saque por cima e saque por baixo.

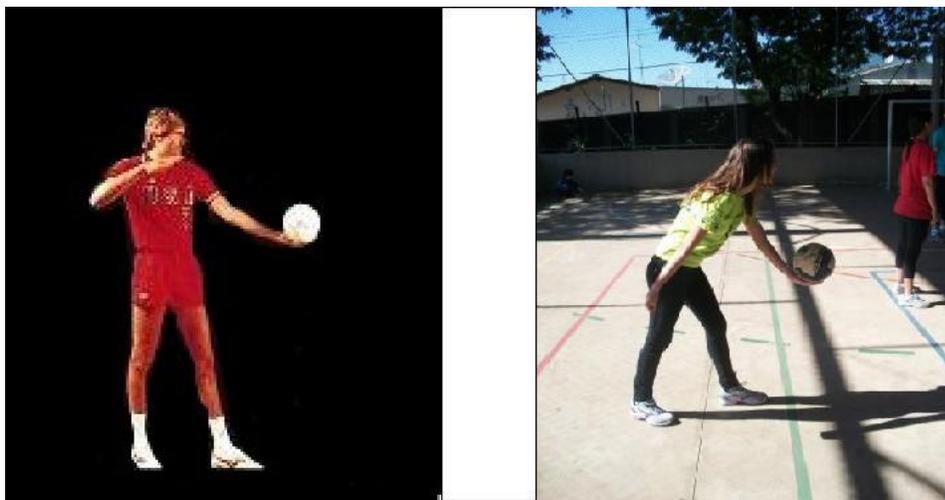


Fonte: Google Imagem.

Para ambos tipos de saque (por cima e por baixo) e, conseqüentemente, para os diferentes tipos de movimentos realizados com o braço dominante do sacador, observa-se que a postura do jogador perante a bola no momento do saque também é diferente para ambas as situações, estando diretamente associada ao elemento Posição do Corpo em Relação à Bola. Por isso, esse elemento Praxêmico será apresentado na sequência, mesmo não obedecendo a ordem disposta no Quadro 16.

A **Posição do Corpo em Relação à Bola** – *signo (Significante)* é atrelada a maneira como o sacador se posiciona em relação à bola antes de rebatê-la. Esse posicionamento corporal também norteia a Leitura Praxêmica do Levantador ao passo que indica o possível saque que seu adversário irá executar – *mensagem (Significado)*. Essa expressão corporal se dá por meio, principalmente, da posição do tronco do sacador (postura) no momento em que ele se prepara para realizar o saque propriamente dito, bem como a forma e a altura como o jogador segura a bola. É claramente possível identificar a diferença quanto a posição corporal do sacador em relação à bola ao se tratar dos diferentes tipos de saques.

Figura 19 – Posição do Corpo em Relação à Bola: saque por cima e saque por baixo.

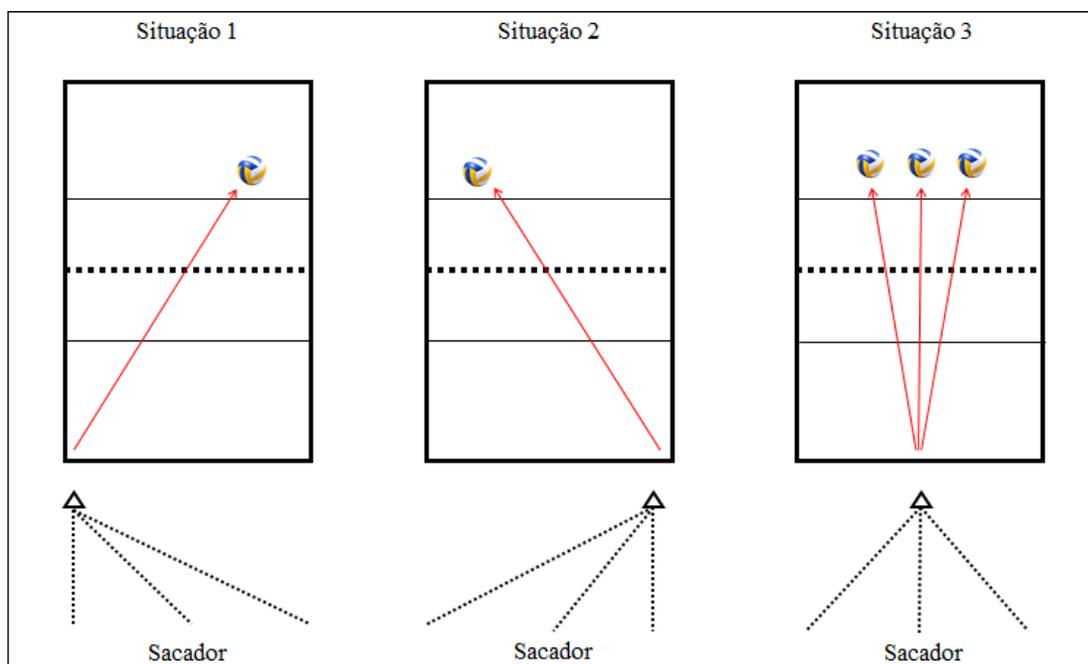


Fonte: Google Imagem.

Na sistematização dos elementos não Praxêmicos apresentada no subcapítulo anterior, a Direção da Bola foi significativamente apontada pelas pesquisas analisadas ao se tratar dos elementos que orientam a leitura de jogo do Levantador em relação ao saque. No entanto, tem-se o devido questionamento: Anteriormente à Direção da Bola, que outro elemento informa ao Levantador sobre o direcionamento da bola antes mesmo dela ser rebatida pelo sacador? É possível afirmar que antes do Levantador observar esse elemento não Praxêmico, torna-se importante que ele analise a linguagem corporal de seu adversário, como seu Deslocamento. Portanto, o elemento Praxêmico **Deslocamento do Sacador** – *signo (Significante)* diz respeito à direção do deslocamento desse jogador antes dele realizar o saque propriamente dito. Essa informação provinda de seu movimento corporal fornecerá informações ao Levantador, antecipadamente, sobre a possível direção da bola – *mensagem (Significado)*, antes mesmo dela ser posta em jogo.

Mas como isso é possível? Para melhor esclarecer esses conhecimentos, pode-se destacar três situações quanto ao Deslocamento do Sacador e a direção da bola. Independentemente da posição inicial do sacador, quando ele realiza seu deslocamento para a ponta esquerda da quadra, há a possibilidade da bola ser direcionada na diagonal da quadra adversária (situação 1). Se o deslocamento do sacador for em direção a ponta direita do fundo da quadra, provavelmente a bola será direcionada para a diagonal contrária (situação 2). Por fim, se o deslocamento do sacador for em direção ao meio da quadra, haverá grande probabilidade da bola ser direcionada para a região central da quadra adversária (situação 3). (RIBAS, 2014).

Figura 20 – Deslocamento do Sacador e direção da bola.



Fonte: Adaptada de Ribas (2014).

De acordo com a ilustração, constata-se que dependendo da direção do Deslocamento do Sacador e de sua posição final antes do saque, seu campo de visão, ângulo e atuação podem ser diminuídos (situações 1 e 2) ou ampliados (situação 3). A partir dessas informações, ao estar posicionado na zona de defesa (Levantamento com infiltração), o Levantador deve realizar a primeira organização de sua equipe quanto a seu posicionamento e a distribuição dos passadores envolvidos. Contudo, é importante que esses jogadores saibam que o sacador adversário, principalmente em níveis mais avançados do ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol, pode alterar o direcionamento da bola independentemente de sua posição e da direção de seu deslocamento, justamente com o intuito de desestabilizá-los. O mesmo pode ser aplicado aos demais elementos Praxêmicos já descritos.

Por conseguinte, essas informações dão possibilidades ao trabalho do professor ou treinador e, por essa razão, esses profissionais não devem se restringir apenas a elas, mas sim se orientar para desenvolver sua prática pedagógica. Isso ocorre porque nos esportes em que o jogador interage com demais participantes, como é o caso do Voleibol, as situações de jogo nunca terão um

padrão pré-definido, devido, sobretudo, a imprevisibilidade de seus jogadores e a interação de oposição que caracteriza essa prática esportiva.

Como último elemento Praxêmico disposto no Quadro 16, a **Movimentação do Sacador** – *signo (Significante)* caracteriza-se pelos sinais emitidos corporalmente por esse jogador. Optou-se em apresentá-lo separadamente pelo fato de que os demais elementos explicitados anteriormente fazem referência ao movimento de alguma parte específica do corpo do sacador, enquanto que este último faz menção a sua movimentação “geral”, ou seja, sua linguagem corporal como um todo. Sendo assim, esse elemento pode indicar diferentes informações a seus adversários e, portanto, nortear a Leitura Praxêmica do Levantador quanto ao tipo de saque que será executado, sua potência, a direção da bola e sua possível rotação – *mensagem (Significado)*.

8.2.2 Recepção

Além dos elementos não Praxêmicos apresentados no subcapítulo anterior que norteiam a leitura de jogo e a tomada de decisão do Levantador, têm-se também aqueles manifestados por meio da linguagem e expressão corporal dos passadores que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador. Levando em consideração a interação motriz de cooperação estabelecida entre os momentos da recepção e do Levantamento, estão dispostos no Quadro 17 os elementos Praxêmicos mencionados pelas produções científicas analisadas. Eles informam sobre as possíveis ações e intenções dos passadores antes mesmo de sua atuação propriamente dita, o que amplia as possibilidades e as opções táticas do Levantador, bem como seu tempo de antecipação.

Quadro 17 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à recepção.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Posicionamento de Mãos/Braços	0	0	0	0	1	1

Quadro 17 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à recepção.

(conclusão)

Flexão de Joelhos (posição de expectativa)	0	0	0	0	1	1
Deslocamento dos Passadores	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Em comparação aos elementos não Praxêmicos apresentados anteriormente, aqueles classificados como Praxêmicos foram, visivelmente, menos citados pelos estudos nas cinco fontes de pesquisa, em quase todos os momentos do jogo que possuem interação motriz com o Levantamento. O mesmo ocorreu na recepção, onde os três elementos foram mencionados por apenas uma pesquisa analisada, pertencente ao Catálogo de Teses e Dissertações.

No que tange ao **Posicionamento de Mãos/Braços** – *signo (Significante)*, esse elemento Praxêmico informa ao Levantador por meio de qual ação motriz o passador realizará a recepção – *mensagem (Significado)*. Além disso, através da observação da expressão corporal do passador, mais especificamente da movimentação e disposição de mãos e braços, o Levantador também terá a noção da qualidade da recepção e até mesmo o possível direcionamento da bola – *mensagem (Significado)*, o que lhe adiantará se haverá a necessidade de se deslocar antes de realizar o Levantamento e a ação motriz mais adequada para o momento.

Figura 21 – Posicionamento de Mãos e Braços nas ações motrizes da recepção.



Fonte: Google Imagem.

Tendo em vista que o regulamento do Voleibol não impede que os jogadores atuem com os membros inferiores durante o jogo, com exceção do saque, é possível relacionar outro elemento Praxêmico ao Posicionamento de Mãos/Braços, uma vez que também informa sobre a qualidade da recepção e o direcionamento da bola, conforme ilustrado na Figura 22.

Figura 22 – Atuação dos passadores - membros inferiores.



Fonte: Google Imagem.

O próximo elemento, **Flexão de Joelhos (posição de expectativa)** – *signo (Significante)*, sinaliza ao Levantador quais passadores estão preparados e melhor posicionados para atuar nesse respectivo momento do jogo – *mensagem (Significado)*. Na iniciação do Voleibol, é bastante enfatizado aos aprendizes a posição adequada para receber a bola vinda do saque adversário, na qual, além dos joelhos flexionados, configura-se como: pernas afastadas na largura dos ombros, um pé a frente do outro, braços semiflexionados a frente do tronco e tronco levemente inclinado para frente – podendo esses também serem considerados elementos Praxêmicos observados pelo Levantador quanto a posição de expectativa de seus companheiros de equipe.

Essa posição e postura corporal permitem ao passador realizar deslocamentos rápidos, seja lateral, para frente ou para traz, de acordo com o direcionamento do saque. Além de indicar os quais preparados estão os passadores, esses elementos também dizem ao Levantador a possível qualidade da recepção – *mensagem (Significado)*, uma vez que tais elementos auxiliam os jogadores a realizar o passe com eficiência e de direcionar a bola na região desejada. (RIBAS, 2014).

Figura 23 – Posição de Expectativa na recepção.



Fonte: Google Imagem.

Corroborando com isso, o **Deslocamento dos Passadores** – *signo (Significante)*, assim como o elemento anterior, auxilia o Levantador em sua leitura de jogo quanto a preparação dos passadores em quadra, bem como sua disponibilidade/opções no jogo – *mensagem (Significado)*. Esse elemento Praxêmico também informa se o passador realizou o deslocamento atrasado ou

desequilibrado e, por essa razão, não chegará a tempo de passar a bola com precisão ao Levantador (passe de qualidade) – *mensagem (Significado)*. Essa exemplificação se faz bastante evidente na iniciação do Voleibol, em que o jogador responsável pela recepção inicia seu deslocamento com atraso, não conseguindo chegar no local antes que a bola toque o solo ou antes de se posicionar corretamente.

8.2.3 Ataque

Após a recepção e a distribuição da jogada realizada pelo Levantador da equipe, o ataque é o próximo momento do jogo, cuja interação motriz estabelecida com o Levantamento configura-se como de cooperação. Tendo por objetivo organizar ofensivamente a equipe e deixar seus atacantes nas melhores condições possíveis, o Levantador deve facilitar as ações a seus companheiros. Ao mesmo tempo, os atacantes também precisam cooperar com o Levantador, em sua leitura, antecipação e tomada de decisão, no que tange as ações e as movimentações que são realizadas antes de ataque propriamente dito.

Sendo assim, além dos elementos não Praxêmicos referentes às características dos atacantes, a seu posicionamento e às funções por eles desempenhadas, o Levantador deve observar e analisar algumas informações que os mesmos emitem através de seus signos corporais, conforme o Quadro 18.

Quadro 18 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao ataque.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Movimentação dos Atacantes	0	0	1	1	3	5
Passadas (corrida) de Preparação	0	0	0	0	3	3

Quadro 18 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao ataque.

(conclusão)

Salto	0	0	0	0	2	2
--------------	---	---	---	---	---	----------

Fonte: Elaborado pela autora.

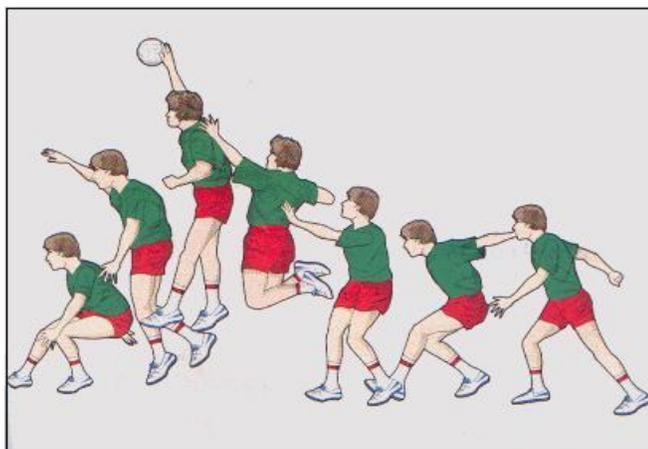
A **Movimentação dos Atacantes** – *signo (Significante)*, elemento Praxêmico mais mencionado pelas pesquisas analisadas, é relativa ao deslocamento e às movimentações gerais dos atacantes pelo espaço de jogo, independentemente de sua posição e das zonas da quadra. Essa linguagem corporal, mesmo sendo aparentemente essencial para atuação de qualquer jogador e em qualquer prática motriz, também pode ser um elemento que diz respeito a situações específicas do jogo, com significados peculiares. Para essa situação, a Movimentação dos Atacantes indica ao Levantador quais jogadores estão aptos para atuar ofensivamente no referido momento (disponibilidade/opções no jogo), bem como a velocidade e a direção de seu deslocamento – *mensagem (Significado)*. Ratificando essa ideia, Lanes (2018, p. 122) afirma que quando “o atacante induz o movimento de ataque, sinaliza para seu levantador que está em condições, o que concretiza a interação de cooperação”.

Outro importante indicativo oriundo deste elemento Praxêmico é atinente ao jogador que realizou a recepção. Mas como os sinais Praxêmicos podem informar antecipadamente ao Levantador se o jogador que realizou a recepção está ou não em condições de atacar? A partir da Movimentação e do Deslocamento dos Atacantes é possível verificar se o passador saiu de sua posição inicial ou se está atrasado ou desequilibrado para deslocar-se, ou seja, se está em condições de atacar na velocidade, no tempo e no local adequado – *mensagem (Significado)*. Caso ele não esteja disponível, o Levantador deve excluí-lo de suas opções ofensivas e optar por outro atacante melhor posicionado e preparado.

O elemento **Passadas (corrida) de Preparação** – *signo (Significante)*, diz respeito às passadas que o atacante efetua para aproximar-se da rede ou da linha de 3 metros (papel de defensor) no momento do ataque, o que também informa ao Levantador sobre sua disponibilidade ofensiva – *mensagem (Significado)*. De acordo com Ribas (2014), a corrida de preparação para a execução da cortada – principal ação motriz do ataque – pode ser realizada com 1, 2 ou 3 passadas, com os braços semiflexionados ao lado do corpo.

Posteriormente às Passadas (corrida) de Preparação tem-se o **Salto** – *signo (Significante)*, elemento Praxêmico subsequente as passadas que também informa ao Levantador sobre a disponibilidade dos atacantes no jogo – *mensagem (Significado)*. Já para os adversários (bloqueadores e defensores), o Salto indica se o ataque será em suspensão ou em apoio, e, conjuntamente a isso, sua potência e a velocidade com que a bola chegará em quadra.

Figura 24 – Passadas (corrida) de Preparação e Salto no ataque.



Fonte: Google Imagem.

Após a apresentação dos três elementos Praxêmicos referentes ao ataque, chama-se a atenção para a iniciação do Voleibol, em que, na maioria das vezes, apenas o jogador que efetivamente irá atacar, se movimenta e realiza as passadas de preparação, bem como o salto antes de executar sua ação motriz, deixando evidente a seus adversários qual jogador realizará o ataque. Outra situação bastante comum nessa fase é a falha na comunicação expressa entre o Levantador e o atacante. Nela, o Levantador opta pelo jogador que está posicionado atrás dele (Levantamento para traz) e, por não estar preparado e atento a essa possibilidade, o atacante acaba deixando a bola passar sem atacá-la.

Portanto, essas situações corriqueiras da iniciação devem ser trabalhadas no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol, cujo profissional envolvido deve desenvolver e enfatizar a seus alunos ou atletas que todos os atacantes devem realizar, simultaneamente, o deslocamento, as passadas de preparação e o salto, mesmo que apenas um deles realize o ataque

propriamente dito. Esse ato dificultará o processo de leitura da equipe adversária, mais precisamente a formação do bloqueio e a disposição da defesa em quadra.

Por fim, no que tange a um elemento Praxêmico característico a atuação do jogador atacante, destaca-se o exposto no estudo de Bordini et al. (2013), no qual objetivou analisar o efeito da oclusão de informações espaciais na cortada do Voleibol sobre a tomada de decisão defensiva em atletas com diferentes níveis de experiência. Nele, constatou-se que “para a antecipação de uma jogada de ataque no voleibol, a análise da *movimentação do braço e da mão* do atacante demonstrou ser uma informação extremamente relevante para a tomada de decisão do defensor”. (p. 341, grifo nosso).

Já na tese de Rocha (2009), o autor também aponta alguns elementos Praxêmicos manifestados pelo atacante que norteiam a leitura e a tomada de decisão dos bloqueadores e dos defensores adversários:

- Corrida de preparação: frontal ou diagonal;
- Salto vertical: ataque em suspensão ou em apoio;
- Movimento do tronco: paralelo ou diagonal, o que aponta a direção do ataque;
- Movimento e direção do braço dominante;
- Movimento da mão: indica o tipo e a potência do ataque (ataque potente, “caixinha”, “empurrão”). Dependendo desse movimento, os bloqueadores e os defensores conseguem antecipar, com clareza, quando o atacante irá “largar” a bola ou atacá-la com potência;
- Rotação do ombro;
- Direcionamento do punho: diagonal ou paralela;
- Movimento do punho: flexão (ataque para baixo), sem flexão (explorar o bloqueio ou atacar por cima do bloqueio), para fora, para dentro;
- Retardamento dos movimentos (fintas);
- Batida na bola (contato com a bola).

Mesmo esses elementos Praxêmicos contribuirão diretamente para a equipe marcar o ponto, eles são lidos e, portanto, destinados apenas a seus adversários, pois configuram-se como signos emitidos corporalmente pelo atacante à posteriori a relação de cooperação estabelecida com o Levantador de sua própria equipe. Contudo, optou-se em apresentá-los brevemente devido o expressivo número de estudos que apontaram alguns deles e sua importância na obtenção do ponto para a equipe, mesmo sendo elementos exclusivamente contracomunicativos.

8.2.4 Bloqueio

Após o ataque, o próximo momento do jogo é o bloqueio, cuja interação motriz estabelecida com o Levantamento configura-se como de oposição. Devido a relação existente entre esses momentos, faz-se necessário que o jogador responsável pela distribuição das jogadas, antes mesmo de as fazer-las, observe algumas informações referentes aos bloqueadores adversários. Além daqueles elementos oriundos do contexto do jogo, como a composição do bloqueio, sua posição em quadra, suas características e habilidades e as funções desempenhadas, têm-se também aqueles provenientes da própria manifestação corporal desses jogadores, emitidos através de seus signos corporais.

Quadro 19 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao bloqueio.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Deslocamento dos Bloqueadores	1	3	2	1	7	14
Salto	0	0	0	0	8	8
Movimento dos Braços	0	1	1	1	1	4
Posicionamento dos Braços Sobre a Rede	0	1	0	1	1	3

Quadro 19 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao bloqueio.
(conclusão)

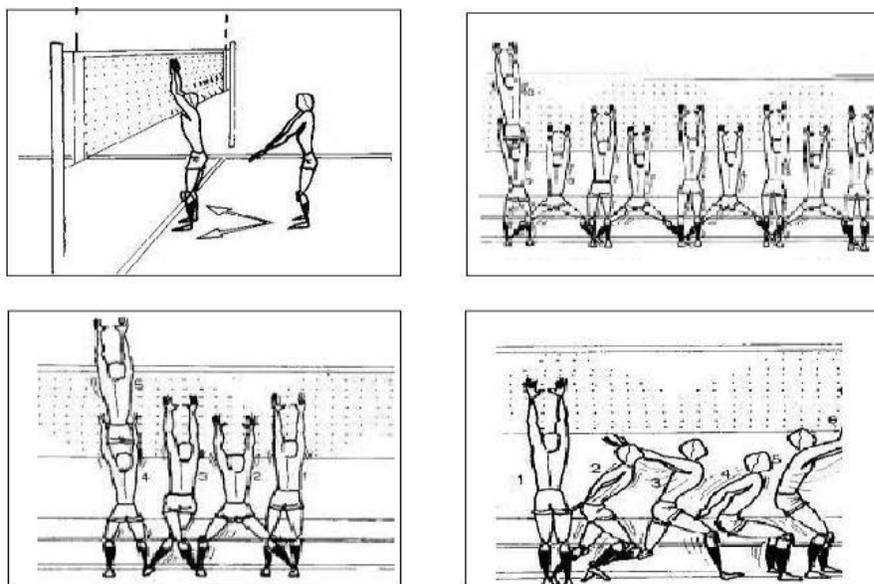
Flexão de Joelhos e Cotovelos (posição de expectativa)	0	0	1	0	1	2
Troca de Posição dos Bloqueadores na Rede	0	0	0	1	0	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Como elemento Praxêmico mais citado pelas pesquisas, o **Deslocamento dos Bloqueadores** – *signo (Significante)* é relativo à sua movimentação ao aproximar-se da rede na formação do bloqueio ou depois de já estar próximo a ela. Também, se refere às passadas (corrida) de preparação para o bloqueio, podendo ser passadas laterais (paralelamente à rede), cruzadas e para frente. Esse signo corporal informa ao Levantador sobre a atuação de seus adversários, a velocidade do deslocamento, o tempo em que os bloqueadores se deslocam (para bloqueios antecipados) e, principalmente, sua direção - local da rede onde será realizado o bloqueio simples, duplo ou triplo – *mensagem (Significado)*.

Essa linguagem corporal expressa pelos bloqueadores orienta a tomada de decisão do Levantador em decidir pelo atacante contrário ao deslocamento dos bloqueadores e ao local da rede em que atuarão. À mercê desse entendimento, Fagundes e Ribas (2017) destacam que quando os bloqueadores se deslocam para a entrada da rede, a decisão mais eficiente do Levantador é optar pelo atacante de meio ou de saída de rede, ao considerar a contracomunicação existente entre esses jogadores. Já Matias e Greco (2011b) exemplificam que na situação em que o bloqueador central adversário já está posicionado no centro da rede, ao perceber seu deslocamento lateral, o Levantador deve levantar uma bola rápida para seu central ou na direção oposta ao deslocamento de seu adversário.

Figura 25 – Deslocamento dos Bloqueadores – passadas de preparação para o bloqueio.



Fonte: Google Imagem.

Dessa forma, o Levantador precisa analisar para onde o bloqueador está se dirigindo, pois ao perceber sua movimentação antecipada, ele deve colocar a bola na direção e no atacante oposto ao deslocamento dos bloqueadores. Diante disso, têm-se a tática do bloqueio, descrita por Bordini (2015, p. 127), na qual diz respeito a antecipação de possíveis jogadas efetuadas pelos bloqueadores:

- a) Ler e agir – o bloqueador central espera a ação do levantamento para decidir onde bloquear.
- b) Bloqueador central antecipa sua corrida de bloqueio para a posição 2.
- c) Bloqueador central antecipa seu salto próximo e a frente do levantador.
- d) Bloqueador central antecipa seu salto longe e a frente do levantador.
- e) Bloqueador central antecipa seu salto próximo e atrás do levantador.
- f) Bloqueador central antecipa sua corrida de bloqueio para a posição 4.
- g) Bloqueio quebrado – os jogadores encontram-se desorganizados.

Como é possível perceber, a descrição acima também faz referência ao Salto dos bloqueadores. Consequentemente, o próximo elemento Praxêmico disposto no Quadro 19 é o **Salto** – *signo (Significante)*. Mediante esse elemento, pode-se descrever duas possibilidades de tomada de decisão por parte do Levantador: se o bloqueador antecipa o Levantamento ao saltar com os

atacantes de bola rápida, deve-se utilizar as extremidades da quadra e os cruzamentos, todavia, se o bloqueador não saltar antecipadamente, de modo a aguardar a tomada de decisão do Levantador, pode-se utilizar as bolas rápidas – *mensagem (Significado)*. (MATIAS, 2015).

Rocha (2009, p. 32) descreve duas possibilidades de táticas individuais do bloqueio que podem ser relacionadas ao Salto:

- Reading Block (bloqueio de leitura): os bloqueadores saltam depois do atacante, quando eles já sabem, por meio da leitura realizada acerca do levantador, onde a bola será levantada.
- Commit Block (bloqueio de compromisso): situações em que um, ou vários bloqueadores, tem o compromisso de saltar com um atacante antes mesmo de saber onde a bola será enviada pelo levantador.

Nessa última situação, o Levantador tem a oportunidade de se sobressair a atuação do bloqueio adversário, ao passo que, aproveitando sua antecipação em saltar, pode optar pelo atacante localizado contrariamente ao posicionamento do bloqueador que realizou o Salto.

Após o Salto, o elemento mais citado pelos estudos analisados foi o **Movimento dos Braços** – *signo (Significante)*, caracterizado pela movimentação lateral dos braços do bloqueador após posicionar-se na rede e realizar o salto. Esse elemento Praxêmico fornece informações ao Levantador sobre bloqueios fechados e abertos, ou seja, se o bloqueador está fechando mais a paralela ou a diagonal, quando estiver posicionado na saída ou na entrada da rede – *mensagem (Significado)*.

Conforme Matias e Greco (2011b), após realizar a análise da movimentação dos braços do bloqueador e certificar-se que ele está fechando mais a paralela (corredor) ou mais a diagonal, o Levantador deve se antecipar quanto ao local de seu levantamento: levantamento mais aberto para bloqueio mais fechado (diagonal) e levantamento mais para dentro da quadra para bloqueio mais aberto (corredor). Percebendo o movimento específico dos braços do bloqueador, o Levantador deve atuar de determinada forma que seu adversário não consiga adaptar seu movimento a tempo.

Semelhante a este, tem-se o **Posicionamento dos Braços Sobre a Rede** – *signo (Significante)*, no qual diz respeito a “invasão” ou não dos membros superiores do jogador sobre a rede no momento situacional do bloqueio. Esse elemento Praxêmico informa ao Levantador, assim como aos atacantes, sobre a ação motriz que o bloqueador irá realizar, ou seja, o caráter que ele assume: defensivo ou ofensivo – *mensagem (Significado)*. Para o bloqueio defensivo, o bloqueador

tem por objetivo amortecer a bola vinda do ataque, facilitando a ação posterior da defesa de sua equipe. Já no bloqueio ofensivo, o jogador deve interceptar a bola, fazendo com ela volta para a quadra adversário mediante a “invasão do espaço” (CASTRO et al., 2014; RIBAS, 2014), ou melhor, mediante o movimento de invasão de seus Braços Sobre a Rede.

Esse elemento Praxêmico foi devidamente explicado nessas circunstâncias por ser apontado pela produção científica analisada. No entanto, compreende-se que ele deve ser lido e interpretado pelos atacantes e não pelo Levantador, pois ele é manifestado corporalmente pelos bloqueadores à posteriori a distribuição ofensiva da jogada por parte do Levantador.

Figura 26 – Posicionamento dos Braços Sobre a Rede: bloqueio defensivo e bloqueio ofensivo.

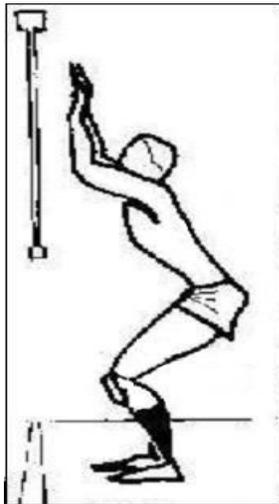


Fonte: Google Imagem.

Na iniciação do ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol, geralmente o bloqueio mais utilizado é o defensivo, devido à baixa estatura de seus praticantes. Conforme o desenvolvimento desses jogadores, o bloqueio ofensivo vai se tornando mais frequente e ganhando destaque no jogo, tendo em vista sua maior eficiência sobre o adversário quando comparado ao bloqueio defensivo. No entanto, salienta-se que mesmo diante da limitação de altura dos participantes, defende-se que é importante inserir o bloqueio ofensivo na iniciação do Voleibol. Para que isso seja possível, o professor ou treinador deve adaptar alguns aspectos do jogo, como a altura da rede, para que todos os alunos tenham a oportunidade de, no mínimo, se familiarizar e experimentar esse tipo de bloqueio no contexto do jogo desde a iniciação.

Posteriormente, tem-se o elemento Praxêmico **Flexão de Joelhos e Cotovelos (posição de expectativa)** – *signo (Significante)*. A partir desse signo corporal, o Levantador terá a percepção de quais jogadores estão na posição de espera antes de saltar e realizar o bloqueio propriamente dito. Em relação a isso, Ribas (2014) afirma que o bloqueio consiste na posição de expectativa, na execução e na queda. No que se refere à posição de expectativa, o autor descreve que para sua realização o bloqueador deve estar com os joelhos e os cotovelos semiflexionados, cujos braços devem estar postos à frente do corpo com as palmas voltadas para a frente. Para a execução, o jogador deve estender os joelhos, como uma forma de ser impulsionado para cima. Portanto, a Posição de Expectativa do bloqueador, juntamente com a Flexão de Joelhos e Cotovelos, configura-se como um indício ao Levantador sobre quais adversários estão preparados para executar o bloqueio, assim como o tempo exato em que o realizarão – *mensagem (Significado)*.

Figura 27 – Flexão de Joelhos e Cotovelos (posição de expectativa).



Fonte: Google Imagem.

Similar a Flexão de Joelhos e Cotovelos, outro elemento bastante citado nos estudos, emitido através da linguagem corporal dos bloqueadores, foi a Flexão de Punhos. Ele é manifestado quando a bola é rebatida pelas mãos do bloqueador, geralmente em bloqueios ofensivos. O jogador deve flexionar os punhos com o intuito de enviar a bola novamente para a quadra adversária e para baixo. No entanto, esse elemento Praxêmico não foi considerado para esta

pesquisa, pois ele é realizado após a tomada de decisão e a execução da ação motriz do Levantador, orientando a Leitura Praxêmica apenas dos jogadores da cobertura.

Como último elemento que orienta a Leitura Praxêmica do Levantador em relação ao Bloqueio, a **Troca de Posição dos Bloqueadores na Rede** – *signo (Significante)* expressa a movimentação desses jogadores, especificamente, ao realizarem as trocas de posição em frente a rede. Quando a bola iniciar com a equipe oponente, é importante que o Levantador observe a posição dos bloqueadores adversários (elemento não Praxêmico) antes mesmo do início do *rali*. Contudo, o Levantador deve atentar-se também a Troca de Posição dos Bloqueadores na Rede após a bola ser posta em jogo. Em um sistema de jogo mais avançado, como o 4x2 e o 5x1, em que há a especialização dos jogadores por função, os bloqueadores podem realizar essas trocas na rede objetivando, além de posicionar-se no local correspondente a sua função, situar-se estrategicamente para marcar o melhor atacante da equipe adversária – *mensagem (Significado)*.

Se o Levantador não observar esse elemento e não o considerar em sua tomada de decisão, é possível que sua escolha ofensiva não seja a mais adequada, devido a marcação de seu melhor atacante ou daquele mais habilidoso por parte do bloqueio adversário. Essa análise deve ser realizada com muita rapidez e atenção, pois a Troca de Posição dos Bloqueadores na Rede pode ocorrer segundos antes do Levantador executar sua ação motriz. Ainda, o Levantador deve fazer essa observação após o início de cada *rali*, pois, justamente com o objetivo de dificultar sua leitura, os bloqueadores podem fazer hora sim e hora não essa troca de posição.

8.2.5 Cobertura

Após a atuação do bloqueio adversário, sendo ele ofensivo, o próximo momento do jogo será a cobertura, realizada por um jogador da mesma equipe do Levantador e, portanto, com interação motriz de cooperação entre eles. Após a leitura das produções científicas selecionadas nas cinco fontes de pesquisa e a realização da análise de conteúdo, constatou-se que nenhum dos estudos analisados apontaram elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à Cobertura. No entanto, como enfatizado no subcapítulo anterior sobre os elementos não Praxêmicos, a cobertura tem o mesmo objetivo comunicativo da recepção e da defesa da equipe, em que visa colaborar com seu Levantador e auxiliá-lo na construção do ataque de sua equipe. A

diferença expressa entre esses três momentos do jogo é, basicamente, a interação motriz de oposição que os precede.

Dessa forma, pode-se afirmar que os mesmos elementos Praxêmicos que foram apresentados anteriormente em relação ao momento recepção também podem destinar-se à cobertura, juntamente com suas respectivas explicações, uma vez que a interação que ambos estabelecem com o Levantamento são equivalentes. Portanto, após realizar as devidas adaptações quanto a sua nomenclatura, têm-se: **Posicionamento de Mãos/Braços; Flexão de Joelhos (posição de expectativa); Deslocamento dos Jogadores da Cobertura.**

Figura 28 – Jogador da cobertura.



Fonte: Google Imagem.

8.2.6 Defesa Adversária

Como segunda opção de continuidade no jogo após a atuação do bloqueio, se esse for defensivo ou simplesmente não ocorrer, o próximo momento do jogo será a defesa da mesma equipe do bloqueio e adversária ao Levantador. Portanto, a interação motriz estabelecida entre ambos os momentos (defesa-Levantamento) será de oposição. Por essa razão, o Levantador deve observar os Praxemas manifestados através da linguagem corporal dos defensores, de modo a se antecipar e tomar a melhor decisão quanto largar a bola de segunda (ataque do Levantador) ou escolher o atacante considerando os defensores adversários.

Desse modo, têm-se os elementos Praxêmicos dispostos no Quadro 20, apontados pelos estudos analisados, que podem nortear a leitura e a tomada de decisão do Levantador.

Quadro 20 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à defesa adversária.

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Deslocamento dos Defensores	0	0	1	0	1	2
Flexão de Joelhos (posição de expectativa)	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Como o elemento mais citado, o **Deslocamento dos Defensores** – *signo (Significante)* diz respeito as possíveis “fintas” corporais que esses jogadores podem realizar através de movimentos de deslocamentos. Por exemplo, justamente para ludibriar o Levantador adversário, bem como os atacantes, os defensores podem “simular” o deslocamento para frente (para a zona de ataque), mas ficar posicionado no mesmo local (zona de defesa) com o intuito de defender o fundo da quadra. Desse modo, esse signo corporal pode indicar ao Levantador sobre a possível direção do deslocamento dos defensores adversários – *mensagem (Significado)*.

Salienta-se que quando a interação motriz estabelecida entre os momentos for de oposição, como é entre a defesa e o Levantamento, as intenções táticas e estratégicas desses jogadores sempre serão para dificultar as ações e a tomada de decisão de seus adversários. Sendo assim, o Levantador deve ficar atento as fintas e simulações corporais realizadas pelos defensores, pois como já destacado, a finta é um Praxema que não significa o que parece significar (MARTÍNEZ DE SANTOS, 2008), cujo *significante do signo não corresponde a seu significado*. (MOLINUEVO, 1996).

Já o elemento Praxêmico **Flexão de Joelhos (posição de expectativa)** – *signo* (*Significante*) informa ao Levantador sobre quais jogadores estão preparados, atentos e aptos para posteriormente realizar a defesa – *mensagem* (*Significado*). A análise realizada pelo Levantador acerca desse sinal corporal lhe possibilita escolher um atacante ou largar a bola de segunda no defensor que não está nas melhores condições para atuar em seu respectivo momento.

Figura 29 – Defesa adversária.



Fonte: Google Imagem.

8.2.7 Defesa da Equipe

Após o bloqueio defensivo da equipe, os jogadores da defesa são os responsáveis por impedir que a bola vinda do ataque adversário toque o solo. Ao mesmo tempo em que os defensores tem o objetivo de evitar o ponto do oponente, eles também devem facilitar sua ação motriz ao próximo momento do jogo que será o Levantamento. Portanto, a interação motriz expressa entre os defensores e o Levantador de sua equipe configura-se como de cooperação, uma vez que eles devem se relacionar comunicativamente para a construção do contra-ataque.

Além dos elementos não Praxêmicos que o Levantador deve considerar dos defensores da equipe – como suas Características, Qualidades e Habilidades, Posição do Defensor, Tipo de Defesa, Disponibilidade no Jogo, Trajetória, Direção e Velocidade da Bola – têm-se também

aqueles elementos emitidos por meio da linguagem corporal desses jogadores, conforme exposto no Quadro 21.

Quadro 21 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador em relação à defesa da equipe.

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Posicionamento de Mãos/Braços	0	0	0	0	1	1
Flexão de Joelhos (posição de expectativa)	0	0	0	0	1	1
Deslocamento dos Defensores	0	0	0	0	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

À priori, destaca-se que estes elementos são os mesmos citados no momento recepção, mencionados pelo mesmo estudo (LANES, 2018), no qual os apontou como informações relevantes a serem consideradas pelos demais jogadores tanto em relação à recepção quanto à defesa da equipe. Sendo assim, no que diz respeito ao **Posicionamento de Mãos/Braços** – *signo (Significante)*, esse sinal Praxêmico, referente ao ajuste e alinhamento de mãos e braços, indica ao Levantador qual será a ação motriz executada pelo defensor, bem como sua qualidade/condições e a direção da bola, conforme o direcionamento de seus membros superiores – *mensagem (Significado)*.

A **Flexão de Joelhos (posição de expectativa)** – *signo (Significante)* orienta a Leitura Praxêmica do Levantador, uma vez que o informa sobre quais defensores estão aptos e melhores posicionados para efetuar a defesa após a ataque adversário – *mensagem (Significado)*. Essa postura de preparação/espera proporciona a esses jogadores realizem, quando necessário, seu

deslocamento com maior agilidade, para atuar com qualidade e melhor direcionar a bola para a região da quadra adequada ao Levantador.

Já o **Deslocamento dos Defensores** – *signo (Significante)* configura-se como um elemento Praxêmico que indica ao Levantador sobre a direção do deslocamento do defensor, em função do local onde o ataque adversário foi realizado. Além disso, ele informa ao Levantador quais defensores estão no tempo e direção para realizar a defesa, bem como se o jogador chegará a tempo de passar a bola com precisão ao Levantador (defesa de qualidade) – *mensagem (Significado)*. Ao perceber que os defensores de sua equipe terão dificuldades em defender a bola, o Levantador pode antecipar seu próprio deslocamento para conseguir chegar a tempo de executar o Levantamento em condições adequadas para o contra-ataque.

Figura 30 – Defesa da equipe.



Fonte: Google Imagem.

8.2.8 Elementos Gerais

Diferentemente dos momentos apresentados até então, cujos elementos foram agrupados por momentos cooperativos e opositivos, para este subitem, os estudos analisados ainda apontaram informações gerais, ou seja, que não são referentes a um momento ou jogador específico, mas que o Levantador deve considerar para sua Leitura Praxêmica e tomada de decisão. Diferente dos elementos não Praxêmicos, em que foram citadas 14 informações derivadas da lógica externa do

jogo, de situações imprevistas, dos sistemas de jogo, dentre outras, para os elementos gerais que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador foi citada apenas uma informação relevante: Deslocamento/Movimentação dos Jogadores.

Quadro 22 – Elementos gerais que orientam a Leitura Praxêmica do Levantador.

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Deslocamento/Movimentação dos Jogadores	0	0	1	0	2	3

Fonte: Elaborado pela autora.

O **Deslocamento/Movimentação dos Jogadores** – *signo (Significante)* diz respeito a toda forma de movimento realizado por qualquer jogador que estabeleça interação motriz com o Levantador durante o jogo, seja de cooperação ou de oposição. No entanto, para ser considerado um signo Praxêmico do Voleibol, esse movimento deve ter um significado tático ou estratégico para aqueles que o observa, como indicar sobre a disponibilidade dos jogadores no jogo, a direção de seu deslocamento, a posição da quadra e o tempo em que será realizada a ação motriz, os jogadores aptos para atuar em seu respectivo momento, dentre outros – *mensagem (Significado)*. Ratificando essa ideia, para ser considerado um Praxema, as ações do jogo devem ter um significado prático e próprio da lógica interna do Voleibol. São ações motrizes que emergem como produto de um determinado sistema praxiológico, regulamentadas por estatutos particulares e específicos desse regulamento esportivo. (LAGARDERA; LAVEGA, 2003).

Salienta-se ainda que, diferentemente dos elementos gerais não Praxêmicos apresentados no subcapítulo anterior, nesse subitem não foi apontada nenhuma informação oriunda da lógica externa do jogo, pelo fato de que o Praxema se caracteriza pela *conduta motriz* do jogador que atua, emitida pela linguagem de seu próprio corpo. Por ser manifestado apenas quando o jogador realiza

determinada ação motriz, conseqüentemente, o Praxema não pode ser analisado previamente (conhecimento prévio) e tampouco externamente à lógica do Voleibol.

8.2.9 Próprio Levantador

Após sistematizar os elementos Praxêmicos que auxiliam na leitura Praxêmica e na tomada de decisão do Levantador em relação a todos os momentos do jogo e seus respectivos jogadores com quem ele estabelece interações motrizes, por fim, têm-se aqueles elementos emitidos corporalmente pelo próprio Levantador, interpretados e analisados tanto por seus companheiros quanto por seus adversários, antes e durante a realização do Levantamento.

Quadro 23 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica dos demais jogadores em relação ao próprio Levantador.

(continua)

Fontes de Pesquisa Elementos Praxêmicos	Artigos – Portal CAPES/MEC	Artigos – Revistas da Área Ed. F.	Livros – Biblioteca da Instituição	Livros – Biblioteca Grupo de Pesquisa	Catálogo de Teses e Dissertações	Total de Estudos
Salto	3	3	0	0	7	13
Movimento das Mãos/Braços	0	1	1	0	4	6
Movimentação do Levantador	0	1	0	0	3	4
Movimento do Tronco	0	1	3	0	0	4
Movimento da Cabeça	0	1	2	0	0	3
Movimento dos Punhos	0	0	1	0	1	2
Parte Inferior do Corpo	0	1	0	0	1	2

Quadro 23 – Elementos que orientam a Leitura Praxêmica dos demais jogadores em relação ao próprio Levantador.

(conclusão)

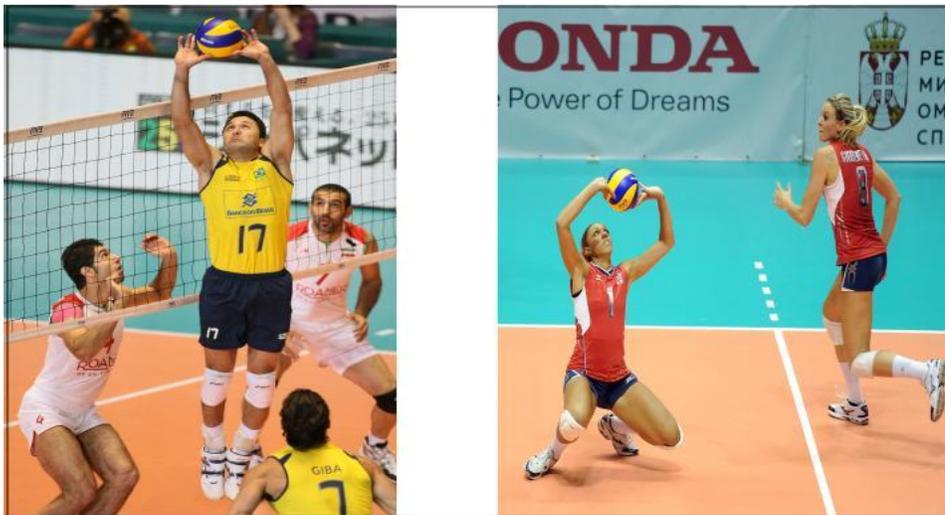
Ação Motriz	0	0	1	0	1	2
Projeção do Quadril	0	0	1	0	0	1
Alinhamento dos Braços	0	0	1	0	0	1

Fonte: Elaborado pela autora.

O **Salto** – *signo (Significante)* foi o elemento Praxêmico mais citado pelas produções científicas analisadas, no qual indica se o Levantamento será em suspensão (com salto) ou em apoio (sem salto), analisado principalmente pelos atacantes da equipe e pelos bloqueadores adversários. Para Marques Junior (2013), o Levantamento se torna mais eficaz se o jogador responsável por atuar nesse momento o realiza mais vezes em suspensão, pois gera maior velocidade no ataque e, conseqüentemente, dificulta a ação do bloqueio. Indo ao encontro dessa ideia, Arruda e Marques Junior (2015) descrevem a relação entre esses Levantamentos e o tipo de ataque, ao afirmar que para bolas rápidas de 1º e 2º tempo, o Levantador realiza o Levantamento com salto, justamente para imprimir maior velocidade a jogada. Já para bolas mais lentas de 3º tempo, o Levantamento é realizado no solo, com trajetórias mais altas.

No estudo de Costa, Barbosa e Gama Filho (2013), em que visou analisar o tipo de Levantamento e o tempo de ataque no Voleibol, os autores concluíram que Levantamentos em suspensão e de 2º tempo de ataque estão associados à obtenção do ponto. Em contrapartida, Levantamentos em apoio e de 3º tempo de ataque estão ligados à continuidade do *rali*. Portanto, a partir desse signo corporal, os atacantes podem antecipar a velocidade da jogada na qual estão propensos a participar. O mesmo acontece para o bloqueio adversário que, ao perceber que o Levantamento foi em suspensão, já pode se preparar para um possível ataque de maior velocidade, e vice-versa – *mensagem (Significado)*.

Figura 31 – Salto: Levantamento em suspensão e Levantamento em apoio.



Fonte: Google Imagem.

O **Movimento das Mãos/Braços** – *signo (Significante)* diz respeito ao posicionamento dos membros superiores do Levantador durante a ação motriz. Essa linguagem corporal é capaz de distinguir, principalmente, a “largada de segunda” dos Levantamentos. De acordo com Machado (2006), esse jogador pode simular com as duas mãos um Levantamento, mas quando a bola estiver próxima a seu corpo, ele retira uma das mãos, usando a outra em um movimento de cima para baixo – *mensagem (Significado)*.

Além disso, esse elemento Praxêmico também informa, tanto a atacantes quanto a bloqueadores, sobre Levantamentos realizados com apenas uma das mãos, geralmente para bolas muito próximas a rede (recepção, cobertura ou defesa de baixa qualidade). Portanto, para esse tipo de Levantamento, dificilmente a bola será direcionada para os atacantes posicionados nas pontas da rede (entrada e saída de rede), devido a distância entre esses jogadores – *mensagem (Significado)*.

Figura 32 – Movimento das Mãos/Braços: largada de segunda e Levantamento com uma das mãos.



Fonte: Google Imagem.

Como um elemento mais geral relativo à expressão corporal emitida pelo Levantador, tem-se a **Movimentação do Levantador** – *signo (Significante)*, na qual refere-se as movimentações gerais desse jogador pelo espaço da quadra, antes e durante a realização do Levantamento propriamente dito. Para Matias (2015, p. 110), na realização de sua ação, o Levantador pode “indicar propositalmente uma intenção para a observação dos bloqueadores, sobretudo em relação ao central, mas executar uma ação contrária na expectativa da ausência ou atraso do oponente ao ter que se posicionar em direção à opção ofensiva eleita”. Perante essa finta que objetiva ludibriar os bloqueadores, estes devem ler e interpretar os movimentos corporais do Levantador para depois tomar a melhor decisão quanto ao local da rede a direcionar-se – *mensagem (Significado)*.

O **Movimento do Tronco** – *signo (Significante)* configura-se como um elemento Praxêmico que dá indícios aos demais jogadores sobre a direção e a profundidade em que será, posteriormente, realizado o ataque – *mensagem (Significado)*. Inversamente ao Levantamento para a frente, quando a ação motriz utilizada for o toque, em Levantamentos para traz, a extensão do tronco será para cima e para traz, enquanto que em Levantamentos laterais, o tronco movimentar-se lateralmente em relação à direção da bola (inclinação lateral do tronco).

Na fase da iniciação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol, geralmente o Levantador direciona a bola ao atacante que está a sua frente, por ser de mais fácil execução e menor complexidade. A partir do aumento do repertório desse jogador e de seu

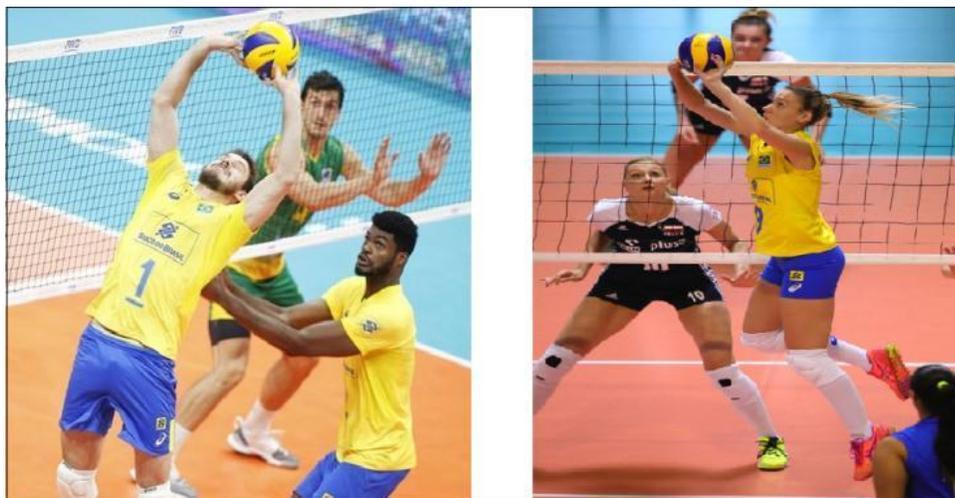
aprimoramento, poderão ocorrer variações nessas jogadas quanto ao direcionamento da bola para traz e para as laterais. (RIBAS, 2014).

Assim como o Movimento do Tronco, o elemento Praxêmico **Movimento da Cabeça** – *signo (Significante)* também informa aos demais jogadores sobre a direção da bola após a atuação do Levantador, ou seja, para qual atacante a bola será direcionada – *mensagem (Significado)*. Ele refere-se, pontualmente, à “inclinação da cabeça” do jogador ao levantar a bola para traz, uma vez que nesse tipo de Levantamento, quando realizado por meio do toque, o jogador acaba projetando, involuntariamente, sua cabeça na mesma direção da trajetória da bola.

O **Movimento dos Punhos** – *signo (Significante)* refere-se aos movimentos de flexão/extensão/inclinação dos punhos durante a execução do toque. Essa expressão corporal também informa sobre o local para onde a bola será direcionada (qual ataque será acionado) – *mensagem (Significado)*. Indo ao encontro da relação contracomunicativa expressa entre esses momentos do Voleibol, o Levantador pode fingir seus bloqueadores simulando um Levantamento para frente e, no último instante, direcionar a bola para traz a partir de um movimento leve de extensão de punho, surpreendendo seus oponentes. Por meio desse signo corporal e de sua respectiva finta, o Levantador pode proporcionar melhores condições a seus atacantes, perante bloqueios de menor composição.

No que diz respeito à proximidade dos elementos dispostos em sequência, o próximo a ser apresentado é a **Projeção do Quadril** – *signo (Significante)*, mesmo não estando na ordem indicada pelo Quadro 23. Assim como o Movimento do Tronco, da Cabeça e dos Punhos já apresentados, a Projeção do Quadril também orienta a leitura e a tomada de decisão dos demais jogadores quanto ao direcionamento do Levantamento. Inversamente proporcional ao movimento, quando o Levantamento for realizado de toque e para traz, a projeção do quadril será para frente, enquanto que na execução do toque para frente, o quadril será projetado para traz. Já nos Levantamentos laterais, quando o jogador for executar o toque, seu quadril, automaticamente, será projetado para o lado contrário a direção da bola – *mensagem (Significado)*. Assim, a partir da Leitura Praxêmica desse elemento, atacantes e adversários podem antecipar-se à direção do Levantamento, considerando que ela sempre será inversamente proporcional à direção do movimento do quadril desse jogador.

Figura 33 – Movimento do Tronco, Movimento da Cabeça, Movimento dos Punhos e Projeção do Quadril.



Fonte: Google Imagem.

A expressão corporal representada pela **Parte Inferior do Corpo** – *signo* (*Significante*) corresponde aos movimentos dos membros inferiores do Levantador, indicando a atacantes e, principalmente, a adversários sobre a direção do deslocamento desse jogador, bem como a forma como ele irá se posicionar em quadra antes de sua atuação: de frente para o ponteiro, para o central ou para o oposto – *mensagem* (*Significado*).

Figura 34 – Parte Inferior do Corpo – membros inferiores.



Fonte: Google Imagem.

A **Ação Motriz** do toque, da manchete e demais recursos – *signo (Significante)* também podem ser considerados como elementos Praxêmicos, sendo que por meio deles o Levantador atua de diferentes formas durante as situações do Levantamento. Mediante ao toque, ação motriz mais utilizada no Levantamento, o jogador pode atuar com maior velocidade, de modo que a bola terá direção e trajetória mais precisas. Com a manchete, geralmente o Levantamento caracteriza-se por ser mais lento e de menor precisão quanto a direção e a trajetória da bola. Além disso, a manchete é considerada mais previsível e passível de leitura em relação as mensagens manifestadas corporalmente pelo Levantador, o que facilita a interpretação de suas intenções táticas por parte dos adversários.

Figura 35 – Ação Motriz: toque e manchete.



Fonte: Google Imagem.

Por fim, a informação corporal acerca do **Alinhamento dos Braços** – *signo (Significante)* refere-se a Levantamentos laterais, quando, por meio do toque, o braço correspondente ao lado em que a bola será destinada fica visivelmente mais baixo que o outro. A partir desse sinal Praxêmico torna-se possível identificar para qual atacante o Levantador direcionará a bola – *mensagem (Significado)*.

Figura 36 – Alinhamento dos Braços: Levantamento lateral.



Fonte: Google Imagem.

Como apontamentos finais acerca dos elementos Praxêmicos manifestados pelo próprio Levantador, pode-se destacar que o toque se configura como a ação motriz mais utilizada nesse momento do jogo, sendo realizada sempre que possível pelo Levantador. Isso se justifica na medida em que, além da precisão e eficácia do toque, ele também auxilia o jogador no processo de oposição estabelecido com bloqueadores e defensores. (LANES, 2018). A partir dos conhecimentos sobre as interações motrizes e os conceitos de (contra)comunicação da Praxiologia Motriz, pode-se afirmar que “a ação de levantar em forma de toque se constitui na única possibilidade de fintar/enganar a ação do bloqueio e defesa adversária (interação de oposição), posto que a manchete possibilita uma leitura praxêmica mais previsível”. (RIBAS, 2014, p. 86).

A partir de recursos e estratégias que os jogadores têm para fintar e ludibriar seus adversários por meio de seu próprio corpo - linguagem corporal, o Levantador deve, sempre que possível, atuar por meio do toque, mesmo quando a recepção/cobertura/defesa for de baixa qualidade. Nessas situações, ele pode antecipar seu próprio deslocamento ao perceber a dificuldade de seus companheiros, com o intuito de chegar a tempo e em condições mais adequadas para realizar o toque. Ao mesmo tempo, seus adversários devem atentar-se a essas fintas corporais para interpretá-las e decifrar com antecedência o verdadeiro *significado de seu significante*.

Constata-se ainda que dos 10 elementos Praxêmicos expostos no Quadro 23, cinco têm como *mensagem (Significado)* o direcionamento da bola e, portanto, concediam a informação sobre qual dos atacantes provavelmente seria o responsável por efetuar o ataque. Em todos os cinco signos Praxêmicos, o toque foi indicado como a ação motriz pela qual seria possível obter a

informação sobre o direcionamento da bola, assim como também ludibriar essa mensagem aos adversários. Isso corrobora com o que foi escrito acima sobre o toque ser o recurso mais apropriado ao Levantamento no que diz respeito à possibilidade de realização de fintas e à restrição na decodificação de mensagens por parte dos oponentes.

Por fim, evidencia-se que antes mesmo da bola ser direcionada pelo Levantador a determinado atacante, é possível que seus companheiros e adversários possam se antecipar a suas ações a partir da leitura, análise e interpretação dos sinais manifestados corporalmente pelo Levantador. Essa análise pode ser realizada anteriormente à própria distribuição da jogada, ou seja, antes mesmo da bola “sair” da mão do Levantador, o que precede a leitura daqueles elementos considerados não Praxêmicos.

Sendo assim, para a antecipação do elemento não Praxêmico - Direção da Bola, têm-se os elementos Praxêmicos: Movimento do Tronco, Movimento da Cabeça, Movimento dos Punhos, Projeção do Quadril e Alinhamento dos Braços. Já em relação ao elemento não Praxêmico - Tipo de Levantamento, pode-se antecipar qual recurso será utilizado pelo Levantador por meio da análise da Ação Motriz e do Movimento das Mãos/Braços desse jogador, ambos elementos Praxêmicos. Quanto ao elemento não Praxêmico - Velocidade da Bola, torna-se possível antecede-lo através da observação corporal relativa ao Salto, uma vez que a partir desse elemento Praxêmico (Levantamento em suspensão ou em apoio) é possível certificar-se sobre a velocidade das jogadas de ataque (ataques de 1º, 2º e 3º tempo).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que no Voleibol o tempo destinado aos jogadores para atuarem e contatarem com a bola é extremamente curto, justamente pela habilidade motora que rege essa modalidade, seus participantes precisam ser muito ágeis ao executar determinada ação motriz e, anteriormente a isso, ao acionar os processos cognitivos necessários. Em decorrência disso, vê-se a importância de desenvolver no ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol os processos de percepção, atenção, antecipação, memória, pensamento, inteligência e tomada de decisão, bem como instigar os alunos a interpretar os Praxemas manifestados pelos demais jogadores, pois quanto melhor for sua leitura e interpretação, melhores serão as alternativas de antecipação e seu sucesso tático.

Estas capacidades necessárias para o bom desempenho do jogador implicam no desenvolvimento e aprimoramento de seu conhecimento declarativo (saber o que fazer) e do conhecimento processual (saber como fazer). O sucesso de um jogador em situações reais do Voleibol demanda da velocidade com que ele consegue perceber e analisar os sinais relevantes do ambiente e da própria movimentação de companheiros e adversários, para antecipar-se a esses participantes e às situações-problema do jogo. Por isso, a capacidade antecipatória é considerada de extrema importância para o jogo, na tentativa de tomar decisões bem-sucedidas em esportes de bolas rápidas, como é o caso do Voleibol. (RAMOS, 2007).

No que diz respeito ao Levantador, seu processo decisório pode ser influenciado por diferentes aspectos, dentre eles a própria estrutura do jogo, ou seja, sua lógica interna, as informações que o meio lhe fornece e sua experiência (tempo de prática). Nos resultados obtidos no estudo de Bordini (2015), constatou-se que levantadores mais experientes tendem a ser menos previsível em suas decisões em relação a seus adversários, quando comparados a levantadores menos experientes. As experiências vividas pelos jogadores são fatores que podem influenciar em seu desempenho, uma vez que “quanto maior o domínio e a experiência em uma modalidade, melhores são o uso das informações disponíveis, a capacidade de percepção e a velocidade com que são tomadas decisões no jogo”. (PORATH et al., 2016, p. 85).

A partir do objetivo desta pesquisa em sistematizar os elementos relativos à linguagem corporal dos jogadores de Voleibol que orientam a Leitura Praxêmica e a tomada de decisão do Levantador, pode-se constatar que por meio da emissão de Praxemas, sejam eles facilitados (cooperação) ou dificultados (oposição), as interações de comunicação e de contracomunicação que caracterizam o Voleibol de fato se materializam. Além dos Praxêmicos, também foram sistematizados aqueles elementos emergentes do contexto do jogo e do conhecimento prévio sobre os participantes, os chamados elementos não Praxêmicos.

Fundamentado nos resultados desta pesquisa, é possível afirmar que ambos tipos de elementos se complementam no contexto do jogo, sendo capazes de orientar a leitura e a tomada de decisão do Levantador durante as mais variadas situações motrizes. Juntamente com sua devida leitura, análise e interpretação, tais elementos podem auxiliar esse jogador na construção de seu conhecimento declarativo e processual, tomando a decisão mais apropriada no momento do jogo pelo qual é responsável – o Levantamento.

Diante deste exposto, entende-se necessário destacar aos profissionais que trabalham com o Voleibol nos seus mais diversos contextos de inserção, desde professores de Educação Física escolar, instrutores de atividades para o lazer até treinadores de alto rendimento, algumas questões acerca destes conhecimentos e do ensino dessa prática esportiva. Na fase de iniciação esportiva do Voleibol, na maioria das vezes, prima-se pelo “padrão de movimento”, em que a execução correta do gesto técnico ganha destaque. Em contrapartida, em fases mais avançadas do ensino do Voleibol, quando a contracomunicação ganha maior relevância para o jogo, ressalta-se que o jogador deve se sobressair a equipe oponente por meio da realização de ações motrizes e de expressões corporais dificultadas, com a intenção de ludibriar os adversários e comprometer a decodificação das mensagens. Para isso, os jogadores devem ser ousados e realizem fintas corporais, justamente para surpreender seus oponentes e induzi-los ao erro quanto a interpretação de seus Praxemas. Desse modo, o jogador que antes deveria ter um movimento padrão na realização de sua ação motriz, agora precisa “fugir desse padrão” até então referenciado, evitando realizar movimentos que informem sobre a ação que verdadeiramente será por ele executada.

Então, qual seria o caminho didático mais adequado a ser adotado no ensino do Voleibol? Em sua prática pedagógica, os profissionais consideram os elementos peculiares da lógica interna do Voleibol estreitamente enfatizados pela Praxiologia Motriz? A partir deste exposto e de seus devidos questionamentos, defende-se que, primeiramente, o profissional deve atentar-se a lógica interna do esporte que pretende ensinar, pois é por meio desse conhecimento que se torna possível identificar os elementos essenciais que devem ser enfatizados durante todo o processo de ensino. Compreendendo que no Voleibol os jogadores se relacionam com companheiros e adversários, simultaneamente, e que para atingir o objetivo do jogo ambas interações devem ser efetivadas por meio de informações extraídas corporalmente, tais características devem ser desdobradas e exploradas em suas múltiplas facetas.

De acordo com Gouvea (2005), desenvolver seguimentos de aulas ou sessões de treinamento repetindo apenas a execução de levantamentos podem levar o jogador ao aprimoramento dos gestos técnicos. No entanto, a melhoria qualitativa dessas ações em situações reais de jogo não é garantida dessa

forma, uma vez que apenas a repetição exacerbada não é suficiente para o sucesso. O jogador precisa antecipar e analisar, constantemente, as ações dos adversários para que possa neutralizá-las. Ainda segundo o autor, “a simples repetição desses atos não será tão produtiva caso não esteja acompanhada de informações que possam enriquecer o aspecto cognitivo das atletas e isso permite elevar o entendimento delas sobre as inúmeras possibilidades do jogo e como agir diante delas”. (GOUVEA, 2005, p. 58).

É em relação a esses e outros conceitos que a Praxiologia Motriz se caracteriza como um significativo conhecimento científico que visa evidenciar os elementos essenciais à lógica interna das mais diversas práticas motrizes que compõem a área da Educação Física. Tais elementos devem ser enfatizados durante todo o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol, pois são eles que descrevem a prática e caracterizam-na, independentemente do contexto em que estiver inserida. Portanto, é de suma importância que antes de iniciar o processo de ensino do Voleibol, o profissional tenha o entendimento da lógica interna e dos elementos que caracterizam a prática, conhecimentos estes que também devem ser trabalhados com seus alunos ou atletas.

No que diz respeito a sistematização apresentada por esta pesquisa acerca dos elementos Praxêmicos e não Praxêmicos, ainda pode-se destacar que antes de utilizar este instrumento teórico como parâmetro para o ensino do Voleibol, o profissional deve certificar-se qual a fase ou ciclo de desenvolvimento de seus alunos ou atletas: iniciação, especialização, aprofundamento ou alto nível. Paralelamente a isso, deve-se também considerar o nível de complexidade dos referidos elementos sistematizados, tendo em vista que os elementos provenientes da interação de cooperação são de menor complexidade, pois nela as mensagens e as informações, assim como sua leitura e a interpretação, são facilitadas aos companheiros de equipe. Todavia, quando os elementos forem oriundos da interação de oposição, seu nível de complexidade será maior, devido ao caráter dessa interação motriz e a dificuldade interpretativa por parte dos oponentes de equipe.

Por exemplo, na fase de iniciação, aconselha-se que o profissional enfatize, principalmente, os elementos manifestados por companheiros, pois serão de menor complexidade, indo ao encontro do nível de aprendizagem dos alunos. Já para o alto rendimento, os elementos Praxêmicos e não Praxêmicos que devem ser acentuados nessa fase de aprendizagem são aqueles oriundos da interação de oposição, considerados de maior complexidade. Com isso, o professor ou treinador deve proporcionar a seus jogadores estruturas de atividades, balizadas por métodos de ensino condizentes, que contemplem esses conhecimentos e os processos cognitivos essenciais para sua atuação autônoma perante as situações-problema impostas constantemente pelo jogo. Ainda, destaca-se que além do profissional

considerar o nível de complexidade dos elementos Praxêmicos e não Praxêmicos sistematizados, ele também pode levar em consideração o nível de importância/relevância de tais elementos para o Voleibol, de acordo com seus conhecimentos, com os objetivos pedagógicos que balizam o processo de ensino, bem como o conhecimento e a realidade de seus alunos.

À mercê deste entendimento, pretendeu-se construir um instrumento teórico com o intuito de auxiliar profissionais da área, apontando conhecimentos, conceitos e informações que devem ser considerados em sua prática pedagógica, conforme a realidade do aluno, o contexto de inserção e seu nível de aprendizagem. A partir da Praxiologia Motriz e de seus conhecimentos relativos aos signos e sinais corporais por meio dos quais os jogadores podem se (contra)comunicar, objetivou-se propor um caminho didático que orientasse o trabalho do professor ou treinador, servindo de parâmetros para sua prática pedagógica.

Vale ainda ressaltar que o objetivo desta pesquisa não foi delimitá-la a um único âmbito de ensino, pois os conceitos abordados podem ser empregados tanto no ensino escolar quanto no processo de treinamento esportivo. Cabe, portanto, ao leitor direcionar sua prática pedagógica a partir do contexto no qual está inserido e do nível de aprendizagem dos jogadores, utilizando-se de artifícios metodológicos que oportunizem e instiguem o desenvolvimento dos elementos supracitados.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J.; GARGANTA, J.; MESQUITA, I. A tomada de decisão no desporto: o papel da atenção, da antecipação e da memória. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano**, Florianópolis, v. 14, n. 5, p. 592-601, 2012.
- ARRUDA, D.; MARQUES JUNIOR, N. K. Estudos dos fundamentos de jovens jogadoras do Voleibol feminino. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 9, n. 56, p.730-751, nov./dez. 2015.
- BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e Esporte**. Barueri: Manole, 2011.
- BENTO, J. O. **Contexto da Pedagogia do Desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BENTO, J. O. **Desporto, saúde, vida**: em defesa do desporto. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORDINI, F. L. et al. Efeito da oclusão de informações espaciais na cortada do Voleibol sobre a tomada de decisão defensiva em atletas com diferentes níveis de experiência. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 24, n. 3, p. 331-343, 2013.
- BRASIL, I. B. G. **Avaliação dos saberes corporais do jogo de handebol**: Praxiologia Motriz e Pedagogia do Esporte. 2016. 75 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.
- BRASIL, Ministério do Esporte. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/index.html>>. Acesso em: 18 maio 2018.
- CAMPOS, F. A. D. et al. Eficácia do saque, ataque e bloqueio no Voleibol masculino brasileiro. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 4, p. 275-278, out./dez. 2015.
- CASTRO, H. O. **Análise do comportamento visual e da tomada de decisão no Voleibol**. 2015. 110 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- CASTRO, H. O. et al. Interação no Curso das Ações de Saque e Bloqueio no Voleibol Juvenil. **Conexões**, Campinas, v. 12, n. 3, p. 34-54, jul./set. 2014.
- CÉSAR, B.; MESQUITA, I. Caracterização do ataque do jogador oposto em função do complexo de jogo, do tempo e do efeito de ataque: estudo aplicado do Voleibol feminino de elite. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 59-69, jan./mar. 2006.

COSTA, G. C. T. et al. Análise das estruturas do Complexo I à luz do resultado do set no voleibol feminino. **Motricidade**, v. 10, n. 3, p. 40-49, 2014.

COSTA, G. C. T. et al. Análise do ataque do jogador de ponta no Voleibol brasileiro masculino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, 2019. No prelo.

COSTA, G. C. T. et al. Associação entre o efeito dos procedimentos de recepção e jogo no Vôlei brasileiro de alto nível: o caso da equipe feminina campeã da Superliga. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 19, n. 6, nov./dez. 2017b.

COSTA, G. C. T. et al. Determinantes táticos do jogo praticado pelo atacante médio no Voleibol masculino. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 18, n. 3, maio/jun. 2016a.

COSTA, G. C. T. et al. Relação entre o tempo, o tipo e o efeito do ataque no Voleibol masculino juvenil de alto nível competitivo. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 12, n. 6, p. 428-434, 2010.

COSTA, G. C. T. et al. Relação saque, recepção e ataque no Voleibol juvenil masculino. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 1, p.11-18, jan./mar. 2011.

COSTA, G. C. T. et al. Voleibol masculino de alto nível: associação entre as ações de jogo no side-out. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 27, n. 1, p. 1-15, 2016b.

COSTA, G. C. T. et al. Voleibol: análise do ataque realizado pela quadra de fundo na Superliga Masculina de Voleibol (Campeonato Brasileiro). **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 19, n. 2, mar./abr. 2017a.

COSTA, G. C. T.; BARBOSA, R. V.; GAMA FILHO, J. G. A modulação do ataque no Voleibol de alto nível: o caso da Superliga feminina 2011-2012. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 24, n. 4, p. 545-557, 2013.

COSTA, I. T.; CARDOSO, F. Avaliação da cognição no futebol: limitações e avanços científicos. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: Udesc, 2013. p. 225-246.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

DORDINI, F. L. **Análise das ações dos Levantadores nos diferentes processos de jogo no Voleibol**. 2015. 234 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

DORNELLES, R. F. M. **Avaliação das capacidades técnico-táticas na modalidade de Voleibol infantil feminino**. 2009. 90 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DURAN, C. et al. Educación física emocional en adolescentes. Identificación de variables predictivas de la vivencia emocional. **Cultura, Ciencia y Deporte**, Guadalupe, v. 10, n. 28, p. 5-18, 2015.

FAGUNDES, F. M. et al. As interações motrizes do Saque e da Recepção e suas influências no Voleibol: uma compreensão praxiológica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. esp., p. 225- 242, dez. 2017.

FAGUNDES, F. M.; RIBAS, J. F. M. A dinâmica do Voleibol sob as lentes da Praxiologia Motriz: uma análise praxiológica do levantamento. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 134-149, 2017.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

FRÖNHER, B. **Vóleibol, juegos para el entrenamiento**. Buenos Aires: Stadium, 2012.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte e Basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-93, jul./dez. 2012.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, Campinas, v. 6. n. esp., p. 397-408, 2008.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte: tensão na Ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos. 2006. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOUVEA, F. L. **Análise das ações de jogos de Voleibol e suas implicações para o treinamento técnico-tático da categoria infante-juvenil feminina (16 e 17 anos)**. 2005. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Portugal, v. 7, n. 3, p. 401-421, dez. 2007.

GRECO, P. J. Cogni(a)ção: conhecimento, processos cognitivos e modelos de ensino-aprendizagem-treinamento para o desenvolvimento da criatividade (tática). **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Portugal, v. 4, n. 2, p. 56-59, set. 2004.

GRECO, P. J. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 210-212, set. 2006a.

GRECO, P. J. Conhecimento técnico-tático: o modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e Exercício**, Brasília, v. 0, n. 1, p. 107-129, 2006b.

GRECO, P. J. Métodos de Ensino-aprendizagem-treinamento nos Jogos Esportivos Coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Orgs.). **Temas atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 2001. p. 48-72.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

HERNÁNDEZ MORENO, J.; RODRIGUES RIBAS, J. P. **La Praxiología Motriz: fundamentos y aplicaciones**. Publisher: INDE, 2004.

JIMÉNEZ JIMÉNEZ, F. Análisis estructural de las situaciones de enseñanza en los deportes colectivos. **Acción Motriz**, Gran Canaria, n. 6, p. 39-57, enero./jun. 2011.

JOÃO, P. V.; PIRES, P. M. Eficácia do Side-out no Voleibol sénior masculino em função do jogador interveniente. **Motricidade**, v. 11, n. 4, p. 142-150, 2015.

LAGARDERA, F.; LAVEGA, P. **Introducción a la Praxiología Motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

LANES, B. M. **Ensino-aprendizagem-treinamento do Voleibol: Proposições a partir da Praxiologia Motriz e o Método Situacional**. 2018. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MACHADO, A. A. **Voleibol: do aprender ao especializar**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARCELINO, R. et al. Estudo dos indicadores de rendimento em Voleibol em função do resultado do set. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 69-78, jan./mar. 2010.

MARCHI JÚNIOR, W. **Sacando o Voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARQUES JUNIOR, N. K. Evidências científicas sobre os fundamentos do Voleibol: importância desse conteúdo para prescrever o treino. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 7, n. 37, p.78-97, jan./fev. 2013.

MARTÍNEZ DE SANTOS, R. Ser e parecer en los juegos deportivos. Una introducción a la Semiotricidad. In: CONGRESO ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE CIENCIAS DEL DEPORTE, 5., 2008, León. **Anais...** León: FCAFDL, 2008. Disponível em: <<http://www.cienciadeporte.com/images/congresos/leon/ciencias%20sociales/martinezser.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

MATIAS, C. J. A. S. **Construção do conhecimento e a estruturação das decisões do Levantador de Voleibol no núcleo do sistema ofensivo na ação situada e incorporada**. 2015.

257 p. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MATIAS, C. J. A. S. **O conhecimento tático declarativo e a distribuição de jogo do levantador de Voleibol**: da formação ao alto nível. 2009. 260 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Atribuição dada pelo levantador em sua organização ofensiva ao papel do treinador: da base ao alto nível do Voleibol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 38, n. 4, p. 392-399, 2016.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências e Cognição**, Minas Gerais, v. 15, n. 1, p. 252-271, 2010.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Conhecimento tático-estratégico dos levantadores brasileiros campeões de Voleibol: da formação ao alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 513-535, jul./set. 2011b.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador. **Revista Mackenzie da Educação Física e Esporte**, v. 10, n. 2, p. 49-63, 2011a.

MOLINUEVO, J. S. **Análisis praxiológico de los deportes de equipo**: una aplicación al futbolsala. 1996. 928 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidad Politécnica de Madrid, Las Palmas de Gran Canarias, 1996.

MOURA, C. C. et al. Pedagogia do Esporte: a importância da utilização da situação problema no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportes coletivos. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-5, 2008.

OLIVEIRA, D. C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out./dez. 2008.

OLIVEIRA, R. V. de; RIBAS, J. F. M.; GOMES-DA-SILVA, P. N. Relação entre o Praxema e as Interações Motrizes: implicações nos processos de leitura de jogo e tomada de decisão nos jogos esportivos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 473-483, abr./jun. 2018.

PAES, R. R. **Educação Física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ulbra, 2001.

PARLEBAS, P. **Juegos, deporte y sociedad**. Léxico de Praxiología Motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PARLEBAS, P. **Perspectivas para una Educación Física moderna**. Málaga: Unisporte, 1987.

PARLEBAS, P. Prefácio. In: RIBAS, J. F. M. (Org.). **Praxiologia Motriz e Voleibol**: elementos para o trabalho pedagógico. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 11-13.

PIMENTEL, R. M.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2010.

PORATH, M. et al. Nível de desempenho técnico-tático e a classificação final das equipes catarinenses de Voleibol das categorias de formação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 84-92, 2016.

PORATH, M. **Nível de desempenho técnico-tático das equipes catarinenses de Voleibol nas categorias de formação**. 2012. 162 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RAMOS, M. H. K. P. **Avaliação do desenvolvimento das capacidades técnico-táticas em equipes de Voleibol infantil masculino catarinense**. 2007. 101 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

RAMOS, M. H. K. P. et al. Estrutura interna das ações de levantamento das equipes finalistas da Superliga masculina de Voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 33-37, dez. 2004.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

RIBAS, J. F. M. **Praxiologia Motriz e Voleibol: elementos para o trabalho pedagógico**. Ijuí: Unijuí, 2014.

ROCHA, C. M.; BARBANTI, V. J. Uma análise dos fatores que influenciam o ataque no Voleibol masculino de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 303-314, out./dez. 2004.

ROCHA, M. A. **Estudo das habilidades técnicas do ataque na posição quatro do Voleibol**. 2009. 143 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROSE JUNIOR, D. **Modalidades Esportivas Coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia**. São Paulo: Manole, 2002.

SANTINI, J.; LIMA, L. D. C. **Voleibol Escolar: da Iniciação ao Treinamento**. Canoas: ULBRA, 2007.

SERENINI, A. L. P.; FREIRE, A. B.; NOCE, F. Voleibol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Iniciação esportiva universal 2**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 249-284.

SHONDELL, D. S.; REYNAUD, C. **A Bíblia do Treinador de Voleibol**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOARES, L. E. S.; GOMES-DA-SILA, P. N.; RIBAS, J. F. M. Comunicação motriz nos jogos populares: uma análise praxiológica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 159-182, jul./set. 2012.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M.; MELO, M. S. T.; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 31-49, jul./set. 2010.

TAVARES, F.; GRECO, P. J.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. In: TANI, G.; BENTO, O. J.; PETERSEN, S. D. R. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 284-298.

URIBE PAREJA, I. D. Iniciación deportiva y Praxiología Motriz. **Lecturas: Educación Física e Deporte**, Buenos Aires, v. 19, n. 2, p. 69-74, 1997.